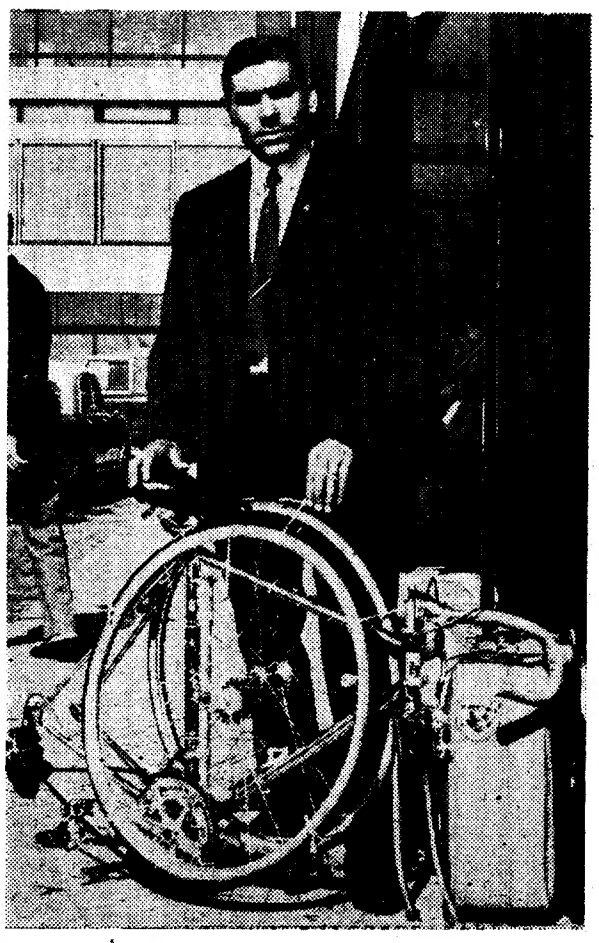
O PRESTÍGIO DE GOLDA MEIER AMEAÇA A CANDIDATURA DE DAYAN (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1969 N.º 16 708 ANO 49.º UM ESCUDO

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

O TERCEIRO PORTUGUÊS NA «VOLTA À FRANÇA»



Durante um mês (se chegar ao fim, como se espera), um português solitário, entre mais de 100 idolos internacionais, percorrerá as estradas de França na maior prova do ciclismo mundial. Com 26 anos de idade e um ano apenas de ciclista profissional, Joaquim Agostinho é o terceiro português — depois de Alves Barbosa e Ribeiro da Silva — a ter a honra de participar no «Tour». Agostinho partiu esta manhã com a sua companheira bicicleta e, entre alegre e nervoso, declarou-nos: «Sei que só com muita força de vontade (que não me falta) conseguirei uma boa classificação.» (Ler notícia na ultima página).

COMBATE AÉREO NA ZONA DO SUEZ

CAIRO, 26 — (F. P.) — Caças egípcios e israelitas travaram hoje de manhã pelas 9 horas locais um combate no litoral do Mar Vermelho a uns 30 quilómetros a oriente do Suez — anunciou o informador militar egípcio.

Segundo este informador vários caças israelitas teriam tentado penetrar no espaço aéreo egípcio provocando a intervenção imediata da aviação da R. A. U.

Durante o combate foram atingidos dois caças israelitas.

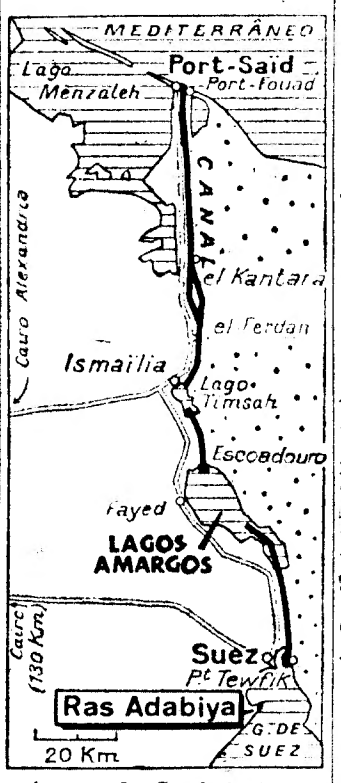
O informador indicou ainda que o combate foi bastante violento. Todos os aparelhos egípcios regressaram ás suas bases.

INFORMAÇÃO ISRAELITA

TEL-AVIV, 26 — (A. N. I.) — Um «caça» a jacto egípcio «Mig-21», de fabrico russo, foi hoje abatido sobre o golfo do Suez por aviões militares israelitas em novo combate aéreo na região — anunciam informadores militares de Tel-Aviv.

Os informadores, que afirmam que todos os aviões israelitas regressaram á base, revelaram que o combate teve início ás 8 horas e 30 minutos, altura

(Continua na 16.ª página)



A zona do Canal de Suez onde egípcios e israelitas enveredaram por uma «guerra de comandos», acompanhada de combates aéreos

Operários ingleses poderão seguir para Gibraltar

LONDRES, 26 — (F. P.) — A Espanha agiu de maneira «totalmente arbitrária» rejeitando o «pedido razoável» apresentado pela Grã-Bretanha acerca da abertura de um serviço britanico de «ferry-boats» entre Gibraltar e o porto espanhol de Algeciras, decla-

(Continua na página seguinte)

MESA REDONDA

AMANHÃ NESTE SUPLEMENTO PUBLICAMOS:

A FUNÇÃO SOCIAL DA CRÍTICA
— mesa-redonda em que participaram Alberto Ferreira, Eduardo Prado Coelho, Fernando Conduto, Mário Castrim, Natália Correia e Rocha de Sousa

QUE ENTENDE POR ESQUERDA E DIREITA?
— inquérito a que respondem o prof. Martins de Carvalho e o dr. Armando Bacelar

O DRAMA DA HABITAÇÃO EM LISBOA
— introdução ao problema pelo arquitecto Francisco Keil do Amaral

O TEATRO FANTÁSTICO DO S. JOÃO NO PORTO
— por Urbano Tavares Rodrigues

OS DIREITOS DO CIDADÃO PORTUGUÊS
— por Civicus

FAZ AGORA NOVE MESES

A CORRIDA RUSSO AMERICANA PARA VÉNUS. PARA QUE SERVE E COMO FUNCIONA A ASSEMBLEIA NACIONAL?, ETC., ETC.

A TRAGÉDIA DO ZAMBEZE

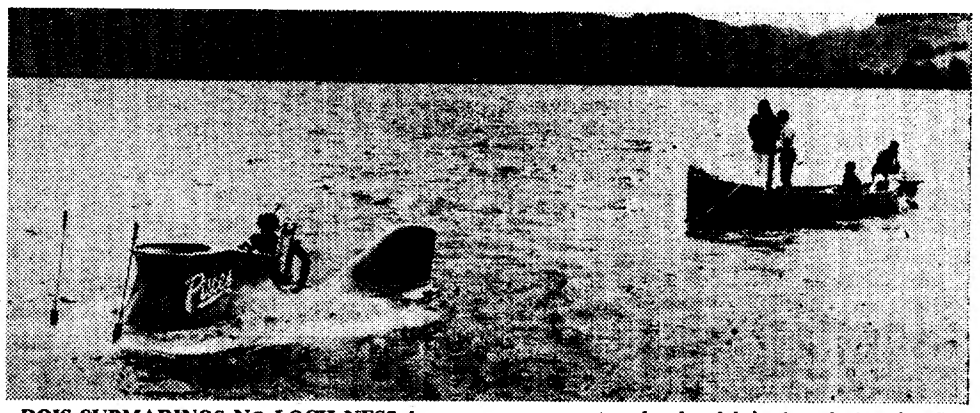
NUMEROSOS CORPOS AINDA POR RECUPERAR

BEIRA, 26 — (L.) — Mantinha-se com os faróis acesos, apesar de ter permanecido três dias no fundo do rio, uma das sete viaturas ontem retiradas do Zambeze.

Apesar de prosseguirem com a maior intensidade as buscas no rio, nas ilhas e nas zonas marginais, com meios terrestres, aéreos e navais e com equipas de mergulhadores especializados, há numerosos corpos ainda por recuperar.

É o caso, por exemplo, do mecanico do batelão, Manuel Carmo, de 38 anos, natural da Nazaré e residente há doze anos em Moçambique, casado com Maria Alice Lopes Carmo e pai de quatro menores, o qual, aliás, já conhecia a

(Continua na ultima página)



DOIS SUBMARINOS NO LOCH NESS é caso para o «monstro» local, celebrizado pela imaginação e pelos jornais, começar a temer pela sua segurança. O «Pisces», que vemos na fotografia, é propriedade da Vickers of Barrow e destina-se a pesquisas de «tecnologia submarina». Foi, contudo, admitido por um informador da empresa que se o «mostro» for encontrado pelo mini-submarino, a «tripulação terá de tirar o submersível do lago». A outra nave que perturba a tranquilidade do simpático, sossegado e britânico «monstro», é pilotada pelo oceanógrafo norte-americano Dan Taylor, que pretende, declaradamente, esclarecer o enigma do Loch Ness

Cerca de 200 produções foram este ano apuradas para o Grande Prémio de Publicidade

Pelo elevado número de produções enviadas, que atingem quase as duas centenas, pode avaliar-se o interesse e o entusiasmo das Agências e Serviços de Publicidade e, também, dos publicitários profissionais que aguardam, com justificada expectativa, a classificação a fornecer pelo júri depois da reunião marcada para esta semana.

Previsto no Regulamento que cada Agência ou Serviço de Publicidade poderia concorrer com número ilimitado de anúncios da sua produção, foram entregues no «Diário de Lisboa» número expressivo de anúncios, a preto e branco e a cores, devidos às suas equipas especializadas na arte publicitária, onde estão integrados alguns dos mais notáveis artistas gráficos portugueses.

Como é natural, o objectivo maior será a conquista do Grande Prémio «Diário de Lisboa», este ano

(Continua na 13.ª página)

HOJE 36 PAGINAS VISADO PELA CENSURA

Edição da noite

Um colóquio sobre política de habitação no L. N. E. C.

O Ministério das Obras Publicas promove, durante toda a próxima semana, no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, um «Colóquio sobre política de habitação», com o qual se procura, através do debate aberto da questão, obter sugestões para a resolução, de forma intensiva e coordenada ao nível nacional, do problema da carência de habitações.

Na segunda-feira, para início dos trabalhos, será debatido o tema «Enquadramento da habitação no desenvolvimento económico e social», sendo coordenador o sr. eng.º Ruy José Gomes, com a participação dos srs. dr. M. Antunes Branco, arq. D. Castel-Branco, dr. Miguel Caetano, eng.º A. Celestino da Costa, eng.º C. Correia Gago, dr. João de Moura, dr. R. Silva Pereira e dr.ª M. Manuela Silva.

As sessões iniciam-se ás 18 horas

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

A direcção e o comando da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, assinalando o 5.º aniversário do falecimento do seu ex-comandante e director Fernando Miguel Marques, promove uma romagem de saudade á sua campa no cemitério do Alto de São João, no domingo, ás 10 e 30.

ora diga-nos...

— Gosta de comer?

Comer é uma necessidade, mas também uma função, um luxo, um alibi, uma ocasião. Gostar de comer é (ou pode ser) uma sublimação ou a evasão de alienações diversas... Mas deixemo-nos de prosa e deglutamos mais este «Ora diga-nos...».

● *O sr. Humberto Dias Gomes, funcionário de expedição, confia-nos:*

— Quem é que não gosta!

— Nomeadamente...

— O meu frango assado, pois então!

— Come fora de casa com frequência?

— Sim, ás vezes perco a cabeça. Dinheiro? Ah isso o que tenho, quando tenho, vai tudo. Mesmo que sejam quinhentos «paus»...

● *O sr. Júlio Ferreira da Fonseca, continuo, respondeu seguidamente, e desta forma:*

— Mais ou menos. Mas apenas o normal, aquilo que é preciso para uma pessoa sobreviver... De manhã, é só o café, e aguento sem mais nada até ao almoço. Porquê? Porque não me apetece.

— Gasta muito dinheiro na comida?

— Bastante. Eu não, mas a minha senhora, está visto

— Se não o gastasse na alimentação, como gostaria de o despender?

— Isso é que é uma pergunta difícil. Sei lá! Não tenho mais dificuldades que o resto das pessoas, quer dizer... não sei... era capaz de não fazer nada

● *Acabámos auscultando um empregado de comércio, o sr. João Jacinto. Que gosta, sim senhor...*

— Toda a gente gosta, de resto.

— Gasta muito em comida

— Quase tudo o que ganho! Não faço distinções entre as várias espécies — acho que está tudo caro, mais coisa menos coisa. O que sei é que o dinheiro se vai...

Aspecto da mesa que presidiu ao almoço

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Na Fortaleza de S. Tiago, em Sesimbra, realizou-se o almoço anual de confraternização dos funcionários do Banco Pinto & Sotto Mayor.

Presidiu o sr. Eduardo Furtado, na qualidade de presidente do conselho de admisnitração, ladeado pelo presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, sr. Orlando Pais Soares, pelo administrador sr. João Raposo de Magalhães, dr. Carlos Barbosa, do conselho fiscal, sr. Luís Pombal, secretário geral, e Álvaro Jesus de Sousa, eng.º Teixeira de Vasconcelos, Agostinho Cunha Oliveira, António Soares Campos Vieira, Porfírio Assunção Moreira, Carlos Moutinho de Freitas, Alberto Mesquita, Francisco Manuel Costa Pinto, dr. António Vieira Rodrigues, José António Ornellas Gonçalves, Pedro Borges da Gama, dr. Amílcar Contente, dr. Paulo Marques, António Romão Almeida, directores; e, ainda, dr. Paulo Amaro, dr. João Morais Leitão, dr. Lopes Ferreira e dr. Galvão Teles, advogados, e dr. Jacinto do Amaral, dos serviços clínicos

Aos brindes falou, em primeiro lugar, o sr. Virgílio Pinto, em nome da comissão organizadora, para agradecer a presença dos membros do conselho de administração e conselho fiscal e afirmar o espírito altamente compreensivo e generoso da administração que, uma vez mais, facilitou, tanto moral como materialmente, a difícil missão da organização desta festa, que reveste sempre o carácter de evidente e verdadeira confraternização.

Foram distribuidos relógios aos funcionários do Banco que completaram 25 anos ao serviço da instituição, srs. António Mendes Carvalho, António Maria Carvalho, Rui Fonseca Cruz Formigal, António Santos Pinto, Aníbal Joaquim Carneiro, Adriano Augusto Coelho, Artur Magalhães Silva, Laurentino Pereira Rosa e António Dias Vieira.

Falou, em seguida, o sr. João Raposo de Magalhães, que se referiu ao significado da festa e prestou homenagem ao presidente do conselho de administração, sr. Eduardo Furtado, pelos seus longos anos ao serviço do Banco

Falou, finalmente, o sr. Eduardo Furtado, que disse:

— É para mim muito agradável que, decorrido mais um ano de intenso labor, nos possamos aqui reunir no já tradicional almoço de confraternização de todos aqueles que trabalham no Banco Pinto & Sotto Mayor, e verificar com prazer e grande satisfação que, com o entusiasmo, o esforço e dedicação de todos, a família «Sotto Mayor» foi engrossando em ritmo acelerado, o que quer dizer que, com esta vitalidade e força de vontade, será segura garantia de forte e crescente desenvolvimento, tanto no presente como no futuro. Ao dirigir a todos os meus agradecimentos e saudações pela sua constante dedicação, não quero esquecer aqueles que em terras longínquas de Moçambique e Angola labutam também pelo engrandecimento do Banco Pinto & Sotto Mayor. Regozijou-se, ainda, com os resultados brilhantes obtidos pelo Grupo Desportivo do Banco no recente encontro em Madrid dos XI Jogos Desportivos do Clube Banesto, organizados pelo Banco Español de Crédito.

O almoço decorreu em franco convívio e manifestou mais uma vez os fortes laços de amizade que unem os funcionários do Banco Pinto & Sotto Mayor.

VOANDO SÓ A JACTO A TAP TRANSPORTOU 662 824 PASSAGEIROS DURANTE O ANO DE 1968

Operando, pela primeira vez, durante todo o ano, exclusivamente com aviões de jacto, a TAP transportou, em 1968, 662 824 passageiros, sensivelmente o dobro do total transportado em 1965 — revela o Relatório e Contas do conselho de administração da companhia.

Os numeros apresentados no relatório assinalam, de forma inequívoca, o constante alargamento da actividade da empresa, traduzida em 20 429 875 quilómetros voados nos serviços regulares (mais 21 por cento do que em 1967), transportando 6 452 863 quilos de carga (mais 61,5 por cento do que no ano anterior). Especialmente digno de realce é o facto de ser o numero de toneladas-quilómetro de 1968 quase o triplo do que foi transportado em 1966, apenas dois anos antes.

A companhia, que mantém actualmente 25 linhas, ligando diversos pontos do território nacional e do estrangeiro, tinha, em Dezembro de 1968, 4630 empregados, tendo sido admitidos, no decorrer do ano, 1165 funcionários. Nesse mesmo periodo deixaram o serviço da empresa 278 empregados. Segundo o documento que temos vindo a cotejar, «a admissão de tão elevado numero de empregados e a constante exigência de aperfeiçoamento dos que já se encontravam em serviço, tem-nos forçado a desenvolver a instrução profissional dos mesmos em moldes cada vez mais adequados e em proporção que nos parece util aqui registar. Assim, no ano que findou, foram ministrados 249 cursos a 2894 empregados das mais variadas especialidades, que perfizeram um total de 20 293 horas de instrução». A verba despendida para o efeito — assinala o relatório — foi de 48 611 contos, «dos quais uma elevada percentagem diz respeito á preparação de pessoal navegante».

Refere também o documento o inicio da preparação da nova actividade, no continente, do serviço de táxis aéreos, o qual «será extensivo aos países da Europa Ocidental dentro da regulamentação internacional em vigor».

Quanto ao problema da autorização de voos não regulares («charters»), o relatório da TAP assinala o desejo de que a politica respectiva seja revista, «em termos de acautelar o desenvolvimento ordenado do transporte aéreo regular».

Na parte final, o relatório apresenta os resultados do exercício, o qual terminou com um lucro de 50 283 934$80.

Operários ingleses para Gibraltar

(Continuação da pág. anterior)

rou um informador do Foreing Office.

Entretanto, David Owen, subsecretário de Estado da Defesa, declarou nos Comuns que poderão ser enviados operários dos estaleiros navais britanicos para substituir a mão-de-obra espanhola retirada do rochedo. A questão está a ser examinada com urgência, acrescentou Owen.

ALMOÇO PROMOVIDO PELA CÂMARA DE COMÉRCIO BELGA EM PORTUGAL

A Câmara de Comércio Belga em Portugal promoveu hoje mais um dos seus tradicionais almoços, a que presidiu o sr. René Panis, embaixador da Bélgica, ladeado pelos srs. dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio, e Emmanuel Michez, presidente da direcção daquela camara de comércio.

Duarte e Ciríaco —o folclore é a base

«Procurámos no folclore a melodia para as nossas canções pois é o folclore, com a sua simplicidade e beleza, que nos permite uma maior comunicação com todos os que nos escutam.» É assim que os dois jovens universitários de Coimbra, Duarte e Ciríaco justificam o trabalho de pesquisa agora iniciado com a publicação do seu primeiro disco. Depois de uma primeira apresentação publica no programa «Zip-Zip», Duarte e Ciríaco estão francamente esperançados no êxito das suas canções populares.

Para apresentar pessoalmente o seu primeiro disco, Duarte e Ciríaco têm estado a visitar, desde as 7 da manhã até à meia-noite, mais de 85 produtores e locutores da Rádio portuguesa procurando, com este contacto directo, recolher opiniões com vista aos seus próximos trabalhos no dominio da canção popular portuguesa.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

O prestígio de Golda Meir ameaça a candidatura do general Moshe Dayan

JERUSALÉM — O êxito impressionante da senhora Golda Meir como chefe do novo Governo israelita surpreendeu tanto os seus antigos adversários como os seus partidários. Em pouco mais de três meses, restituiu um certo vigor ao seu cargo. Isso manifestou-se, não só através das declarações «duras» da política estrangeira, que lhe valeram a sua popularidade, mas também na maneira como dirige a coligação governamental, muitas vezes pouco manejável.

Por
XUVAL ELIZUR
Exclusivo «The Washington Post»-Diário de Lisboa»

Parece que repreendeu um ministro que desfolhava o jornal, durante a reunião do Conselho de Ministros, acrescentando que ela pedia que todos prestassem a maior atenção às deliberações do Conselho.

Se se recusa a responder às perguntas referentes aos seus planos políticos, pretextando que ainda não teve tempo para pensar neles, desde que acedeu à chefia do Governo, supõe-se geralmente que a senhora Golda Meir vai levar o seu partido às eleições do próximo dia 28 de Outubro.

O facto de a senhora Golda Meir não ser apenas um «verbo de encher» é uma decepção para os que aspiravam ao seu cargo, como o vice-primeiro-ministro, Ygal Allon, e o ministro da Defesa, Moshe Dayan, mas também para patrões da política como Pinhas Sapir, ministro sem pasta no Gabinete da senhora Meir. Segundo os observadores, Sapir entenderia que o seu poder diminuiu consideràvelmente e que, se ela preferisse continuar no seu novo posto, poderia não ter necessidade do apoio da máquina do partido.

GOLDA MEIR

A popularidade de Golda Meir parece comprometer mais o futuro político de Ygal Allon que as probabilidades de Moshe Dayan vir a ser primeiro-ministro. Para que Allon chegue a controlar o Governo, será necessário que Golda Meir se retire e que Sapir ponha todo o peso da máquina do partido atrás dele. Dayan precisa, para a sua vitória, de uma revolta no interior ou no exterior do seu partido.

Se as possibilidades de Dayan vir a ser primeiro-ministro, num futuro próximo, parecem mais reduzidas que nunca, é, em grande medida, por causa de Dayan. O movimento «Dayan, primeiro-ministro» que se organizou espontâneamente e conseguiu já recolher 120 000 assinaturas não recolheu a mais importante de todas as assinaturas — a do próprio Dayan. Dayan continua a hesitar sobre se deverá tentar prosseguir a sua carreira política no seio do Partido do Trabalho ou se deverá apresentar uma lista própria. Como a data das eleições se aproxima, esta segunda eventualidade parece cada vez menos provável.

Uma das razões das actuais hesitações de Dayan é que ele gosta demasiado do seu actual cargo de ministro da Defesa para ir arriscá-lo numa luta política cuja vitória não é certa. Outra razão reside no facto de Dayan ser fundamentalmente um solitário, que não se sente bem no quadro de um partido.

MOSHE DAYAN

Nota do dia

MEXER NAS COISAS

O COMUNICADO DA REUNIÃO do Conselho de Ministros desta semana inclui a informação de que o Governo resolveu que fosse remetido à Câmara Corporativa um projecto de decreto-lei sobre a fiscalização das sociedades anónimas. Bem se pode dizer que é tempo e mais que tempo. Como estamos em 1969, bem se pode dizer que estamos há vinte e seis anos à espera desta iniciativa, evidentemente prevista até mesmo como obrigação do executivo.

Porquê há vinte e seis anos? É que a lei existe ou, por outra, existem as respectivas bases. Estão publicadas no «Diário do Governo», desde 17 de Maio de 1943, depois de um estudo da Câmara Corporativa (com parecer de que foi relator o então procurador, prof. Paulo Cunha) e da consequente discussão na Assembleia Nacional, de cuja Comissão de Redacção é o texto que veio a ter consagração final. Traz as assinaturas do marechal Carmona, então Presidente da República, e dos professores Salazar, então Presidente do Conselho, Vaz Serra e Lumbrales, então ministros, respectivamente, da Justiça e das Finanças.

O diploma compõe-se de bases. As bases são, como se entende, isso mesmo: bases, isto é, uma orientação, o que constituiu o Governo na obrigação de promover a regulamentação do diploma para se tornar possível a sua aplicação. Foi isso o que ficou por fazer, é isso (ou talvez não) o que vai agora fazer-se. A dúvida resulta da redacção da nota do Conselho de Ministros, que não se reporta à lei de 1943, mas parece conter a iniciativa de uma nova reforma.

O problema é transcendente. Nesse mesmo ano de 1943, o dr. Pires Cardoso, ao tempo em preparativos para professor do Instituto Superior a que hoje pertence, considerava a reforma então publicada como «um esforço magnífico para vencer a enorme distância que estava a separar-nos ignominiosamente dos povos — índices da Civilização». De então para cá, porém, não se passou do «esforço magnífico». O resto parou. Mas o mundo é que não pára e a distância a que estávamos ampliou-se durante mais 26 anos.

É esta distância ampliada que pode justificar que o Governo tenha agora resolvido abandonar a reforma de 43 que não chegou a aplicar-se e a preparar uma nova reforma que vai percorrer, necessàriamente, os passos do processo de gestação de um novo instrumento legal: projecto do Executivo, remessa à Câmara Corporativa, baixa às comissões de estudo, elaboração de um parecer e, porventura, de um novo texto, remessa à Assembleia para discussão final. Lá para Abril de 1970.

Efectivamente há situações que são novas ou renovadas. A importância crescente das empresas de economia mista, isto é, com participação de capitais do Estado, como o Banco Ultramarino, as hidroeléctricas, celulose e outras, põe problemas específicos que não podem ser ignorados pelas realidades do tempo. Essa importância é de tal ordem que, nalguns países, criaram-se órgãos especiais. Para não irmos mais longe, temos em Espanha o «Instituto Nacional de Investimentos» e na Itália o «Ministério das Participações Estatais».

Quem fiscaliza? Temos entre nós os «conselhos fiscais» escolhidos pelos próprios interessados. Deve essa fiscalização ser exercida por funcionários públicos? A lei de 1943 (a tal que não chegou a entrar em execução) previa uma «Câmara dos Verificadores das Sociedades por Acções», constituída por uma pauta de peritos. Deverão estes peritos ajuramentados substituir os conselhos fiscais ou ter lugar neles? Com o fenómeno das macro-empresas, o problema tem aspectos novos. São problemas de técnica, claro que são. Mas também são problemas de moral.

RECTÂNGULOS DA VIDA

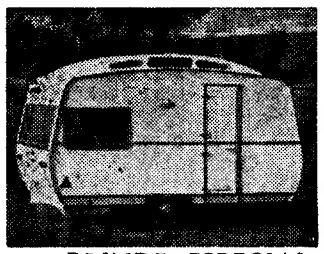
A PLANTA

Creio que lá em casa — na casa da planta, quero dizer — ninguém lhe conhecia o nome, decerto complicado e em latim. No quintal havia flores de nome próprio, cravos, sardinheiras, gladíolos. Ela, porém, era «a planta» e morava dentro de casa, num bonito cache-pot amarelo. Chamavam-lhe «planta» como se chama rei a um rei, duque a um duque. Era um título nobiliárquico, em suma. O seu lugar era o cimo de uma coluna victoriana, e a fada da casa (nesse tempo ainda havia muitas dessas fadas conscienciosas, era uma profissão apreciada, fatal e óbvia), a fada, dizia eu, tinha uma hora para regar a planta, outra para lhe proporcionar um raio de sol, outra ainda para a preservar do excesso de calor.

As folhas da planta eram longas e paralelinérvias, de um verde que umas vezes parecia cetim, outras veludo, conforme as horas. E no mês de Setembro, em todos os meses de Setembro, crescia por entre as folhas uma haste fininha, de um verde tenro, que se abria em lindos cachos de aromáticas flores de cambraia. Havia lá em casa — na casa da planta —, uma criança que fazia anos nesse mês, e, o dia em que a criança fazia anos era também — parecia, pelo menos — o dia do apogeu das flores, não era maravilhoso? Uma dávida, um beijo da planta, uma carícia.

por
MARIA JUDITE DE CARVALHO

Depois, a criança fez-se homem e partiu para muito longe. Naquele dia, porém, havia sempre em casa aquele aroma muito intenso que era quase uma alucinação e fazia correr lágrimas pelo rosto da fada. Esta um dia morreu — acontece às fadas-mulheres —, e o sol começou a queimar a planta ou a faltar-lhe totalmente, e ela, a pobre, a murchar de sede. Setembro chegou e ela bem queria ser gentil e oferecer as suas flores. Faltou-lhe, porém, a coragem. A verdade é que não sabia que já ninguém apreciaria a sua boa vontade. E morreu também, como tudo neste mundo, quer se trate de gente, de bichos ou de plantas.


EXPOSIÇÃO DE VERÃO
DAS CARAVANAS
«PLUMA» e «FLECHA»
DIAS 26 A 29 ATÉ ÀS 24 HORAS
BRINDE ESPECIAL A CADA COMPRADOR DAS NOSSAS CARAVANAS
FAÇA AS SUAS FÉRIAS VIAJANDO COM SEGURANÇA NUMA CARAVANA «PLUMA» E «FLECHA»
Avenida do Brasil, 114-C — LISBOA

A SURDEZ
A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM, casa especializada.
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.°,E.
PORTO: Praça da Batalha, 3

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

VENDER GASOLINA É FRACO NEGÓCIO — 2

OS PROBLEMAS REFERIDOS, vai para três anos, na exposição enviada ás companhias de carburantes pelos três Grémios que representam os garagistas e revendedores de gasolina, tendem a agravar-se, segundo nos informaram os garagistas e concessionários de estações de serviço com quem falámos. Todos são unanimes em considerar insuficiente a margem de lucro da revenda da gasolina e, também, do gasóleo. Quando perguntámos se pretendiam que o preço da gasolina fosse aumentado, para que recebessem maior margem de lucro, nenhum deles respondeu afirmativamente. Concordavam, pelo contrário, que o preço era já demasiado elevado e o que se impunha era um outro tipo de soluções.

Pudemos averiguar, assim, que muitos revendedores de gasolina consideram baixos os salários dos seus empregado, mas clamam contra a insuficiência dos rendimentos. E ouvimos sugestões no sentido de não serem montados mais postos de venda sem a verificação prévia da sua necessidade e, portanto, da possibilidade de vendas suficientes para fazerem face aos encargos.

O problema da venda do gasóleo

Para obtermos, porém, uma indicação mais precisa sobre o estado actual desta questão, que interessa um vasto sector e de que depende o nível de vida de muitos milhares de pessoas, fomos ouvir os presidentes do Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul e do Grémio Distrital dos Comerciantes, respectivamente srs. Francisco Vicente Nunes e Manuel Piedade da Costa Carvalho.

Como ambos os grémios trabalham em íntima colaboração, os dois presidentes preferiram estar juntos, para que as suas respostas tivessem maior representatividade.

— Ao dirigirmo-nos às companhias de gasolina — começou por nos explicar o sr. Francisco Vicente Nunes — a nossa atenção recaiu inteiramente sobre a insuficiência da margem das gasolinas. Nessa altura era nosso propósito deixar para ulterior diligência, por ser diferente o condicionalismo da sua comercialização, a respectiva resolução no tocante a gasóleo, em que a margem de lucro é também mais que insuficiente. E achamos necessário dar breve explicação acerca da razão por que assim se procedeu: com efeito, reiteradas instâncias de grande número de revendedores de combustíveis, que conduziram a uma reunião de revendedores em Santarém, levaram a Direcção dos Grémios a dar prioridade às margens das gasolinas, já por ser muito maior o volume de interesses concernentes a este produto, já porque quanto a ele poderiam as companhias resolvê-lo só por si, se assim entendessem poder fazê-lo, visto a margem de lucro do revendedor não estar fixada pela administração, justamente ao invés do gasóleo, em que ela é determinada pelo competente departamento do Estado.

A situação de momento

— E que se passou entretanto?

Foi o sr. Manuel da Costa Carvalho que nos explicou:

— Nos encontros havidos para a entrega da exposição, foi-nos dito por uma das companhias que a situação tinha realmente de ser revista de maneira a tornar rentável esta actividade comercial e que o mais tardar até Abril seguinte teríamos a resposta. Foi isto em Dezembro de 1966, e devemos dizer que até hoje a resposta não veio, apesar de várias vezes por ela termos insistido por escrito. As quatro restantes companhias informaram-nos de que não lhes deveria ser possível atender a pretensão, mas que estudariam o assunto e dariam dpois resposta por escrito. Assim aconteceu na verdade com três delas, mas ainda hoje continuamos a aguardar resposta de outra. Esta é a situação em que nos encontramos neste momento.

Quanto rende e qual a despesa de um posto de revenda?

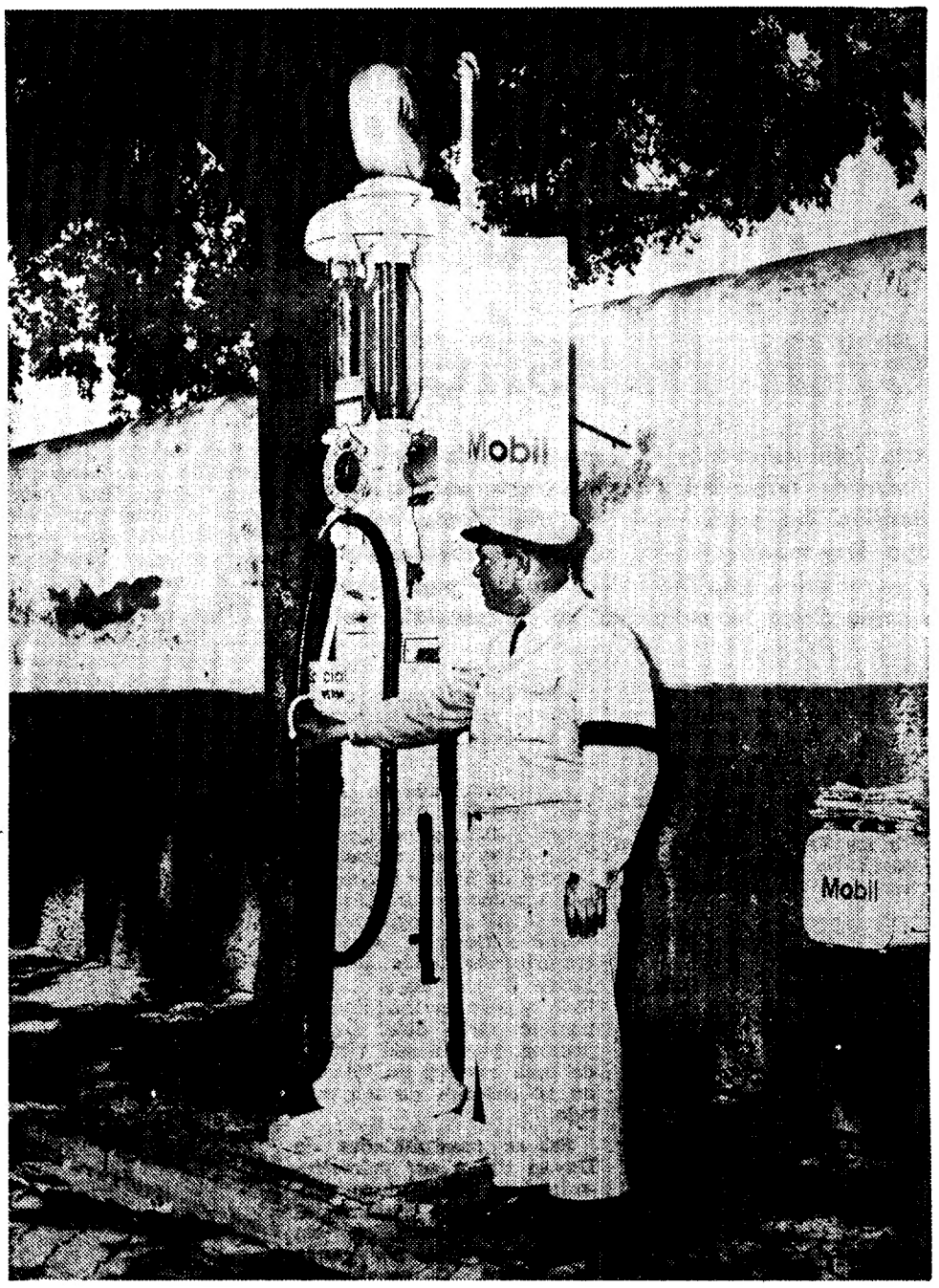
Disse-nos por sua vez o sr. Francisco Vicente Nunes:

— As direcções do Grémio das Garagens do Sul e do Grémio dos Revendedores de Gasolina de Lisboa têm plena consciência de que pode efectivamente ser demonstrado à saciedade a insuficiência da rentabilidade de produtos cuja margem de lucro se mantém inalterável de há 27 anos a esta parte, como é o caso das gasolinas, ou até, e isso é bastante mais grave, o caso do gasóleo, que sofreu um retrocesso e que de $20 passou sucessivamente para $17 e depois para $15. E quando dizemos que pode ser demonstrado à saciedade, julgamos útil ilustrar essa afirmação, com a simples transcrição do exemplo sucinto da exploração de um posto de revenda, tal como referíramos na exposição feita às companhias, e apenas alterando o vencimento do vendedor de carburantes passando de 40$00, que naquela altura ainda se poderia admitir, para 45$00 ou seja para o menor dos dois salários mínimos hoje possíveis, em função do contrato colectivo vigente e que foi actualizado neste entretempo. Iremos assim admitir apenas as despesas de mão-de-obra de um posto que funcionaria ùnicamente com quatro empregados vendedores, ou seja, 1080$00 semanais, que acrescidos de 20% (de encargos sociais, desemprego e seguro de acidentes) produzem 1296$00. A despesa diária, 185$00, absorve o lucro de 920 litros de gasolina

Esclarecer-se-á que aquele salário de 45$00 só é admissível fora do distrito de Lisboa, e que neste ele é de 50$00, e perguntar-se-á: quantos postos haverá que não vendem sequer os referidos 920 litros de gasolina? Que litragem mais de venda será preciso realizar para cobrir todas as demais despesas de contribuições de luz, de água, de telefone, de renda de casa ou da compensação equivalente e de todas as demais despesas gerais que não valerá a pena enumerar?

E prosseguiu:

— Será pertinente referir aqui que não puderam as direcções dos Grémios do Sul, aquando das negociações para a revisão do contrato colectivo, concordar com quisquer aumentos do pessoal revendedor a não ser com aqueles que pràticamente coincidiam com os que já se estavam a efectuar, e isto precisamente tendo em conta a inalterabilidade que se vinha, e que continua a registar-se, na margem de lucro dos produtos a que o mesmo pessoal está afecto. Será ocioso dizer por outro lado que estas direcções jamais concordarão com qualquer outro aumento enquanto a situação se não modificar. Já em relação às outras categorias de pessoal houve aumentos da ordem dos 40% e 50%, como lògicamente se compreenderá.



Proliferam os postos de venda. E muitos deles — queixam-se os interessados — não rendem o bastante para pagar ao pessoal.

OS GRÉMIOS DO SECTOR pensam recorrer às entidades oficiais

O seu colega Costa Carvalho acrescentou:

— Tínhamos resolvido não conceder aumentos aos vendedores de carburantes, mas acabámos por dar um pequeno aumento, além de se criar a pensão de sobrevivência e conceder outras regalias. Não aumentamos mais os salários dos vendedores para não corrermos o risco de não ganharmos para pagar ao pessoal. Melhoramos o possível, mas há muitas instalações não rentáveis. Uma bomba tem de vender 800 litros por dia para pagar os encargos. E há muitas deficitárias.

— Que pensam fazer agora?

— Pensamos utilizar novas vias, isto é, a via oficial, para conseguirmos os nossos objectivos — respondeu-nos de novo o sr. Vicente Nunes.

— Contam com o aumento do preço da gasolina para isso? A gasolina já não é nada barata...

— Não, não pensamos nessa solução. Propomo-nos conseguir demonstrar às entidades responsáveis, a

(Continua na 18.ª página)

O Presidente do Grémio Distrital dos Comerciantes Revendedores de Gasolina de Lisboa, sr. Manuel Piedade da Costa Carvalho: «Há muitas instalações não rentáveis. Uma bomba tem de vender 800 litros por dia para pagar os encargos. E há muitas deficitárias».

O presidente do Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul, sr. Francisco Vicente Nunes: «Não pensamos no aumento do preço da gasolina quando dizemos ser necessário considerar uma melhoria na margem de lucro destinada aos revendedores de carburantes».

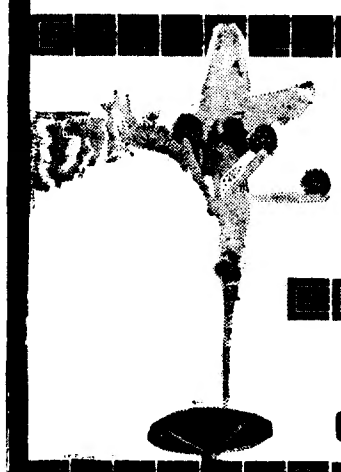
NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

THE FOURMOST

de novo

UM DOS GRANDES EXITOS de 1968



JOHN SEIDEL AND PARTNER

Natércia da Conceição

BENTYBER DANCERS

com CLAUDETTE WALKER e LINDSAY DOLAN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

FLAMME D'OR só no wonder bar

NO CINEMA ÀS 17 E 21.30

A VIÚVA SOLTEIRA

(MAIORES DE 17 ANOS)

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Narciso da Costa, Suc., Rua Dr. Oliveira Salazar, 54.

O maestro português Álvaro Cassuto em Nova York

O maestro português Álvaro Cassuto, que reside actualmente em Nova York, acaba de obter mais um significativo êxito, ao reger, pela primeira vez, a célebre Orquestra de Filadélfia, de que é director titular o maestro Eugene Ormandy.

A crítica a este concerto publico, realizado em Filadélfia, foi muito elogiosa para Álvaro Cassuto, tendo afirmado que «o jovem maestro português, na sua estreia com a orquestra, causou uma forte impressão». Mais adiante, o crítico salientou a maneira como Álvaro Cassuto dirigiu um concerto para dois pianos e orquestra, de Mozart, «levando a musica a produzir-se com uma fluência que completou a excelente execução de Vitya Vronsky e de Victor Babin», ou seja, do director do Instituto de Musica de Cleveland e de sua mulher, também intérprete de renome.

Prosseguindo, o crítico sublinhou a autoridade com que Álvaro Cassuto também dirigiu o conjunto de orquestra e dois pianos, no Concerto de Vaughan Williams. A peça de maior efeito do programa foi o poema sinfónico Til Eulenspiegel, de Ricardo Strauss, que deu a Álvaro Cassuto os melhores ensejos de se revelar ao publico de Filadélfia como intérprete de talento.

Álvaro Cassuto dirigirá em breve no Festival de Tanglewood, organizado pela Fundação Koussevitzky, onde dará a conhecer musica portuguesa.

A triunfal carreira da revista «Mãos à Obra!...»

Plena de graça, de alegria e de crítica de flagrante oportunidade, ao cabo de três meses de representações e de enchentes, a revista «Mãos á Obra!...» continua a levar Lisboa inteira ao popular teatro Maria Vitória.

À frente do elenco estão os populares artistas Salvador, José Viana e Mariema, com a valiosa colaboração de Max, Anita Guerreiro, Dora Leal, Vítor Mendes, Helena Cardinali, Mariano Franco, Vítor Espadinha, Dina Maria e a atracção internacional Inez Marco.

Quadros hilariantes, rábulas cómicas irresistíveis de graça, lindos numeros de fantasia, vistosos bailados e musica popularíssima, de tudo tem esta revita excepcional, que está a bater todos os «records» do êxito e da popularidade.

Hoje, mais duas sessões, ás 20 e 45 e ás 23 horas.

CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco de Borja, 22 LISBOA

HOJE, ÀS 22 H.

FOLCLORE DE ANGOLA

danças rituais/Exotismo/Arte

MARCAÇÕES: T. 677299

(maiores de 12 anos)

Subsidiado pelo Fundo de Teatro

cockpit VDO

os trunfos para o seu carro

A primeira regra da boa condução é a confiança absoluta no automóvel.

VDO cockpit

oferece-lhe os trunfos para o conseguir:

Uma nova linha

que lhe permite obter, a todo o momento, o diagnóstico exacto do seu carro através de informações rigorosas sobre o seu funcionamento.

Uma linha completa:

manómetros de pressão de óleo, amperímetros, termómetros, relógios, voltímetros, conta-rotações e os famosos suportes em borracha maleável e anti-choque para 1, 2 ou 3 instrumentos.

Uma linha moderna

concebida por grandes especialistas e segundo as últimas descobertas da técnica: mostradores em preto fosco, ponteiros vermelhos, fundo preto e números brancos de modo a proporcionar uma leitura pronta e fácil.

Uma linha desportiva:

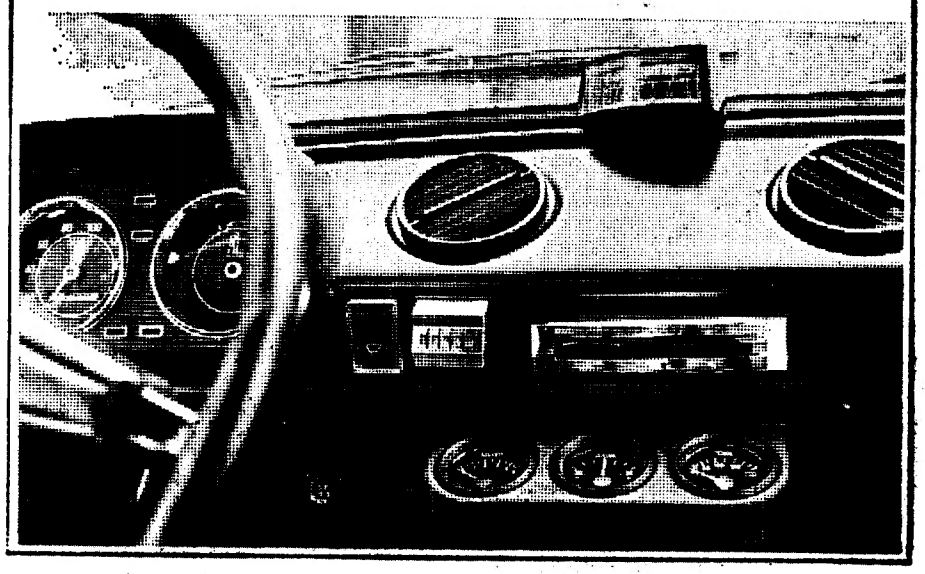
reflexos prontamente apoiados, tranquilidade, descontracção, ou seja: segurança e condutor em forma, num carro que se sabe sempre em forma.

DÊ AO SEU CARRO OS TRUNFOS **VDO.**

SÃO TAMBÉM TRUNFOS PARA SI

Em todos os agentes e revendedores de

ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.



MESTRES DO CINEMA AMERICANO

Dois novos autores enriquecem hoje a galeria de «Mestres do Cinema Americano», galeria proposta ao público lisboeta pela Casa da Imprensa ao organizar o ciclo antológico presentemente a decorrer nos cinemas S. Luís e Alvalade.

Na verdade tanto King Vidor (o arrebatado autor de «Fúria do Desejo») como Roger Corman (mais conhecido pelas suas adaptações fantásticas de contos de Edgar Poe) justificam inteiramente a atenção do espectador interessado nos caminhos trilhados pela cinematografia norte-americana.

FILMOGRAFIA DE KING VIDOR

Nasceu a 8 de Fevereiro de 1894 em Galveston, Texas. Desde muito novo que se interessou por cinema, trabalhando como projeccionista e arrumador na única sala cinematográfica existente em Galveston. Foi operador de actualidades na Mutual. De 1915 a 1918 realizou vários filmes publicitários. Em Hollywood trabalhou como anotador, operador de imagem, argumentista e assistente de realização. Em 1953 escreveu «A Tree is a Tree». Tem dirigido filmes para a televisão: 1919: «The Turn in the Road»; «Better Times»; «The Other Half»; «Poor Relation»; «The Jack Knife Man». 1920: «The Family Honour». 1921: «The Sky Pilot»; «Love Never Dies»; «Conquering the Woman»; «Wake Up!». 1922: «Dust to Dawn»; «The Real Adventure»; «Alice Adams»; «Dusk to Dawn»; «Peg O'My Heart». 1923: «Three Wise Fools»; «The Woman of Bronze»: «Wild Oranges». 1924: «Wife of the Centaur»; «Happiness»; «His Hour»; «Wine of Youth». 1925: «Prou Flesh»; «The Big Parade» (A Grande Parada); «La Bohême» (A Boémia). 1926: «Bradelys, the Mannificent» (Bradelys, o Magnífico). 1927: «The Crowd» (A Multidão); «The Patsy» (Patsy). 1928: «Show People» (Miragens). 1929: «Hallelujah» (Aleluia); «Not So Dumb». 1930: «Billy the Kid». 1931: «Street Scene»; «The Champ» (O Campeão). 1932: «Bird of Paradise» (Ave do Paraíso); «Cynara». 1933: «Stranger's Return». 1934: «Our Daily Bread» (O Pão Nosso de Cada Dia); «Wedding Night» (Noite Nupcial). 1935: «So Red the Rose». 1936: «The Texas Rangers» (A Legião de Atiradores); «Stella Dallas» (O Pecado das Mães). 1938: «The Citadel» (A Cidadela). 1939: «Northwest Passage» (A Passagem do Noroeste). 1940: «Comrade X» (Camarada X). 1941: «H. M. Pulham Esq.» (Sol de Outono). 1944: «American Romance». 1946: «Duel in the Sun (Duelo ao Sol). 1947: «On Our Merry Way». 1948: «The Fountainhead» (Vontade Indómita). 1949: «Beyond the Forest». 1950: «Lightning Strikes Twice» (Ciúme). 1951: «Japonese War Bride». 1952: «Ruby Gentry» (A Fúria do Desejo). 1954: «Man Without a Star» (Homem Sem Rumo). 1955: «War and Peace» (Guerra e Paz). 1959: «Salomon and Sheba» (Salomão e a Rainha de Sabá).

FILMOGRAFIA DE ROGER CORMAN

Nasceu a 5 de Abril de 1926 em Detroit. Estudou na Califórnia, no colégio de Beverly Hills e na Universidade de Stanford. Durante a guerra seguiu um curso de engenharia naval. Desmobilizado, foi contratado como mandarete na Fox. Participou em diferentes escalões da produção cinematográfica até conseguir um lugar como especialista de argumentos. Esteve na Grã-Bretanha, defendendo uma tese sobre literatura inglesa e viveu durante algum tempo em Paris. Regressou á Califórnia, escrevendo artigos para revistas e argumentos para filmes, até se tornar produtor cinematográfico. 1955: «Five Guns West» (Pistoleiro's Malditos); «Apache Woman» (Luta de Gigantes). 1956: «The Day the World Ended»; «It Conquered the World»; «Swamp Woman». 1957: «Teenage Doll»; «Naked Paradise»; «Attack of the Crab Monsters»; «Not of this Earth»; «Rock All Night» (Ritmo Louco); «She-Gods of the Shark Reef»; «Thunder ovar Hawaii» 1958: «The Gunslinger» (Armas em Fúria); «The Undead»; «Machine Gun Kelly» (Fúria Assassina;) «Sonority Girl»; «Carnival Rock». 1959: «Viking Women and the Sea Serpent» (Mulheres Vikings); «War of the Satellites»; «I Mobster» (A Vida de um Gangster), 1960: «A Bucket of Blood»; «The Wasp Woman»; «Sky Troop Attack»; «The fall of the House of Usher» «A Queda da Casa Usher), 1961; The Pit and the Pendulum» (O Fosso e o Pêndulo); «Premature Burial» (Enterrado Vivo); «Tales of Terror» (A Maldita, o Gato e a Morte); «The Little Shop of Horrors»; «Last Woman on Earth»; «Creature from the Haunted Sea». 1962: «The Tower of London»; «The Intruder»; «The Raven» (O Corvo); «The Terror» (O Terror); «The Young Racers» (A Fúria de Vencer). 1964: «The Mask of the Red Death»; «The Tomb of Ligeia»; «The Secret Invasion» (A Invasão Secreta). 1965; «The Haunting Palace» (O Palácio Maldito); «The Man with X Ray Eyes». 1966: «The Wild Angels». 1967: «The St. Valentine's Day Massacre» (O Massacre de Chicago). 1968: «The Trip»; «Explosion». «Explosion».

OS FILMES DE HOJE

● FURIA DO DESEJO

Título original: «Ruby Gentry»; realização: King Vidor; argumento: Silvia Richards, adaptado por Arthur Fitz-Richard; fotografia: Russell Harlan (preto e branco); musica: Heinz Roembalt; intérpretes: Jeniffer Jones, Charlton Heston, Karl Maklen, James Anderson, Josephine Hutchison; produção: Joseph Bernhard-King Vidor para Twentieth Century Fox (1952); tempo de projecção: 98 minutos; distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes; classificação: adultos.

● MASSACRE DE CHICAGO

Título original: «The St. Valentine's Day Massacre»; realização: Roger Corman; argumento: Howard Browne; fotografia: Milton Krasner (Panavision-De Luxe Color); efeitos especiais: L. B. Abbott; cenários: Jack Martin Smith; direcção artística: Philip Jeffries; musica: Fred Steine; narração: Raul Frees; montagem: William B. Murphy; intérpretes: Jason Robards, George Segal, Ralph Meeker, Jean Hale, Clint Ritchie, Krank Silvera, John Agar, Leo Gordon; produção: Roger Corman para Les Altos-Twenthieth Century Fox (1967); tempo de projecção: 99 minutos; distribuição: em Portugal: Fox Filmes; classificação: adultos.

As estreias de hoje

No São Jorge

Título em português — «Testemunha suspeita».

Título original — «Hostile witness».

Produção — Americana.

Realização — Ray Millard.

Intérpretes — Ray Milland, Raymond Huntley, Sylvia Syms, Félix Aylmes e Geofrey Lumsden.

Distribuição — Rank Filmes.

Processo — Normal, preto e branco.

Classificação — 17 anos.

No Politeama

Título em português — «O filho de Django».

Título original — «Django's Son».

Produção — Italiana.

Realização — Oswaldo Civirani.

Intérpretes — Guy Madison e Gabriele Tinti.

Género — Aventura.

Distribuição — Filmes Castelo Lopes.

Processo — Eastmancolor.

Classificação — 12 anos.

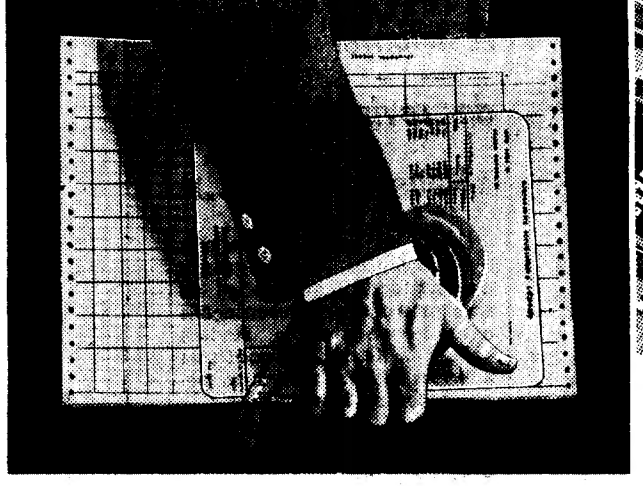
SOLAR DO MINHO
de Eduarda Maria
FADOS * FOLCLORE
R. do Vigário, 60 — ALFAMA
Telef 86 68 11

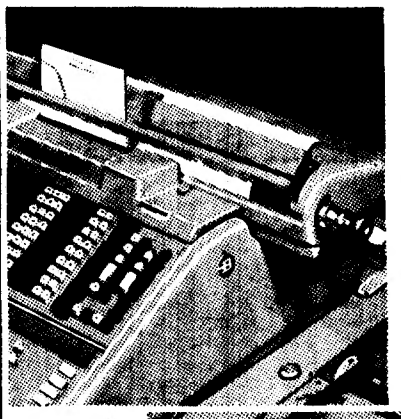
FINALMENTE
NO MONUMENTAL
Telef. 55 51 33 (Adultos)

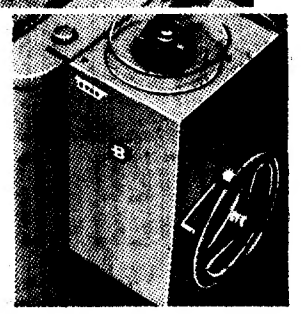
HOJE ESTREIA
2 SESSÕES
20.45 e 23 H.
A 1.ª REVISTA
DOS
PARODIANTES DE LISBOA
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

TÁTU
RESTAURANTE — PASTELARIA — CHARCUTERIA
Campo Grande 80, 80-A, 1.º
Telefones 765188/9
O TÁTU dispõe de uma grande sala para casamentos e banquetes, com entrada privativa. No RESTAURANTE TÁTU encontra V. Ex.ª PRATOS REGIONAIS.
Domingo — Arroz à Valenciana.
2.ª-feira — Tripas à moda do Porto.
3.ª-feira — Cozido à Portuguesa.
4.ª-feira — Feijoada à Brasileira.
5.ª-feira — Pato no Forno.
6.ª-feira — Bacalhau na Canoa.
Sábado — Caril à Indiana e Feijoada à Brasileira
MAGNIFICAS VISTAS DE TODO O CAMPO GRANDE

Combinar estatística, numa fita perfurada, e contabilidade, em ficha clássica, numa só máquina de baixo custo "BURROUGHS"







Além destàs grandes vantagens e simplicidade da «BASIC RECORD CONTROL PLAN», os representantes da Burroughs — Robinson, Bardsley S.A.R.L — proporcionam-lhe uma assistência técnica constante nos seus seguintes centros:

PORTO	Telefone	63180
COIMBRA	»	23228
COVILHÃ	»	25604
ALCOBAÇA (Até instalação do telefone)	»	536891
LISBOA — Baixa	»	536851
LISBOA — Norte	»	536891
ALGARVE	» Portimão	1251

BRAGA - ABRANTES - ÉVORA
A funcionar em 1969

ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.
LISBOA — R. S. Sebastião da Pedreira, 122 — Tel. 56 02 60
PORTO — Rua do Rosário, 104 — Telefone 2 97 67

Artes plásticas

Exposição de quadros a óleo em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 26. Artista de reconhecidos méritos e professor da Escola Técnica, Aníbal Alcino volta a expor no edifício do Turismo, cerca de duas dezenas de quadros a óleo. A exposição que é, sem favor, das melhores aqui vistas nos ultimos tempos, está patente ao publico até ao dia 30.

Pina d'Emaghi expõe na S. N. B. A.

Na S. N. B. A. expõe neste momento retratos a artista Pina d'Emaghi, que várias vezes em exposições colectivas e individuais ali tem apresentado.

Referir-nos-emos mais pormenorizadamente á exposição.

Álvaro Perdigão apresenta-se em Angra do Heroismo

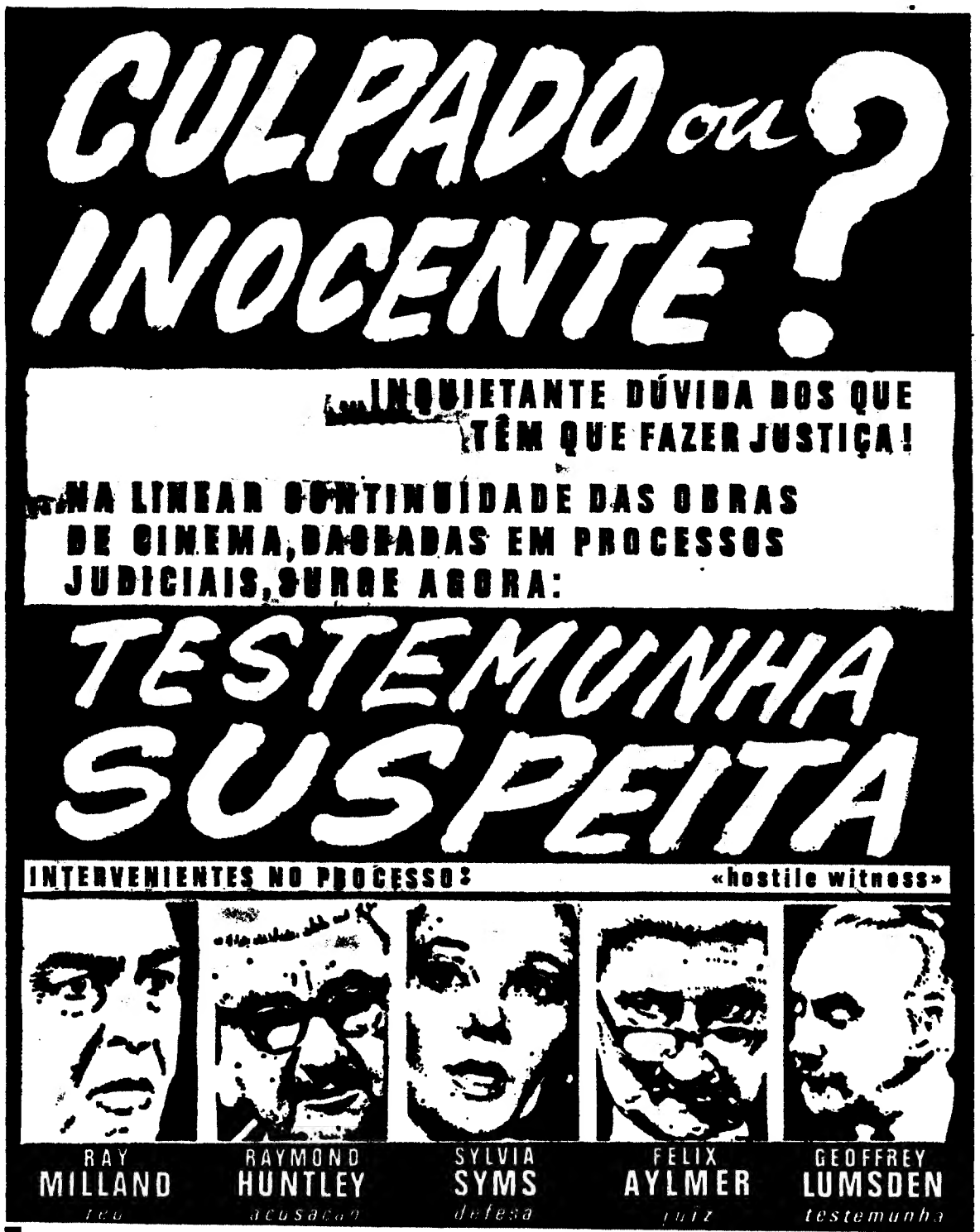
Em Angra do Heroismo, no museu, expõe neste momento uma série de óleos o conhecido pintor Álvaro Perdigão, cuja actividade tem sido constante, em diversas galerias.

O catálogo tem um prefácio da escritora D. Adelaide Félix.

Exposição retrospectiva de Bernardo Marques

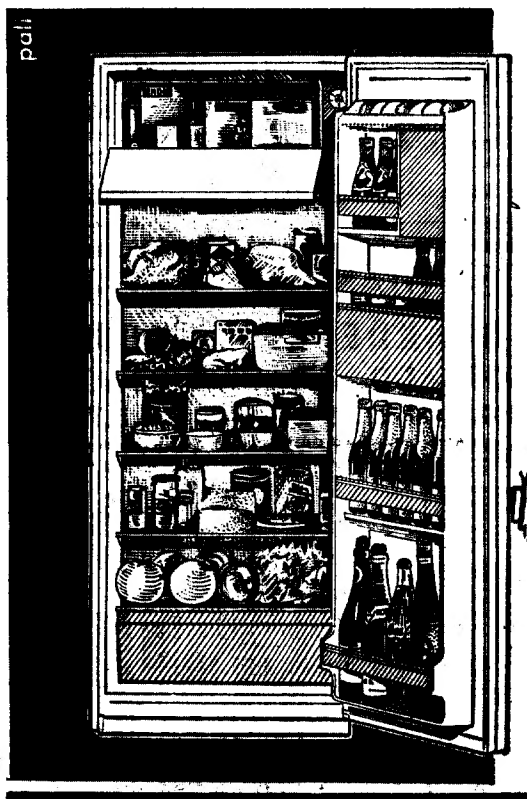
No Palácio Foz é inaugurada, amanhã, ás 18 horas, uma exposição retrospectiva do grande artista que foi Bernardo Marques.

A exposição segue-se á que há tempos se efectuou na galeria da Gulbenkian, abrangendo diversos trabalhos do artista, tanto em desenho como em óleo.



TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
Hoje, dia 26, às 21.30
4.ª Récita com as óperas
AMÉLIA AL BALLO
(AMÉLIA VAI AO BAILE)
de Menotti
IL GOBBO DEL CALIFFO
(O CORCUNDA DO CALIFA)
de Casavola
Pela Companhia Portuguesa de Ópera
Maiores de 12 anos
PREÇOS POPULARES desde 5$00
DIA 30 — 5.ª RÉCITA DAS ÓPERAS
«AMÉLIA AL BALLO» e «IL GOBBO DEL CALIFFO»

CAPITÓLIO
Telef. 32 03 79
Hoje às 22 horas
M/ 17 anos
«O 2.º TIRO»
de R. Thomas
com Maria Dulce-Paiva Raposo - Varela Silva - Pedro Lemos e Baptista Fernandes
Sábado — Tarde às 16 h.


Quando o calor aperta... frio "polare"!...
(Queremos dizer: ARISTON Polare)

ARISTON foi concebido para agradar. Não só no aspecto estético (é um lindo frigorífico de LINHA ALTA), ou no acabamento impecável, mas sobretudo pela perfeição técnica de todos os seus elementos. ARISTON traz consigo o frio glaciar e é por isso mesmo que pode usar a insígnia ***, a mais alta distinção em frigoríficos. Peça uma demonstração. Teremos muito gosto em apresentar-lhe um NOVO frigorífico garantido pela ANTIGA marca italiana ARISTON (em grego — O MELHOR).
FRIGORÍFICOS
ARISTON
Frigel
A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

50 ANOS FILMES CASTELLO LOPES apresenta

O FILHO DE DJANGO

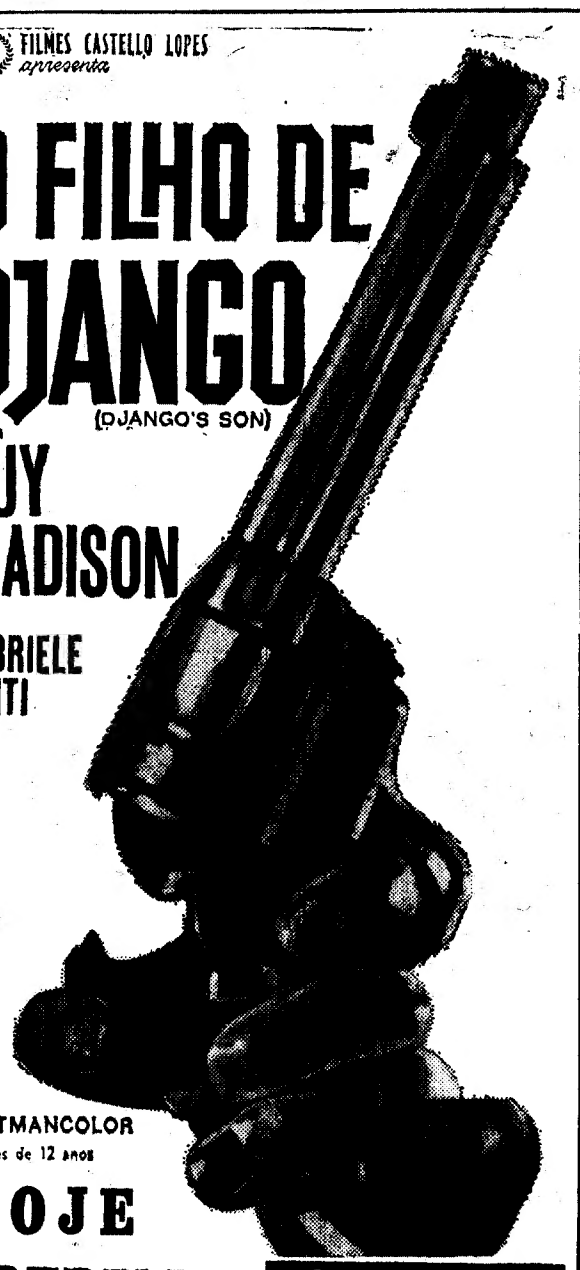
(DJANGO'S SON)

com

GUY MADISON

e

GABRIELE TINTI



EASTMANCOLOR

Maiores de 12 anos

HOJE

ESTREIA no POLITEAMA

NO CARINHOSO AMBIENTE

DA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

ENCONTRA O POVO O ESPECTÁCULO SURPREENDENTE DE UM GRANDE LUNA-PARQUE INTEGRADO NUMA FEIRA DE AMOSTRAS

ABERTURA AS 19 HORAS

Habilite-se ao sorteio de uma **MOTORIZADA CASAL** oferta da **METALURGIA CASAL**, de Aveiro

AMANHÃ:

Noite Maria Botija, uma oferta SONAPGÁS

HOTEL PARQUE

S. MARTINHO DO PORTO

BAR-ESPLANADA JARDIM — TÉNIS

Tel. 98.108

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

Título: «ADORÁVEIS CONSPIRADOES» («The Assassination Bureau»).
Realização: Basil Dearden (1968).
Intérpretes: Oliver Reed, Diana Rigg, Telly Savalas, Curt Jurgens, Philippe Noiret.

O primeiro atractivo deste filme era — evidentemente — Diana Rigg. Ela foi-nos apresentada numa das melhores séries que passaram até hoje pela Televisão: «Os Vingadores». Steed e Emma Peel criaram uma dupla fascinante de requinte, encanto e ambiguidade. Emma Peel revelava-se como uma mulher excepcional: bonita, inteligente (um pouco mais do que o seu companheiro), bem vestida (por Cardin), capaz de criar uma atmosfera e de jogar com o implícito. Emma Peel é uma personalidade inesquecível. E só por isso valia a pena vermos estes «Adoráveis conspiradores»

Acontece, no entanto, que Diana Rigg nos desilude um pouco. O colorido não a chega a beneficiar. A interpretação é retraída e cautelosa. A figura torna-se bastante incaracterística, sem relevo, sem subtileza, sem aquele jeito de provocação que é (por exemplo) o segredo de Shirley Mac Laine. Diana Rigg aparece aqui como uma actriz banal, que desempenha correcta, mas negligentemente, a sua função.

A seu lado, Oliver Reed domina a fita. É ele o grande intérprete, a personalidade que se impõe, fio condutor do filme. Oliver Reed tem uma presença muito firme e uma admirável capacidade de metamorfose. Ele sobrepõe-se a Diana Rigg e istitui no filme o tom que ele parecia exigir.

Observe-se que, se Diana Rigg nos decepciona levemente, o filme não chega a perder-se. Trata-se de um argumento baseado numa ideia muito curiosa: a de uma sociedade especializada no crime cintífico, mas que apenas o executa com razões morais. Ora um dia alguém vai pedir um trabalho á sociedade: a morte do seu (dela) próprio presidente. Inesperadamente, o presidente aceita. Ele quer saber se o ideal moral que presidia áquela empresa ainda se mantinha, ou se a mira do lucro havia reduzido tudo a um mecanismo de interesses. Ora, efectivamente, a sociedade corrompera-se: o vício, a intriga, a prostituição, a guerra e a política (que permite a Basil Dearden algumas anotações pertinentes) minavam agora toda a organização. Com este ponto de partida, quase aliciante, a história desenvolve-se com agrado, no tom do *puro divertimento*, embora aqui ou ali o filme se arraste e emaranhe um pouco. Se não há cenas para rir amplamente, o filme suscita um permanente sorriso. O dinamismo da câmara, a qualidade dos cenários, a beleza do guarda-roupa, o aspecto simpático da melodia que serve de tema, a originalidade do genérico, e o nível geral da interpretação, justificam inteiramente que se veja «Adoráveis conspiradores».

EM COMPLEMENTO: Tivemos «Corridas de Galgos» de interesse escasso e mais um «Jornal de Actualidades Portuguesas». A propósito deste ultimo, convém perguntar: até que ponto os intuitos publicitários se vão tornar descaradamente evidentes? Até que ponto se vai sacrificar o interesse dos espectadores, fornecendo-se-lhes reportagens insuportávelmente massadoras, quase sempre sobre empresas cuja vida interna muito pouco, ou nada, nos concerne? Será que a actualidade do País se resume a mais instalações bancárias que se inauguram, a mais «cocktails» de publicidade, a mais reuniões de empresas e a mais viagens de negócios?

EDUARDO PRADO COELHO

• NO ROMA

TÍTULO — «Uma Certa Rapariga» («Pronto C'e Una Certa Giuliana Per Te»).
REALIZAÇAO — MASSIMO Franciosa.
INTÉRPRETES — Mita Medici, Gianni Dei, Marina Malfatti, Caterina Boratto, Paoli Ferrari e Françoise Prevost.

Este filme italiano colorido faz-nos lembrar certa literatura cor-de-rosa dos anos trinta, cujas exaustivas edições tiveram entre nós capas azuis. Os autores ou autoras chamavam-se (ou escondiam-se) atrás de nomes como Max lu Veuzit, Magali, etc., etc., e faziam romancecos muito morais e moralizantes, de uma sentimentalidade piegas que escondia os verdadeiros problemas com que se defrontaram as gerações de então. Também este filme sobre a juventude dos nossos dias escamoteia todos os reais problemas da mocidade actual, mesmo e muito principalmente aque-

(Continua na 22.ª página)

NO PROSSEGUIMENTO DA APRESENTAÇÃO DE OBRAS-PRIMAS DO CINEMA ITALIANO QUE MARCARAM UMA ÉPOCA DE OURO NA HISTÓRIA DA CINEMATOGRAFIA MUNDIAL, O

estúdio 444 (ADULTOS)

ORGULHA-SE DE EXIBIR A PARTIR DE

HOJE, Às 21,45

LADRÕES DE BICICLETAS

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE

VITTORIO DE SICA

ARTE ATÉ AO MAIS INSIGNIFICANTE POR MENOR! O FILME MAIS APRECIADO DE TODOS OS TEMPOS

exclusivo FILMES OCIDENTE

MARIA VITÓRIA

Hoje às 20,45 e às 23 horas

EM PLENO ÊXITO A SENSACIONAL REVISTA

• MÃOS À OBRA! •

(ADULTOS)

COM:

■ SALVADOR ■ VIANA

■ MARIEMA

● MAX ● ANITA ● DORA ● VÍTOR MENDES ● HELENA CARDINALI ● MARIANO FRANCO ● VÍTOR ESPADINHA ● DINA MARIA E A ATRACÇÃO

INÊS MARCO

VÍTOR MENDES no «Cozinheiro»

DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 H.

Os horrores da guerra em termos de destruição de vidas humanas e de grandes cidades não requere hoje novas descrições. Porém, há momentos na história de conflitos armados aonde não só pessoas e terras se encontram perante uma iminente destruição, mas também monumentos, lugares que são mais do que construções em pedra, que são símbolos maiores da própria civilização.
No caso especial de Paris os seus monumentos têm especial significado para toda a civilização Ocidental. Todo um passado histórico de glórias antigas lhes está ligado e por muito tempo têm inspirado a mais profunda admiração e um grande amor por parte de milhões de pessoas espalhadas por todo o mundo.
Foram precisamente esses monumentos que Hitler, no começo da sua derrota, condenou à morte. Paris e toda a sua grandiosidade foi também um símbolo para os nazis; símbolo dos seus prematuros triunfos. Por isso mesmo, em Agosto de 1944, antes da retirada dos seus exércitos, Hitler ordenou que Paris fosse totalmente incendiada. E, então, momento a momento, perguntava:

«PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?»

Mas Paris foi salva. Pelo seu povo, pelos soldados aliados e pelas forças da Resistência, tratando-se de um momento histórico que para sempre ficará gravado e nunca mais será esquecido.

Amanhã e de novo em Lisboa «PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?» no EUROPA

(MAIORES DE 12 ANOS)

ÚLTIMOS DIAS DE EXIBIÇÃO EM LISBOA

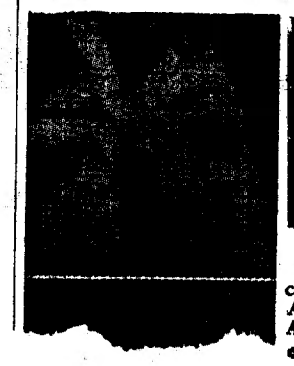
DE UM GRANDE ESPECTÁCULO

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO

apresentam HOJE, às 21.45 horas — (ADULTOS)

EM 2.º MÊS DE ÊXITO E EMOÇÃO

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET



BLACK-OUT

«OLHOS NA ESCURIDÃO»

com JO ALVARENGA na protagonista e por ordem de entrada em cena ADRIANO REYS * JOÃO GUEDES * SINDE FILIPE * ROLANDO ALVES * CÉLIA DE SOUSA * GILBERTO GONÇALVES * COSTA VAZ

* UMA EXCITANTE EXPERIÊNCIA EM «SUSPENSE» *

morrison

"OPERAÇÃO SAUDADE"

A iniciativa é nossa!
A acção é sua!
O proveito é dos nossos soldados!

O QUE É A "OPERAÇÃO SAUDADE"?

É uma iniciativa destinada a aumentar o apoio aos nossos soldados e a premiar o espírito de sacrifício e a coragem de muitos, trazendo-os a passar férias junto da família.
Pense na alegria que sentirá se um desses soldados for um parente ou amigo seu! Em cada dia de um ano, um soldado chegará junto dos seus para uns merecidos dias de férias!

MAS A "OPERAÇÃO SAUDADE" É MAIS AINDA!

É um grandioso sorteio com mais de mil prémios escolhidos para si: 5 andares, 20 automóveis, 35 frigoríficos, 35 televisores, viagens, scooters, máquinas de costura, relógios e centenas de outros valiosos prémios.
A simples compra de uma senha - apenas por 5$00 - habilita-o imediatamente a este sorteio.

SENHAS À VENDA EM TODO O PAÍS NOS LOCAIS ONDE VEJA ESTE INDICATIVO

Uma iniciativa do M.N.F.

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

ENSINO LICEAL

1.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Língua e História Pátria

TEXTO

Eram cinco os do meu grupo. Eu, o José, o meu irmão Pedro, três anos mais novo do que eu, a Ana Luísa, nossa vizinha, que tinha então nove anos, e a Chirinda, uma pretita da idade do meu irmão.

Unia-nos uma amizade forte e leal. Nunca houve brigas entre nós e o segredo que um qualquer desvendava pertencia, automàticamente, a todos os outros.

Quando as férias chegavam, sobretudo nessa altura, ninguém nos punha a vista em cima durante todo o dia. Manhã cedo, estávamos a assobiar o nosso assobio de guerra uns junto às casas dos outros. Juntávamo-nos depressa e marchávamos aos berros, aos saltos...

Bosquezitos raquíticos, de pequenos arbustos, eram as nossas florestas.

Por ali andávamos o dia inteiro e aviões de lata ou de madeira voavam em nossas mãos. Éramos polícias e éramos ladrões. E tínhamos, como era inevitável, a nossa árvore do tesouro. Um tesouro, sim: quatro conchas de caracol, um búzio surripiado da mesinha da sala de visitas da minha mãe, duas pedras brancas com pontinhos brilhantes e um soldadinho de chumbo sem cabeça — tudo isto muito bem embrulhado num pedaço de pano e ali enterrado, a dez passos certos, a contar do tesouro da árvore grande.

Era ali, na árvore do tesouro, que acabávamos sempre por nos reunir. Era ali que acabávamos suados e exaustos, para, lado a lado, nos estiraçarmos no chão e, todos juntos, rirmos muito muito...

Guilherme de Melo

I

1 — Julga bem que, entre estes meninos, não houvesse segredos? Porquê?

2 — Acha que seja possível que meninos, enquanto estão a brincar, transformem «bosquezitos raquíticos» em «florestas»? Porquê?

3 — Parecem-lhe de valor as coisas que os meninos escondiam perto da «árvore grande»? Porque sucederá assim?

4 — De que se ririam eles tanto, quando depois de muito brincar, se sentavam à volta da «árvore do tesouro»?

5 — Que impressão lhe deixou a leitura deste trecho? Indique as razões da sua resposta.

II

6 — Uma proposição subordinante não é o mesmo que uma proposição subordinada. Servir-lhe-á o primeiro período do terceiro parágrafo para explicar a diferença que há entre uma e outra? Justifique.

7 — Haverá algum verbo transitivo no período que acaba de analisar? Justifique.

8 — Qual é o predicado do período que começa por: «Manhã cedo...»?

9 — Classifique morfològicamente as palavras «sobretudo» e «ninguém», nas expressões «sobretudo nessa altura» e «ninguém nos punha a vista em cima».

10 — Analise sintàcticamente a expressão: «Por ali andávamos o dia inteiro».

III

Redacção

Todos, com certeza, brincaram já muitas vezes.

Experimente contar uma das suas brincadeiras. Deve, porém fazê-lo com o pormenor que lhe seja possível e usando a expressão que ache mais conveniente.

1.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Francês

Henri Béraud, l'auteur du texte que vous allez lire, nous raconte un curieux souvenir de son enfance.

Je devais avoir à peu près dix ans. Nous étions à la fin de l'année. Mon père ne voyait pas sans alarme approcher les jours des étrennes.

Cette année ce fut le comble: je réclamai un microscope. Pour le coup, mon père demeura sans voix. Je n'en voulais pas moins, un microscope. Je le voulais de toutes mes forces. Depuis un mois, je m'absorbais dans la contemplation des vitrines de l'opticien Boulade, place des Jacobins. Riez si vous voulez... j'en parlais à chaque repas et, pour ébranler mon père, je disais le prix. Je le savais, ayant eu le toupet de le demander au commis. Quinze francs. Un microscope dans les prix doux. Il y en avait de beaucoup plus chers. Ah! ceux-là, il n'y fallait pas songer. Le mien était plus simple. Mais, enfin, c'était un microscope très présentable. Mon père outré ne voulait rien entendre. Cela dura plusieurs jours.

Vinrent les vacances du jour de l'an. Je ne jouais plus. On me voyait assis, muet. Le hasard voulut que mes notes scolaires fussent excellentes. J'étais le premier de la classe.

Mon père fit sa plus grosse voix:

— Allons, tu as de la chance!

Ce disant, il me prit par la main et, sans ajouter un seul mot, il se laissa conduire chez M. Boulade.

Henri Béraud, «La Gerbe d'Or»
(adapté)

I

Répondez par des phrases complètes au questionnaire suivant:

a) A quelle époque de l'année se passe l'action du texte?

b) Pourquoi le père du petit voyait-il avec inquiétude arriver les jours des étrennes?

c) Indiquez ce que l'enfant désirait cette année-là.

d) Expliquez le sens figuré de la phrase: «Mon père demeura sans voix» et dites quelle en était la cause.

e) Qu'est-ce qui retenait le garçonnet devant les vitrines de l'opticien?

f) Comment avait-il appris que le microscope était dans «les prix doux»?

g) Quel sentiment dominait le petit garçon quand il restait assis et muet?

h) Les bonnes notes scolaires ont produit un excellent résultat. Lequel?

i) Pourquoi le père a-t-il dit: «Tu as de la chance»?

Lisez les morceaux suivants et copiez-les en faisant les modifications signalées.

A *Remplacez les tirets par les formes verbales convenables:*

L'opticien a écouté mon père. Ensuite il — — *(«aller»)* chercher les microscopes et nous en —— —— *(«vendre»)* un dans une boîte qu'il nous —— —— *(«présenter»)*. Puis il nous —— —— *(«accompagner»)* jusqu'à la porte et nous —— —— *(«sortir»)*.

B. *Dans le passage suivant au lieu de «l'opticien» écrivez «l'opticien et son commis» et faites ensuite les modifications nécessaires:*

L'opticien était très surpris de l'achat: il nous regardait traverser la place. Il avait son nez collé contre la vitre de sa boutique et faisait des yeux que je n'oublierai jamais. Mais je me suis éloigné et je ne l'ai plus vu.

III

En rentrant chez ses parents, Henri est très reconnaissant et heureux. Il montre à sa soeur Marie le microscope qui provoque son enthousiasme. La petite fille l'admire et, à son tour, indique le cadeau qu'elle espère et aimerait recevoir.

Dans *un petit dialogue* (10-15 lignes) vous écrirez leur conversation.

2.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Ciências Naturais

SOLUÇÃO

MINERALOGIA E GEOLOGIA

I

1 — *a)* Diamante.

b) Devido à sua elevada dureza utiliza-se para cortar vidro, perfurar rochas e depois de reduzido a pó serve para polir outras pedras preciosas. Em alguns casos pode utilizar-se para tornear aços.

As variedades de brilho adamantino podem ser lapidadas e têm largo emprego em joalharia.

II

1 — Metamorfismo: — Conjunto de fenómenos que sofrem as rochas preexistentes até se tansformarem em rochas metamórficas. Estas transformações são profundas e podem corresponder à mudança de textura, estrutura, composição mineralógica e muitas vezes a composição química das rochas origem.

2 — Os agentes de metamorfismo são:

a) Calor;

b) Pressão;

c) Fluidos de circulação.

3 — *a)* O calor favorece a reacristalização e as reacções químicas;

b) A pressão:

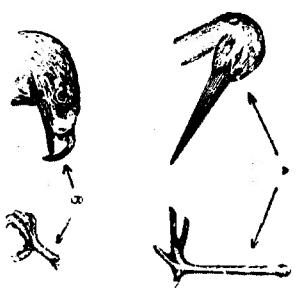
— provoca a xistosidade que é uma estrutura característica das rochas metamórficas;

— modifica a rede cristalina dos minerais;

— facilita as reacções químicas e todas as modificações no estado físico da matéria.

c) Os fluidos de circulação modificam a constituição mineralógica das rochas que envolvem e sobre as quais actuam.

ZOOLOGIA



1 — *a)* O bico representado em A pode corresponder ao bico da Cegonha. Como engolem os peixes inteiros, têm o bico direito, largo e comprido.

O bico representado em B pode pertencer a uma Águia. Tem a mandíbula superior muito forte, recurvada e aguçada para despedaçar a presa de que se alimenta.

A pata da Cegonha tem a canela muito desenvolvida para poder entrar na água até uma certa profundidade para procurar a presa de que se alimenta.

Nas aves carnívoras, pata B, as patas têm três dedos para diante e um para trás, terminando por unhas fortes e aduncas para agarrarem a presa e transportá-la.

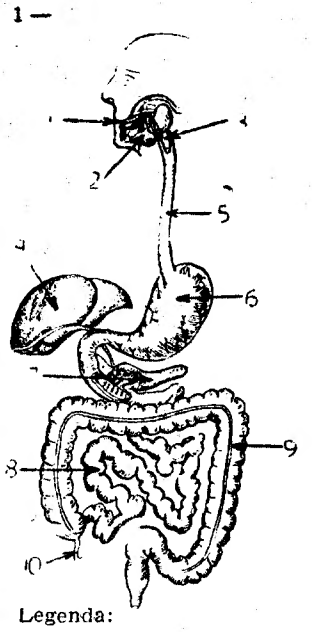
b) A ave que possui as características de A pertence à ordem das Pernaltas, e a que possui as características de B, pertence às Aves de Rapina.

2 — *a)* Os ossos pneumáticos servem para diminuir o peso do corpo, facilitando, portanto, o voo.

b) O desenvolvimento do externo tem grande importância nas aves voadoras, porque, aumentando a superfície, permite uma melhor inserção dos músculos motores das aves.

II

1 —



Legenda:

1 — boca
2 — glândulas salivares
3 — faringe
4 — fígado
5 — esófago
6 — estômago
7 — pâncreas
8 — intestino delgado
9 — intestino grosso
10 — apêndice

2 — As secreções que contribuem para a transformação do quimo em quilo são:
— suco pancreático, suco intérico e bílis. As glândulas que as produzem são, respectivamente: — o pâncreas, as células epiteliais do intestino e o fígado.

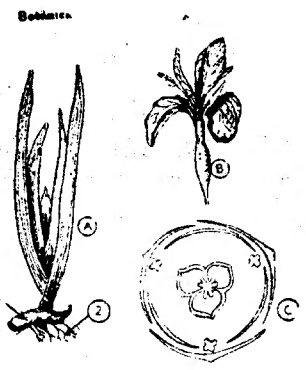
3 — *a)* A enzima da saliva é a ptialina.

b) Actua sobre as substâncias amiláceas.

c) Transforma o amido em maltose e dextrina.

4 — A absorção das substâncias nutritivas faz-se principalmente no intestino pelas vilosidades intestinais. Muitas destas substâncias passam directamente para o sangue dos capilares das vilosidades. As gorduras, depois de transformadas, são absorvidas para a linfa dos quilíferos. Algumas substâncias minerais começam a sua absorção no estômago.

BOTÂNICA



1 — *a)* Inteira e paralelinérvia.

b) Porque o mesófilo é igual em ambas as páginas.

c) 1 — Caule — um rizoma
2 — Raiz — fasciculada lateral.

2 — *a)* O prianto é pétaloide constituído por seis tépalas unidas na base. São em geral roxas e dispostas em dois verticilos. — 3 externos patentes e 3 internas erectas.

b) O ovário é ínfuo e os estames definidos.

O ovário é ínfuo porque o perianto e os estames inserem-se a um nível superior e o androceu é definido porque tem menos de dez estames. São apenas três.

3 — Esta planta não é gimnospérmica, porque não apresenta as características deste subtipo vegetal.

As características deste subtipo são:

1 — Óvulos não encerrados no ovário.

2 — Carpelos, em geral, sem estilete nem estigma.

3 — Sementes não encerradas no pericarpo.

4 — Flores nuas e unissexuadas.

O Lírio tem como caracteres os seguintes:

1 — Óvulos encerrados nos ovários.

2 — Carpelos com estilete e estigma.

3 — Sementes encerradas no pericarpo.

4 — Flores com perianto e hermafroditas.

Estes são os caracteres das Angiospérmicas e, portanto, a este subtipo que o Lírio pertence.

2.º ciclo — 1.ª Chamada

Prova escrita de Francês

Numa Roumestan visite Aps-en-Provence, sa ville natale, en compagnie de sa belle-soeur Hortense. Ils contemplent les Arènes, où le dimanche antérieur ils avaient assisté à une inoubliable farandole, dansée avec enthousiasme au son du tambourin joué par Valmajour, jeune artiste provençal.

Le vieil amphithéâtre dépouillé de l'animation bruyante du dimanche, rendu à sa solennité de ruine inutile et grandiose montrait à travers les grilles serrées ses larges corridors humides et froids, où le sol s'abaissait par endroits où les pierres se descellaient sous le pas des siècles.

— Comme c'est triste! — disait Hortense, regrettant le tambourin de Valmajour; mais se n'était pas triste pour Numa. Son enfance avait vécu là ses meilleures heures tout en joies et en désirs. Oh! les dimanches de course de taureaux, la flâ-

(Continua na página seguinte)

EXAMES PARA AMANHÃ

(27 DE JUNHO — Sexta-feira)

1.º ciclo — 2.ª chamada

Ciências Geográfico-Naturais — 15 horas (90 minutos)

Desenho Geométrico — 17 h. (120 minutos)

2.º ciclo — 1.ª chamada

História — 9 horas (90 minutos)

Inglês — 11 horas (90 minutos)

(Não é permitido o uso do dicionário)

3.º ciclo — 2.ª chamada

Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego — (15 horas (90 minutos)

Português — 17 horas (90 minutos)

Desenho — 17 horas (120 minutos)

ROTARY CLUBE DE LISBOA

(OESTE)

No restaurante F. I. L. realizou-se hoje o almoço habitual do Rotary Club de Lisboa (Oeste), a que presidiu o sr. dr. Henrique de Sousa e Melo, presidente daquele clube. Proferiu uma palestra intitulada «Psicologia da Amizade», o sr. dr. José Alves Carneiro.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

APRENDA INGLÊS
DURANTE O VERÃO
1. CURSOS INTENSIVOS (DURAÇÃO — 4 SEMANAS)
2. PREPARAÇÃO PARA EXAMES
3. CURSOS DE CONVERSAÇÃO
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE
RUA MARQUÊS SÁ DA BANDEIRA, 16
T. 51496-534054-534062

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

(Continuação da pág. anterior)

nerie autour des grilles avec d'autres enfants pauvres comme lui, n'ayant pas les dix sous pour prendre un billet. Dans le soleil ardent de l'après-midi, le mirage du plaisir défendu, ils regardaient le peu que leur laissaient voir les lourdes murailles, un coin de cirque, les jambes chaussés de bas éclatants des toréros, les sabots furieux de la bête, la poussière du combat s'envolant avec les cris, les rires, les bravos, les beuglements, le grondement du monument plein L'envie d'entrer était trop forte Alors les plus hardis guettaient le moment où la sentinelle s'éloignait; et l'on se glissait avec un petit effort entre deux barreaux

— Moi, je passais toujours — disait Roumestan épanoui Toute l'histoire de sa vie se résumait bien dans ces deux mots: soit chance ou adresse, si étroite que fût la grille, le méridional avait toujours passé

— C'est égal — ajouta-t-il en soupirant, — j'étais plus mince qu'aujourd'hui

Alphonse Daudet, «Numa Roumestan»

I

Questionnaire A

Expliquez le sens des expressions suivantes:

a) «...les pierres se dépouillaient sous le pas des siècles» (ligne 4).

b) «...le mirage du plaisir défendu» (ligne 10).

c) «...le grondement du monument plein» (ligne 14).

Questionnaire B

Répondez aux questions suivantes:

a) Dans la description initiale des Arènes, monument d'origine romaine sur quel aspect Daudet insiste-t-il?

b) Quelle était la cause des différents sentiments d'Hortense et de Numa, quand ils contemplaient le monument?

c) Qu'est-ce que les enfants pauvres, enthousiastes de courses de taureaux, pouvaient entrevoir et écouter du spectacle?

d) Comment Daudet, en parlant de ces petits, démontre-t-il que leur envie d'entrer «était trop forte»?

e) Après l'évocation de son enfance, Numa Roumestan dit quelques mots et soupire Que signifie ce soupir?

II

Rendez en français:

a) A moradia onde vivíamos em Deusto, era uma casa antiga Ficava dentro de uma grande quinta, que se estendia até à beira da ria, daquela famosa ria, onde se pescavam as enguias — uma espécie de enguias muito delgadas de um sabor finíssimo

b) À tarde, nos domingos e dias festivos, havia tamboril e baile na praça da povoação, em frente da igreja. Nesses dias tudo corria à festa: crianças, raparigas, rapazes, mulheres e homens casados. Um delírio!

c) Havia, além do tamboril, o jogo da pela e o da barra, exercícios violentíssimos

Que alegria de gente; que salubridade e vigor de povo!

Bulhão Pato «Memórias — Cenas de Infância e Homens de Letras» (adaptado)

III

Certainement vous avez déjà assisté à des fêtes populaires, à des courses de taureaux ou à des compétitions sportives. Écrivez donc vos impressions sur un de ces spectacles dans une composition pour laquelle vous choisirez le titre.

IV

Traduisez le texte depuis: «*Dans le soleil ardent...*» (ligne 9) jusqu'à: «*monument plein*» (ligne 14).

SOLUÇÃO

I

Quest. A

a) «...parce que le monument était déjà très vieux, les pierres de ses corridors se séparaient les unes des autres».

b) «...en pensant au plaisir qu'ils ne pouvaient jouir».

c) «...le vacarme des gens qui remplissaient l'amphithéatre».

Quest. B

a) Il insiste sur l'ancienneté du monument et la grandiosité de ses ruines.

b) Hortense visitait le monument et sentait la tristesse de ses vieilles pierres, tandis que Numa éprouvait toute la joie des souvenirs da son enfance qui s'attachaient.

c) Ils ne pouvaient que voir un coin de cirque, les jambes des toréros, les sabots des taureaux et la poussière qui s'envolait du sol, et entendre le bruit produit par les gens et par les animaux.

d) L'auteur nous dit qu'ils attendaient axieusement le moment où ils pourraient passer entre deux barreaux sans être vus par la sentinelle

e) Ce supir signifie, peut-être, son chagrin de ne pouvoir retourner à son enfance dont il avait de si bons souvenirs

II

a) La villa où l'on vivait à Deusto, c'était une vieille maison Elle se situait dans uns grande ferme qui s'allongeait jusqu'au bord de la lagune, de cette fameuse lagune où l'on pêchait les anguilles — une sorte d'anguilles très minces, d'une saveur très delicate.

b) L'après-midi, les dimanches et les jours de fête, il y avait du tambourin et un bal dans la place du village, en face de l'église Ces jours-lá tout le monde courait à la fête: des enfants, de jeunes filles, de jeunes gens, des femmes et des hommes. Un délire!

c) Il y avait, en plus du tambourin, le jeu de la pelote et celui des barres, des exercices bien violents.

Quelle joie, ces gens-là quel le salubrité et vigneur d'un peuple!

III

Não se apresenta solução por ser de carácter subjectivo.

IV

Sob o sol ardente da tarde, na miragem do prazer proibido, eles olhavam o pouco que lhes deixavam ver as pesadas muralhas, um bocadinho da arena, as pernas dos toureiros calçadas com meias vistosas, os cascos furiosos do animal, a poeira da luta subindo com os gritos, as gargalhadas, os bravos, os mugidos, o fragor da praça cheia.

3.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Filosofia

I

Leia, cocm atenção, o texto seguinte de Roger Mucchielli e responda às 4 perguntas que se lhe referem:

«Todos os autores estão de acordo acerca da existência da «memória perceptiva», isto é, acerca desta memória elementar imediata e empenhada na percepção, graças à qual as coisas e os seres são reconhecidos, pela qual os objectos têm uma significação e sem a qual a acção seria impossível. Pode muito bem reduzir-se esta memória ao hábito, visto que o objecto ou o ser reconhecido é o que nos é já familiar, ou para o qual nós temos um comportamento adaptado. O hábito é a memória inscrevendo-se no nosso comportamento, fazendo corpo com ele, da mesma maneira que a percepção é a memória inscrevendo-se na sensação e não fazendo senão uma só coisa com ela, no estado normal.

Mas a memória em sentido restrito é coisa diferente desta memória manejada, memória inconsciente em obra na acção presente, é a possibilidade tipicamente humana de «descolar» do presente e da acção, e de «mergulhar no horizonte do passado» (Merleau-Ponty); é o «sentido do passado» solidário dum sentido do futuro.»

1) Que é a memória, em geral?

2) Em que consiste o hábito?

3) Que significa a expressão do texto: «a percepção é a memória inscrevendo-se na sensação e não fazendo senão uma só coisa com ela, no estado normal»?

4) Na terminologia de Bergson, que tipos de memória estão descritos no texto?

II

Responda *concisamente* às seguintes perguntas:

1) A dedução é uma inferência mediata que se apresenta sob duas formas: a dedução silogística e a dedução matemática.

Que diferença há entre estas duas formas?

2) Platão teve uma concepção do real diferente da de Aristóteles.

Em que consistiu a diferença?

3) Para que a moral possa ser imposta ao homem, sem absurdo, são necessárias condições.

Quais são as condições indispensáveis para a existência da moral?

4) Há duas noções ontológicas frequentemente empregadas pelos filósofos: a de substância e a de acidente.

Quais são as diferenças entre substância e acidente?

III

Desenvolva o tema seguinte, *respeitando a divisão nas alíneas indicadas:*

Metodologia das ciências

(Continua na página seguinte)

Marcello Caetano vai aumentar as relações de Cultura e Comércio entre Portugal e Brasil

—ESCREVE UM JORNAL BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO, 26. — (A. N. I.) — «O aumento do comércio entre o Brasil e Portugal» — afirma o «Jornal do Brasil» — será o grande tema das conversações que o visitante (Marcello Caetano) manterá com as autoridades brasileiras.

«Por enquanto — prossegue o «Jornal do Brasil» — esse comércio é bastante reduzido. Ao passo que o Brasil exporta para Portugal couros, madeira, sisal, carne e arroz, Portugal vende-nos vinhos, produtos de Natal, azeite e azeitonas».

No mesmo artigo recorda depois, o «Jornal do Brasil», que o prof. Marcello Caetano é já um «visitante antigo» do Rio de Janeiro, acentuando:

«Com efeito, esta não é a primeira vez que o sucessor de Salazar vem ao Brasil. Como professor, visitou o Rio diversas vezes, hospedando-se sempre em casa de parentes seus, na Zona Sul. Quando vinha, gostava de dar longos passeios pela cidade, visitando principalmente os museus e o parque do Flamengo, que chegou a percorrer durante várias fases da sua construção. Desta feita, porém, como primeiro-ministro de Portugal, ele não terá tempo de rever a cidade.

«Embora o seu programa não esteja ainda de todo pronto, sabe-se que será curto. Na Guanabara ficará três dias e é quando se avista com diversas autoridades civis, participa de almoços de confraternização e estabelece contactos com a sociedade local. O objectivo principal da sua visita ao Brasil será a revisão dos acordos culturais, comerciais e económicos assinados em 1966, por ocasião da ida a Lisboa do então chanceler Joracy Magalhães».

«Para essa revisão, a agenda do prof. Marcello Caetano — acrescenta o «Jornal do Brasil» — será preparada, em reuniões que se efectuam de 1 a 4 de Julho, por uma comissão luso-brasileira para os assuntos culturais, e por outra, também mista, para os assuntos económicos. Aos portugueses que fazem parte da primeira daquelas comissões preside o embaixador Caldeira Coelho e aos que fazem parte da comissão luso-brasileira para os assuntos económicos o embaixador José Calvet de Magalhães. As reuniões terão lugar no Itamaraty».

Além deste artigo, publica o «Diário de Notícias» o programa oficial da visita de Marcello Caetano ao Brasil, tal como foi revelado pelo Itamaraty, programa que a «Gazeta de Notícias» também publica.

O programa foi igualmente publicado na íntegra, em São Paulo, pela «Folha de São Paulo».

REUNIÃO DO CURSO JURÍDICO 1934-39

Para comemorar o 30.º aniversário da sua formatura reuniu-se hoje o curso jurídico de 1934-39 da Faculdade de Direito de Lisboa. O programa que abrange três dias, iniciou-se com missa na igreja de São Domingos por intenção dos professores e condiscípulos falecidos. Oficiou o rev.º padre Amadeu dos Santos.

Pouco depois das 11 horas, os antigos estudantes voltaram a reunir-se na Faculdade de Direito, onde apresentaram cumprimentos ao respectivo director sr. prof. dr. Paulo Cunha. Em nome do curso, falou o sr. dr. Francisco Bahia dos Santos, tendo aquele professor catedrático agradecido.

Pelas 13 horas, houve um almoço de confraternização no restaurante da Quinta de São Vicente.

Em TORRES NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA CENTRAL, de Fernando Farinha Cardoso.

A N.A.T.O. PRECISA DE UM JORNALISTA

Encontra-se vago o lugar de chefe dos Serviços de Imprensa da Divisão Política do Secretariado Internacional da OTAN, para cujo preenchimento poderão ser apresentadas candidaturas portuguesas, que terão de ser dirigidas ao referido Secretariado até 22 de Julho próximo

A descrição do lugar e as qualificações requeridas para o seu preenchimento constam das seguintes condições:

Curso superior; um período razoávelmente longo de experiência responsável em relações com a Imprensa; um conhecimento sólido dos problemas políticos correntes; aptidão para contactos com o publico; boa apresentação; capacidade administrativa; robustez física satisfatória; o conhecimento profundo e fluente das suas línguas oficiais é essencial.

ESPECTÁCULO de variedades em Bragança

BRAGANÇA, 26 — Amanhã á noite, no Cine-Teatro Camões, haverá um espectáculo no qual tomam parte: Simone Oliveira, Artur Garcia, Moniz Trindade André e Maria Dilar, João Fernando Maria Adelaide, Ferando Gonçalves (o pequeno vareiro de Matosinhos); Conjunto de Carlos Areias, etc.

«O tempo e o modo» escolheu os corpos gerentes

Efectuou-se no Centro Nacional de Cultura, a primeira assembleia geral da nova sociedade anónima «O tempo e o modo, S. A.R.L.», que tem por objecto «a administração e distribuição de jornais, revistas e livros e, de um modo geral, o exercício da industria gráfica, podendo ainda explorar qualquer outro ramo de comércio ou industria de acordo com deliberação da assembleia geral» (art. 3.º, 1, dos estatutos).

Entre outras deliberações, a assembleia elegeu os corpos gerentes da sociedade, á cabeça dos quais passam a estar os drs. José Manuel Galvão Teles, Jorge Sampaio e Vítor Wengorovius, respectivamente presidentes do conselho de administração, da assembleia geral e do conselho fiscal.

D. Rosalina Esteves Lopes de Castro

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Maria Helena Lopes de Castro Nabais dos Santos e seu marido Engenheiro António Nabais dos Santos participam que foi Deus servido chamar À Sua Divina Presença, a sua muito querida mãe, sogra e avó, e que o seu funeral es realiza amanhã, pelas 10 horas, da Rua Padre Francisco Alvares, 2.º Impasse, n.º 2, 5.º Esq., para jazigo no cemitério de Castelões de Besteiros-Tondela. Pelas 9 horas será celebrada Missa de Corpo Presente.

ANTIGA AGÊNCIA ENNES COSTA LDA.
Rua Eduardo Coelho, 78-80
Tel. 32 53 00

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SÁ DE MIRANDA
EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 E 537532

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

(Continuação da pág. anterior)

Compare a matemática e a história.
a) quanto ao objecto;
b) quanto ao método.

3.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Organização Política e Administrativa da Nação

I

Responda *concisamente* ás seguintes perguntas:
1) Como se classifica a actual Constituição Política portuguesa quanto à revisão e conteúdo? Justifique a resposta.
2) Que diferença há entre uma proposta de lei e um projecto de lei apresentados à Assembleia Nacional?
3) Que é o Governo em sentido amplo e em sentido restrito?
4) Quais são as prerrogativas e imunidades dos juízes?
5) Por quem é eleita a Junta de Freguesia e quais são as atribuições desta?

II

Desenvolva o tema seguinte, *respeitando a sua divisão nas alíneas indicadas:*

A organização corporativa portuguesa actual
a) Linhas gerais do Estatuto do Trabalho Nacional.
b) As classes de corporações; os graus dos organismos corporativos económicos.

ENSINO TÉCNICO

EXAME DO CICLO PREPARATÓRIO
Ciências Geográfico-Naturais

1.ª CHAMADA

SOLUÇÃO

I

1 — *a)* Estrelas, planetas, cometas e nebulosas.
b) Planetas. Não tem luz própria e muda de posição relativamente aos outros astros.
c) Um ano.
d) 24 horas — um dia.
e) À sucessão dos dias e das noites e ao movimento diurno da esfera celeste.
2 — *a)* Lua nova.
b) Lua cheia.
c) A Lua.
d) 29 dias e meio.
e) Lunação ou mês lunar.

II

1 — *a)* Por mapas ou cartas e globos.
b) Planisfério.
c) Por globos. Têm aproximadamente a forma da Terra.
2 — *a)* Congo.
b) Continente Africano.
c) Oceano Atlântico.
d) Zona tórrida.
e) Trópico de Câncer (a Norte); Trópico de Capricórnio (a Sul).
3 — *a)* A { latitude 40º Sul; longitude 60º W (ocidental).

APRENDA MAIS E MELHOR
IMPERIAL
Av. Alm. Reis, 197
Tel. 46908
ESTENOGRAFIA 25 HORAS
DACTILOGRAFIA 25 HORAS
CURSO EM 6 SEMANAS

b) 12 h + 4 h = 16 horas.
Serão 16 horas do mesmo dia.
c) 16 h + 8 h = 24 horas
Serão 24 horas do mesmo dia.

III

1 — *a)* Sólido, líquido e gasoso.
b) Condensação — passagem de vapor a líquido.
c) O granizo resulta da solidificação rápida da água das nuvens e cai sobre a superfície terrestre com a forma de grãos de gelo. Se o arrefecimento da água das nuvens, se faz lentamente, forma-se a neve que cai em flocos brancos e leves.
d) Variações de temperaturas.
2 — *a)* Humidade atmosférica.
b) Por meio dos higrómetros.

IV

1 — *a)* Sedimentares, eruptivas ou ígneas e metamórficas.
b) Sedimentares.
c) É utilizada na indústria da cerâmica; na indústria do papel; na fabricação do cimento, etc.
2 — *a)* A um solo que valha a pena cultivar.
b) Não. Porque é impermeável.

V

1 — *a)* Fasciculada.
b) Colmo.
c) Fixa a planta ao solo e alimenta-a.
d) Incompletas. Falta-lhes o pecíolo.
2 — *a)* 1 — Gémula.
2 — Caulículo.
b) É a passagem do estado de vida latente da plântula ao estado de vida activa da nova planta.
c) Contêm substâncias nutritivas de reserva destinadas a alimentar o embrião.

VI

1 — *a)* Mamífero (Herbívoro. Ruminante).
b) — Pança, barrete, folhoso e coalheira.
c) Ajuda o homem nos trabalhos do campo, na tracção dos carros, charruas, etc., fornece-lhe a carne para a alimentação, os chifres e os ossos para botões e outros utensílios. Ainda aduba a terra. A fêmea — vaca — dá-lhe o leite
2 — *a)*:
1 — Barbatana caudal
2 — Barbatana dorsal.
3 — Barbatana anal
4 — Barbatanas ventrais
5 — Barbatanas peitorais.
b) Por guelras ou brânquias — respiração branquial.
c) Peixes do rio — carpa, barbo, truta. Peixes do mar — sardinha, carapau, pescada, etc. Peixes migradores — sável, salmão e enguias.
d) Sardinha, cavala e atum.
e) Matosinhos e Setúbal.

Matemática

Aritmética

I

Determina o valor das seguintes expressões numéricas:

$A = 1{,}5^2 - \sqrt{1 + \frac{9}{16}}$

$B = \left(\frac{1}{7} + \frac{1}{5}\right) \left(2\frac{1}{3} \times \frac{9}{7}\right)$

II

De uma peça de linho com 30 metros, cortaram-se $\frac{3}{10}$ e ainda 4 retalhos de 1,5 m. Que fracção da peça representa a porção de linho restante?

III

a) Quais os múltiplos de 7 compreendidos entre 90 e 115?
b) Escreve o maior número de três algarismos cuja divisão por 5 dá um resto igual a 4.
c) O número 219 é primo? Justifica a resposta.
d) Verifica, apresentando os cálculos, que os números 44 e 51 são primos entre si.

IV

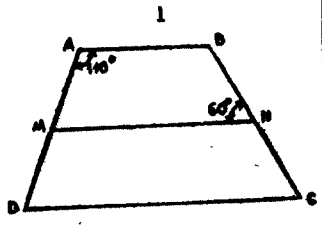
Contando os caramelos de um frasco 5 a 5, 8 a 8, ou 12 a 12, nenhum sobra. Qual o número de caramelos que o frasco contém, sabendo-se que está compreendido entre 350 e 400?

V

Se 100 escudos rendem 8 escudos em 2 anos, qual será o rendimento de 24 000 escudos em 5 anos?

Geometria

1



Na fig 1, o segmento $\overline{AB}$ é paralelo aos segmentos $\overline{DC}$ e $\overline{MN}$; $\overline{M}$ é o ponto médio do segmento $\overline{AD}$; $\overline{N}$ é o ponto médio do segmento $\overline{BC}$.
1) Nestas condições, indica:
a) Dois ângulos correspondentes.
b) Dois ângulos suplementares não adjacentes.
c) A medida do $\measuredangle ADC$.
2) *a)* Classifica o quadrilátero *[ABCD]*.
b) Que nome tem o segmento $\overline{MN}$?
c) Determina a medida do segmento $\overline{DC}$, sendo:

$\overline{AB} = 45$ mm e $\overline{MN} = 6$ cm.

II

Num triângulo *[ABC]*, o $\measuredangle A$ mede 98º e o $\measuredangle B$ mede 42º.
a) Qual é o menor lado? Justifica a resposta.
b) Classifica este triângulo quanto à natureza dos ângulos.

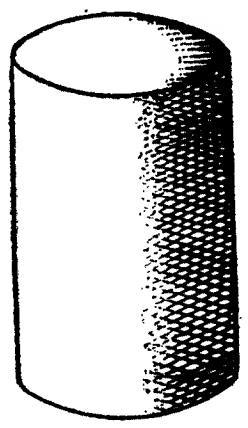
III

Um losango cujas diagonais medem 10 cm e 5 cm, respectivamente, é equivalente a um rectângulo de 6,25 cm de comprimento.
Qual é a largura do rectângulo?

IV

A área de uma das faces de um cubo é igual a 20,25 cm².
Uma folha de papel de lustro de 14 cm × 10 cm será suficiente para forrar todas as faces do cubo?
(Apresenta os cálculos que fizeres)

V



A fig. 2 representa um dos sólidos que estudaste.
a) Que nome tem este sólido?
b) Se a superfície da base for de 706,50 mm², qual é a medida do raio?
c) Determina agora o volume do sólido, atribuindo 6 cm à altura.

SOLUÇÃO

ARITMÉTICA

$A = 1{,}5^2 - \sqrt{\frac{25}{16}} = 2{,}25 - 1{,}25 = 1$

$B = \frac{5+7}{5\times7} + \frac{3\times9}{3\times7} \times \frac{12}{5\times7} = \frac{8\times7}{7\times9} = \frac{12\times3}{5\times7\times9} = \frac{36}{35\times9} = \frac{4}{35}$

II

$30 - \left(\frac{90}{10} + 4\times1{,}5\right) = 30 - 15 = 15$

$\frac{15}{30} = \frac{1}{2}$

III

a) $7\times13=91$; $7\times14=98$; $7\times15=105$; $7\times16=112$
b) 999
c) Não é primo porque é divisível por 3
d) $44 = 2^2\times11$
$51 = 3\times17$ m. d. c. = 1

IV

m. m. c. [5,8 e 12] = 120
$120\times3 = 360$
$350 < 360 < 400$

V

$x = 8\times\frac{24000}{100}\times\frac{5}{2} =$
$= 4800$ escudos

GEOMETRIA

I

1 a) ang AMN e ADC correspondentes
b) ang MNC e NCD suplementares, não adjacentes
c) ang ADC = 180º — 110º = 70º
2 a) Trapézio
b) Mediana
c) $\overline{DC} = 2\times\overline{MN} - \overline{AB} =$ 120 mm — 45 mm = 75 mm

II

a) O menor lado opõe-se ao menor angulo: $\measuredangle C = 40º$
b) Obtusangulo

Vai ser instalado um emissor regional na Guiné

A Emissora Nacional vai instalar, na província da Guiné, um emissor regional.
O decreto-lei hoje saído no «Diário do Governo» diz que compete á E. N. «assegurar todo o serviço de radiodifusão indispensável à satisfação das necessidades da província e à salvaguarda e defesa dos interesses nacionais, substituindo, em matéria de radiodifusão, a actividade até agora exercida pela emissora Oficial da Guiné Portuguesa».

III

Area do losango = $\frac{10\text{ cm}\times5\text{ cm}}{2} = 25\text{ cm}^2$

Alt. do rectângulo = $\frac{25\text{ cm}^2}{6{,}25\text{ cm}} = 4$ cm

IV

Area total do cubo = $6\times20{,}25\text{ cm}^2 = 121{,}5\text{ cm}^2$
Area do papel = $14\text{ cm}\times10\text{ cm} = 140\text{ cm}^2$ (chega)

V

a) Cilindro (recto)
b) $\pi R^2 = 706{,}50\text{ mm}^2$
$R = \sqrt{225} = 15$ mm
$R^2 = 225\text{ mm}^2$
c) $V = 60\times706{,}50 = 42390\text{ mm}^3$

2.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Matemática

Leia com atenção os enunciados. Indique os cálculos que tiver de efectuar.

1

Calcule o valor numérico da expressão,

$\frac{(-2)^3 \quad 4 - \frac{3}{2}}{-\sqrt{2} \quad 2^{-3}}$

Apresente o resultado sob a forma de potência de 2.

II

Resolva a equação em x,

$2\sqrt{a}\,x^2 - 4x - ax + 2\sqrt{a} = 0$, com $a > 0$

Apresente as raízes com denominador racional.

III

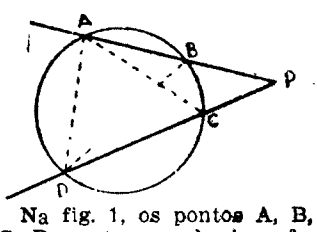
Considere a sucessão de termo geral $u_n = 1 - 5n$

a) Haverá, nesta sucessão, algum termo igual a —104? Em caso afirmativo, determine a sua ordem.
b) Mostre que a sucessão é uma progressão aritmética.
c) Determine a soma dos *dez* primeiros termos da sucessão sem recorrer ao valor de todos eles.

IV

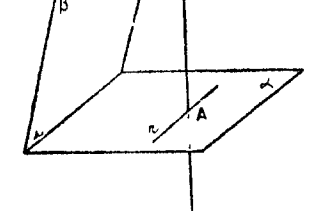
Resolva o seguinte problema:
A partir de um dado triângulo construiu-se um outro, adicionando duas unidades a cada um dos lados do triângulo inicialmente considerado.
O perímetro do novo triângulo está para o perímetro do primeiro assim como 3 está para 2.
Determine os perímetros dos dois triângulos.

V



Na fig. 1, os pontos A, B, C, D, pertencem à circunferência; as rectas AB e DC intersectam-se no ponto P.
a) Mostre que os triângulos [ACP] e [BDP] são semelhantes.
b) Supondo que o triângulo [ACD] é equilátero e que $\overline{BC} = \frac{1}{5}\overline{AD}$, calcule a medida do ângulo APD.

VI



α e β são dois planos concorrentes que se intersectam segundo a recta *i* (fig. 2).
A recta *a* intersecta o plano α no ponto A.
Pretende-se determinar uma recta *r* do plano α, pa-

(Continua na página seguinte)

Reforma do ensino médico agrícola

Efectuou-se em Chaves uma sessão de trabalho na qual participaram algumas dezenas de regentes agrícolas trasmontanos que discutiram os aspectos de que deverá revestir-se a projectada reforma do ensino médio agrícola.
As conclusões a que levaram os trabalhos efectuados serão apreciadas em reunião magna a realizar em Mirandela no próximo dia 29, pelas 15 horas e na qual será lavrada a exposição a dirigir ás entidades competentes através do Sindicato Nacional dos Regentes Agrícolas.
Com esta iniciativa os regentes agrícolas trasmontanos afirmam um decidido propósito de contribuirem para a execução de medidas ligadas á vida da sua classe através de um testemunho forjado ao longo de uma experiência profissional rica de amargas insuficiências.

O ministro da Marinha vai visitar o Centro Social do Alfeite

O ministro da Marinha visita, amanhã, de manhã, o Centro Social do Alfeite, onde será recebido por diversos oficiais, entre os quais o comandante da Base Naval de Lisboa sr. almirante Ferrer Caeiro.

LICEU-INSTITUTOS
1.º, 2.º E 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS
CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão
ESCOLA SÃO VICENTE: R. do Paraíso, 28 — T. 865904
EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL: Rua Carrilho Videira, 10 — T. 834658; R. Edith Cavell, 8, 1.º — T. 820221
Manter-se-ão aulas durante as férias
Cursos a iniciar em 1 de Julho

NUN'ÁLVARES
COLÉGIO DIURNO E NOCTURNO
PRIMÁRIA, 1.º, 2.º E 3.º CICLOS
Praça João do Rio, 2 (à Alameda) — Tel. 72 24 61

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

(Continuação da pág. anterior)

ralela ao plano β e concorrente com a recta a.

Para esse efeito traça-se em α, passando por A, uma recta r paralela à recta i.

A recta r é a recta pedida. Justifique-o, mostrando que:

a) A recta r é paralela ao plano β.

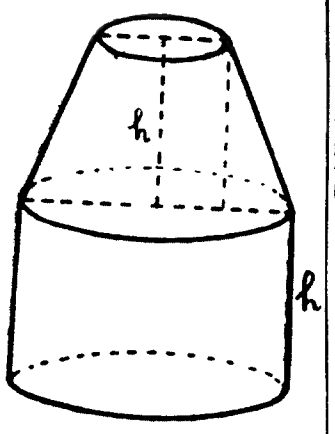
b) As rectas r e a são concorrentes.

VII

A fig. 3 representa um sólido de revolução constituído por um cilindro e por um tronco de cone com uma base comum e com a mesma altura h.

A base menor do tronco de cone tem 2 metros de diâmetro e a maior 6 metros.

Exprima, um função de h, a área lateral do sólido.



SOLUÇÃO

I

Teremos, sucessivamente:

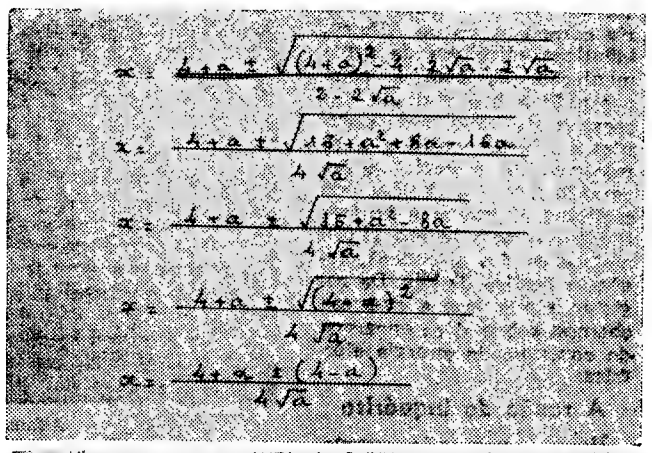
$$\frac{(-2)^3 \cdot (2^2)^{\frac{3}{2}}}{-2^{\frac{1}{2}} \cdot 2^{-3}} = \frac{-2^3 \cdot 2^{-3}}{-2^{\frac{5}{2}}} = \frac{2^0}{2^{-\frac{5}{2}}} = \frac{1}{2^{-\frac{5}{2}}} = 2^{\frac{5}{2}}$$

II

Reduzindo à forma canónica, virá:

$$2\sqrt{a}\,x^2-(4+a)\,x+2\sqrt{a}=0 \qquad \text{com } a>0$$

Aplicando a fórmula resolvente teremos, sucessivamente:

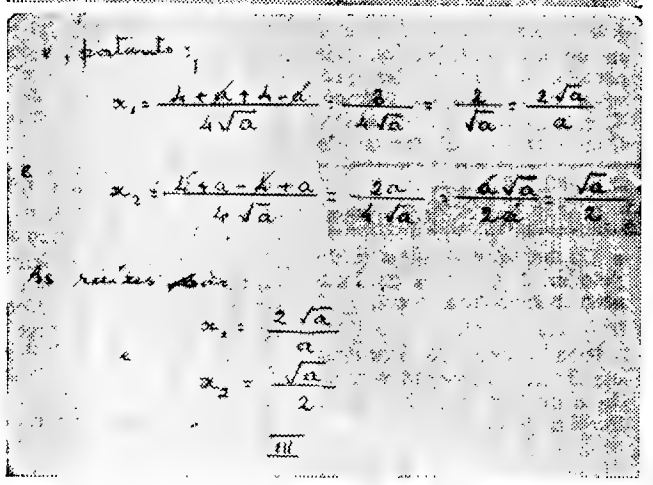


$$x_1=\frac{4+a+\sqrt{(4+a)^2-4\cdot 2\sqrt{a}\cdot 2\sqrt{a}}}{2\cdot 2\sqrt{a}}$$

$$x_1=\frac{4+a+\sqrt{16+a^2+8a-16a}}{4\sqrt{a}}$$

$$x_1=\frac{4+a+\sqrt{(4-a)^2}}{4\sqrt{a}}$$

$$x_1=\frac{4+a+(4-a)}{4\sqrt{a}}$$



$$x_1=\frac{4+a+4-a}{4\sqrt{a}}=\frac{8}{4\sqrt{a}}=\frac{2}{\sqrt{a}}=\frac{2\sqrt{a}}{a}$$

$$x_2=\frac{4+a-4+a}{4\sqrt{a}}=\frac{2a}{4\sqrt{a}}=\frac{a\sqrt{a}}{2a}=\frac{\sqrt{a}}{2}$$

$$x_1=\frac{2\sqrt{a}}{a}$$

$$x_2=\frac{\sqrt{a}}{2}$$

III

a) Terá de ser

$$u_n=-104$$

ou seja

$$1-5n=-104$$

Resolvendo, teremos:

$$-5n=-105$$

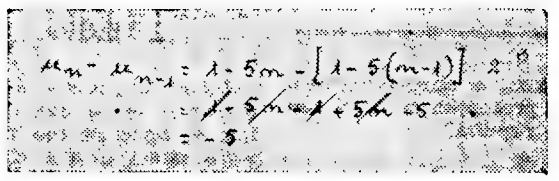
ou

$$n=21$$

O termo da sucessão que é igual a -104 é o termo de ordem 21.

b) Basta mostrar que a diferença entre qualquer termo e o seu precedente é constante.

Teremos então



$$u_n-u_{n-1}=1-5n-[1-5(n-1)]$$

$$=1-5n-1+5n-5$$

$$=-5$$

Como a diferença é -5, concluímos que a sucessão é uma progressão aritmética de razão -5.

c) Como a soma dos *dez* primeiros termos pode ser calculada por

$$S_{10}=\frac{u_1+u_{10}}{2}\times 10$$

e como $u_1=-4$ e $u_{10}=1-5\times 10=-49$

virá

$$S_{10}=\frac{-4-49}{2}\times 10=-265$$

A soma é portanto -265.

IV

Representando por x o perímetro do primeiro triângulo, será x+6 o perímetro do segundo.

Pelas condições do problema, ter-se-á:

$$\frac{x+6}{x}=\frac{3}{2}$$

e, resolvendo,

$$2x+12=3x$$

e finalmente

$$x=12$$

O perímetro do primeiro triângulo é, portanto, 12 e o do segundo 18.

V

a) Verifica-se pelas condições indicadas no enunciado que:

$\sphericalangle$ APD é comum aos dois triângulos

e

$\sphericalangle$ PAC = $\sphericalangle$ BDP porque são ângulos inscritos no mesmo arco de circunferência, tendo, portanto, por medida metade da amplitude do arco BC.

Nestas condições, os triângulos [ACP] e [BDP] são semelhantes por terem dois ângulos respectivamente iguais.

b) Como o triângulo [ACD] é equilátero então

$$\overline{AD}=120^\circ \quad \text{e} \quad \overline{BC}=\frac{1}{5}\times 120^\circ=24^\circ$$

A medida do ângulo APD é igual à semidiferença das amplitudes dos arcos compreendidos entre os seus lados, e, portanto:

$$\text{med}\sphericalangle \text{APD}=\frac{120^\circ-24^\circ}{2}=48^\circ$$

VI

a) A recta r é paralela ao plano β porque é paralela a uma recta deste plano (a recta i) — condição suficiente de paralelismo de uma recta e um plano.

b) As rectas r e a são concorrentes porque têm um ponto comum (A).

VII

A área lateral do sólido é a soma da área lateral do cilindro com a área lateral do tronco de cone.

Teremos então:

1. — Área lateral do cilindro

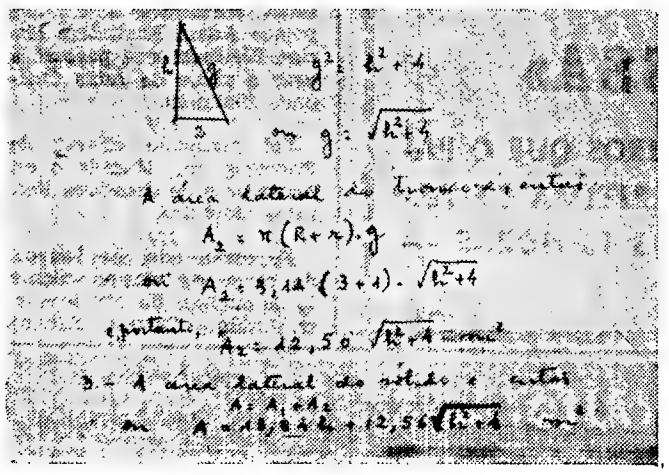
$$A_1=2\pi Rh$$

ou como R=3 metros

$$A_1=2\times 3{,}14\times 3\times h=18{,}84\,h \quad m^2$$

2. — Área lateral do tronco de cone.

Como o raio da base maior é 3 metros e o raio da base menor é 1 metro, teremos, para calcular a geratriz do tronco, que determinar a hipotenusa do triângulo rectângulo cujos catetos são h e 2 metros, isto é:



$$g^2=h^2+4$$

$$g=\sqrt{h^2+4}$$

A área lateral do tronco é então

$$A_2=\pi(R+r)\cdot g$$

$$A_2=3{,}14\,(3+1)\cdot\sqrt{h^2+4}$$

portanto

$$A_2=12{,}56\sqrt{h^2+4}\ m^2$$

3. — A área lateral do sólido é então

$$A=A_1+A_2$$

$$A=18{,}84\,h+12{,}56\sqrt{h^2+4}\ m^2$$

3.º ciclo — 2.ª chamada
Prova escrita de Latim

Texto

Sæpe et multum hoc mecum cogitavi: bonine an mali plus attulerit hominibus et civitatibus eloquentia. Nam, cum et nostroe rei publicæ detrimenta considero et maximarum civitatum veteres animo calamitates colligo, non minimam video per disertissimos homines invectam partem incommodorum; cum autem res remotas ex litterarum monumentis repetere instituo, multas urbes constitutas, plurima bella restincta, firmissimas societates intellego tum facilius eloquentia comparatas.

Existimo sapientiam sine eloquentia parum prodesse civitatibus, eloquentiam vero sine sapientia nimium obesse plerumque, prodesse nunquam.

Cícero

I

1 — Em que modo se encontra a forma «attulerit»? Porquê?

2 — Que função sintática desempenham as palavras «detrimenta» e «veteres»... calamitates»?

3 — Qual o modo, o tempo e a voz das formas «constitutas», «restincta» e «comparatas»? Como as justifica?

4 — Em que caso está «eloquentia»? Porquê?

5 — Qual o caso de «civitatibus»? Justifique-o.

6 — Traduza o texto.

II

1 — Mude para a voz passiva a proposição «cum et nostræ rei publicæ detrimenta considero», tornando expresso o seu agente.

2 — Transforme em discurso indirecto «Nam, cum et nostræ rei publicæ detrimenta considero et maximarum civitatum veteres animo calamitates colligo, non miniman video per disertissimos homines invectam partem incommodorum».

3 — Verta para latim:

Cícero pensa que aquele que se sirva da eloquência para lutar pelo progresso da sua pátria deve ser considerado pelos outros cidadão utilíssimo.

III

1 — Leu alguns extratos da obra de Cícero. Por eles que aspecto da mesma obra mais ficou a admirar? Porquê?

O caso do Ginjal

FOI ACIDENTE A MORTE DO AVIADOR SUL-AFRICANO

Não teve origem criminosa, mas sim acidental, a morte do aviador (oficial de cabina) sul-africano Willem Ernest, de 29 anos, ocorrida há dois meses no Ginjal depois de grandes libações com outros dois indivíduos, o engenheiro de bordo Adrian Den Haan, também sul-africano, e o ajudante de cozinheiro Manuel Rodrigues da Silva

Como então noticiámos, o corpo esfacelado de Ernest foi descoberto no quintal da Cooperativa dos Armadores de Pesca do Bacalhau, depois de uma queda livre de 30 metros que podia levantar a hipótese de crime. Mas a tragédia, diz a 3.ª Secção da Subdirectoria de Lisboa da Polícia Judiciária, deu-se quando o sul-africano, perseguido pelo rapazio da zona, pretendeu arranjar um esconderijo. Vinho em excesso fê-lo precipitar-se da falésia.

HOMENAGEM A OPERÁRIOS

A semelhança do que tem feito nos últimos 15 anos, o Grémio das Oficinas de Reparação de Automóveis e Industrias Anexas do Sul promove, no dia 2 de Julho, ás 18 horas, uma homenagem, com entrega de medalhas e diplomas, a operários com mais de 25 anos de serviço ininterruptos na mesma entidade

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

(Continuação da 1.ª página)

com o valor de esc. 40 000$, por não ter sido atribuído o prémio do ano findo. E não será demais insistir numa cláusula do Regulamento que é, sem dúvida, de grande importância: a obrigatoriedade de atribuição de todos os prémios.

E um pormenor aliciante é de salientar ainda: quem conquistar o Grande Prémio «Diário de Lisboa» terá a excelente oportunidade de visitar Nova York, como se sabe uma das grandes capitais da publicidade do mundo do nosso tempo. O beneficiado com esta viagem, a indicar pela entidade contemplada (Agência ou Serviço de Publicidade), poderá tomar contacto com algumas das mais importantes organizações americanas de publicidade, o que constituirá, através dos contactos que lhe é possível estabelecer, uma viagem profissional do maior interesse.

Uma viagem de ida e volta de avião, com hotel pago durante uma semana na grande metrópole americana será oferecida pelo nosso jornal, com a colaboração da Intertur — Organização Mundial de Intercâmbio Turístico, Lda. —, e da Air France, a representar, sem dúvida, valiosa contribuição para o estímulo da classe publicitária participante na nossa iniciativa.

Podemos, pois, afirmar que o Grande Prémio de Publicidade repete o êxito do ano findo, mas, agora, com mais larga expressão e ainda maior significado. A expectativa dos publicitários portugueses não foi iludida. A iniciativa, aliás, nas duas edições que levámos a efeito, como nas que se seguem em anos futuros, visa constituir valioso estímulo para os artistas gráficos portugueses.

ECOS

A inflação em França é para muitos uma realidade assustadora. Mas como enfrentá-la? A simples alusão a um plano de estabilização desperta logo reacções de desagrado. Vinte e dois colaboradores do **Express** interrogaram, em Paris, em Nice, em Grenoble e em Clermont-Ferrand, personalidades que, já pelas suas responsabilidades já pelo seu poder económico podem considerar-se como orientadores de opinião em matéria de economia. Pois bem, nenhuma dessas entidades admitiu como possível uma política tendente a combater a inflação. Parece fora de dúvida a austeridade não seria solução com metade do país em greve.

Tudo leva a crer que só noutros rumos políticos e económicos pode a França conciliar o equilíbrio financeiro e o contentamento das massas.

★

CONSTANTEMENTE se afirma que Portugal é um País pobre. E, até certo ponto, é-o, por culpa de todos nós. Mas quem fala, ousada e conscientemente em levar por diante — e depressa — a prospecção sistemática e científica do solo e do subsolo: o levantamento dos minérios, a escolha das culturas mais adequadas aos terrenos e ao regime de chuvas?! E quando se abrem de par em par as portas das escolas médias e superiores, já que a formação de quadros, o aproveitamento de valores reais, a promoção cultural são também fontes de riqueza?

★

O impacto antiburguês, virulento e saudável, de certos poemas surrealistas é mais forte do que o de muitas diatribes humanitárias. Eis, como exemplo, este poema satírico **de Benjamin Pérret, intitulado «As Boas Maneiras»: «À luz das** gravatas / descobrem-se os corações / e o sabor salgado / dos cabelos das servas / / Abana-te se podes / o porteiro está com os hóspedes / e os gatos os cães as cascatas e os mortos / No porto há um veado doente / que comeu nozes / A sua voz é quente como um astro / lamenta os automóveis das estradas / e os peixes de água doce / Comeu nozes / nozes sem voz e sem calor / e a sua pele fica desolada / / como uma mina de carvão.»

★

A poesia em disco está a implantar-se de dia para dia e sòlidamente no mercado português. Em boa hora tal sucede. É com profunda satisfação que vemos assim aparecer, ditos por António Gedeão, essas autênticas obras-primas que são «Poema do Coração», «Poema dos Passarinhos Antigos», «Poema do Homem Só», «Enquanto», «Lágrimas Tudo», «Dez Réis de Esperança» e «Poema da Morte na Estrada».

ALFAMA QUER COLORIDO — NEM QUE SEJA COMERCIAL...

Alfama é a certeza de continuar a ser o que sempre foi: — aguarela sombria do povo duma cidade que fez do Mar o seu destino.

Já Norberto de Araújo, mestre não apenas de jornalistas mas, também, de cronistas citadinos, escreveu, neste mesmo «Diário de Lisboa», há mais de trinta anos:

O «Zé Coxo» foi peremptório

— *«Com a mais cândida simplicidade enuncio: — Alfama ou existe ou não existe. Ou temos de a considerar um elemento de atracção familiar, de interesse cultural, histórico, bairrista, «sui generis», como uma pedra viva do xadrez do turismo — ou de a abandonar ao seu destino: pedra morta do gamão do passado».*

Porquê Alfama

Tal como é, Alfama possui pitoresco e carácter. Todos o sabem. O elogio de Alfama está feito. E o seu povo é o mais bairrista de entre todos os dos bairros alfacinhas. Até o reconhecem os que nunca o tentaram compreender.

Mas Alfama, todos o sabemos — é um mundo de sombras, com nódoas escuras de angústia e de mistério. Ora, no mês dos Santos Populares, o coração do povo é uma fogueira de alegria. Há que haver luz, um sorriso atraente e condições mínimas para quantos vão, nestas noites perfumadas de cravos e manjericos, à «descoberta» de Alfama.

Ora, uma conhecida empresa comercial decidiu conceder à Sociedade Boa União e aos «retiros» improvisados mais próximos, condições de decoração: — balões de cartolina, festão, fio e lâmpadas eléctricas, fogões (por empréstimo) e, se necessário, ajuda de mão-de-obra. Era (assim pensavam os responsáveis pela empresa) uma atitude de compreensão e de simpatia pela população do bairro, e uma resposta à preferência que os seus produtos encontraram em Alfama. E que aconteceu? Todos (ou quase todos) os proprietários dos improvisados «retiros» vieram «exigir», com grifaria característica de Alfama, idênticos «direitos» de ornamentação. E, com a compreensão e boa vontade dos serviços da importante organização, foram cedidos, a título gratuito, material de decoração, festão, balões de cartolina, lâmpadas e fio (estendem-se pelo bairro 11 000 metros de fio eléctrico), fogões e botijas de gás. De registar, ainda, que a empresa chamou sobre si os encargos do consumo de energia eléctrica.

A razão do inquérito

Houve quem não concordasse com a iniciativa que se desenvolveu, afinal, por pressão entusiasta dos próprios habitantes de Alfama. E, daí, a razão do inquérito. Com muitos habitantes de Alfama falámos numa tarde em que o sol se entornava pelos telhados. E ficámos a saber que qualquer «retiro» improvisado paga sempre duas licenças: Câmara Municipal (por ocupação de via pública); e ao Governo Civil, para poder vender «comes e bebes».

Com quem falámos? Ora, tantos... José Luís da Saúde — por alcunha o «Zé Coxo» (Largo de S. Rafael, 5); Mário Martins Ferreira (Rua de S. Miguel, 81,1.º); Manuel de Oliveira Janeiro — o «Neles» (Rua da Galé, 26, 3.º, dt.º) que enalteceram as vantagens das ornamentações agora existentes; Claudino de Sousa Faria (Rua da Galé, 13, 1.º), de 51 anos, que desde menino colabora nos festejos populares de Alfama, e, a propósito, recorda: — *«Antigamente, faziam-se, por esta época, «quetes» entre a vizinhança. Uns davam dez tostões, outros davam cinco... Os fios eléctricos prendiam-se com bocados de farinha. Depois isso foi proibido. Começaram as licenças caras...»* E remata: — *«Nunca tivemos o bairro tão iluminado como agora»*. E ouvimos outros: Armando Gonçalves Casanova (Páteo do Prior, 11, loja), que há 54 anos organiza «retiros», e este mês pediu ornamentação à empresa comercial. Pormenor curioso: num bairlarico, chegou a empenhar o relógio para apresentar receita à associação do bairro... E outros ainda: — Américo da Conceição Porto (que nasceu e mora ainda na Rua da Adiça, 8, loja), onde mantém o seu negócio de pevides, amendoins e alguns cravos, à noite, para os mais enternecidos; Judite Nogueira (Rua da Adiça, 3, 3.º), que se levantou da cama,

Alfama ganhou co

Os jornalistas e a Lei de Imprensa

Segundo informação do Sindicato Nacional de Jornalistas, um grupo de profissionais de Lisboa avistou-se com o presidente daquele organismo entregando-lhe pessoalmente uma exposição sobre uma futura Lei de Imprensa, assinada por 171 sindicalizados de Lisboa e do Porto. A exposição tem o seguinte teor:

«Considerando que o Chefe do Governo anunciou que se encontra em preparação uma Lei de Imprensa, cuja publicação poderá estar para breve; Considerando a importância de que se revestirá um tal diploma, nomeadamente no que respeita ao exercício da profissão de jornalista e á sua deontologia; Considerando que a preparação da classe é um factor importante para a própria exequibilidade da Lei de Imprensa, e que a ausência dessa preparação não deve ser invocada como obstáculo á sua promulgação; Considerando que a experiência dos jornalistas (como, de resto, a das próprias empresas) não deve ser ignorada pelo legislador, sem que disso se ressinta a exequibilidade da Lei; Considerando, portanto, que a classe deve ser ouvida pelo Governo, proporcionando-lhe, dessa forma, um indispensável contributo para a elaboração do diploma; os abaixo-assinados solicitam da direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas que convoque uma assembleia geral extraordinária para discussão das sugestões a apresentar ao Governo em nome da classe.»

A informação do Sindicato acrescenta que a solicitada assembleia será convocada para data próxima.

Conferência na Ordem dos Advogados

Hoje, á noite, o prof. dr. Dias Marques faz, na sede da Ordem dos Advogados, uma conferência sobre «O contrato de mandato forense».

Como é hábito nas sessões do Instituto da Conferência daquele organismo, seguir-se-á debate

Em três linhas

Foi concedida a nacionalidade portuguesa ao cidadão polaco Adam Kazimierz Marian Zielinski que passará a usar o nome de Adão Casimiro Zielinski.

///

Foi nomeado cônsul de Portugal em Manilla o sr. Artur José de Cisneiros Ferreira Monteiro.

///

Foi exonerado, com louvor, do cargo de vice-presidente do Município da Murtosa o sr. António Tavares Afonso e Cunha, que é substituído pelo sr. José Maria da Fonseca, comerciante local.

///

Para cônsul de Portugal em Buenos Aires foi nomeado o sr. António Amarante Pereira dos Santos.

///

Tomou posse do cargo de juiz da comarca de Castro Daire o sr. dr. Arlindo Ferreira Lopes de Almeida, que era delegado do procurador da República na de Vila Real.

E
EMERSON
A marca de qualidade
FRIGORÍFICOS DE LUXO
A PREÇOS NORMAIS
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
43 Rua dos Douradores, Telef. 361763. LISBOA

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
PAQUETE «NIASSA»
AVISAM-SE OS SENHORES PASSAGEIROS QUE O PAQUETE «NIASSA» SAI DA ESTAÇÃO MARÍTIMA DE ALCÂNTARA NO DIA 28 DO CORRENTE ÀS 16 HORAS — E NÃO A 27 COMO ESTAVA PREVISTO.

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

CHOCOLATES TAGIDE
BARREIRO · LISBOA · QUELU

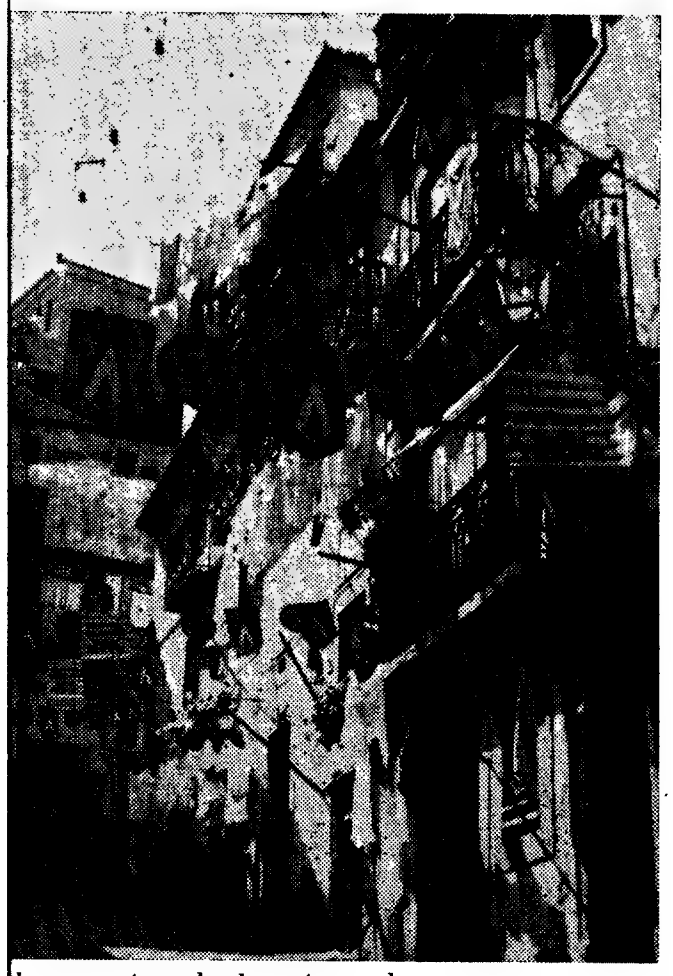
Três moradores do bairro típico dão-nos a sua opinião

onde estava com gelo, para nos atender; Casimiro Concho (Beco de S. Miguel, 9), que organiza anualmente o Retiro Recalqueira e oferece música para o exterior, com gravador, amplificador e altifalante. «Mas que são meus» — esclarece; Maria Virgínia da Conceição (Beco de S. Miguel, 15), com um «cantinho» em frente da sua casa; Helena Gonçalves (Beco do Pocinho 11). Todos nos asseguraram que: — «*Assim, o bairro está mais giro*». E afirmam, também, que a ornamentação em nada prejudicou o seu comércio (pelo contrário), pois não eram eles a pagar a energia eléctrica.

Fala António dos Santos

Tudo isto foi, também, corroborado por António dos Santos, figura típica (e bem querida) de Alfama, que nos disse: — «*Foi a primeira vez que ajudaram nos festejos desta época. Nenhum dos meus clientes se manifestou desfavorâvelmente, e «isto, felizmente, tem estado sempre cheio»*. Compreendemos: «isto» era o restaurante e a esplanada começados há 11 anos, registando agora a primeira ajuda — que António dos Santos enaltece.

A celeuma levantada por alguns comentários justificou a reportagem. Alfama continua a ser uma imagem de beleza e de nostalgia. Mantém a sua moral e a sua estética. Não deixou de ser uma excentricidade, não perdeu o carácter e é — ainda e sempre — um encantamento lisboeta. Está agora mais iluminada e colorida, mercê de uma organização comercial. Publicidade? Quem o duvida? Mas se quem vive em Alfama não se importa...



...hou cor nesta quadra dos santos populares

Torre de Babel

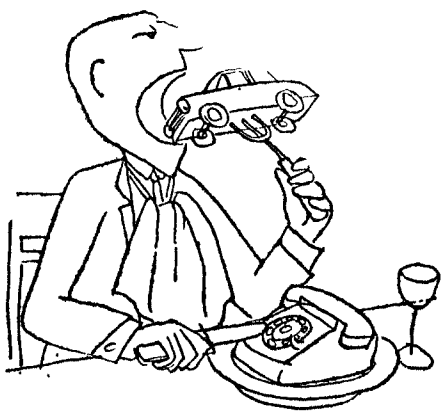
por João Medina

«L'APOCALYPSE EST POUR DEMAIN»

«L'Apocalypse est pour demain» — assim se intitulava um folhetim radiofónico transmitido diàriamente aos microfones da France-Inter por Jean Yanne. Num estilo de humor negro barroco, que é o seu, Yanne narrava ao fim da tarde as aventuras duma espécie de Robinson Crusoé cruzado de Rocambole, perdido na civilização do automóvel, civilização tão bárbara e sangrenta como o império asteca, com os mesmos sacrifícios rituais, o mesmo culto mórbido do holocausto a deuses grotescos, a mesma docilidade geral diante do massacre, do sangue derramado, do horror. Suponho que não há exagero em nada disto e recordo-me mesmo de ter lido num livro de Levi-Strauss uma comparação do Ocidente técnico e humanista com os usos bárbaros dos índios da América. Há algum tempo que os etnólogos nos vêm aliás dizendo aquilo que alguns pessimistas sempre suspeitaram, ou seja, que há um fundo bárbaro na nossa civilização e, inversamente, menos primitivismo do que se supunha na vida dos chamados «selvagens». Mas deixemos à selva o que é da selva e contentemo-nos em olhar em volta da nossa torre.

Aqui está uma cifra: 126 mortos e 1500 feridos, tal é o balanço dos acidentes rodoviários no fim-de-semana de Pentecostes, em França. Cento e vinte e seis mortos são muitos mortos? Um morto, um único ausente chega para encher o mundo da sua ausência. Mas cento e vinte e seis mortos de acidentes de estrada num fim-de-semana de Pentecostes deixam de formar um monumento fúnebre para se transmudarem em estatística: 126 mortos no Pentecostes de 1969 ao lado dos 145 mortos e 4630 feridos de 1968, etc. A partir do momento em que o massacre se transforma em estatística, o sentido dramático de cada morte desvanece-se, o horror dilui-se na aritmética geral e abstractíssima dos quadros estatísticos da mortalidade. A partir das centenas a morte chama-se percentagem passa a ser objecto da demografia. Donde o paradoxo de as grandes catástrofes se tornarem banais à força de números; na aritmética irracional das hecatombes, mil vezes um é um.

«L'Apocalypse est pour demain» — receio que a fórmula de Jean Yanne seja demasiado branda, concebida portanto numa óptica optimista. O Apocalipse não será amanhã: o sétimo selo já foi rasgado e um «Dies Irae» invisível



Desenho de Beck
(«Communautée Européenne»
Dezembro de 1967)

habita as nossas horas. O fim já veio e vivemos instalados numa espécie de impasse intemporal, de existência autopóstuma. Ao contrário do que imaginava S. João em Patmos, o Apocalipse avança a passos de veludo sem trombetas sem grandes símbolos, sem clamores, sem metáforas grandiosas, sem teatro, sem estridências nem uivos. O Apocalipse infiltrou-se nos tempos modernos sem emblemas visíveis, devagar: o horror fez-se quotidiano, familiarizámo-nos com o massacre e o absurdo, aceitámos impassíveis crimes e injustiças, achámos natural Hiroshima e só protestámos contra Auschwitz quando a morte se retirou dali; todos os dias folheamos distraidamente as estatísticas das baixas no Vietnam ou no Biafra, dos massacres rodoviários dominicais. Aceitámos o Apocalipse: o Apocalipse não está no final dos tempos, o Apocalipse é hoje.

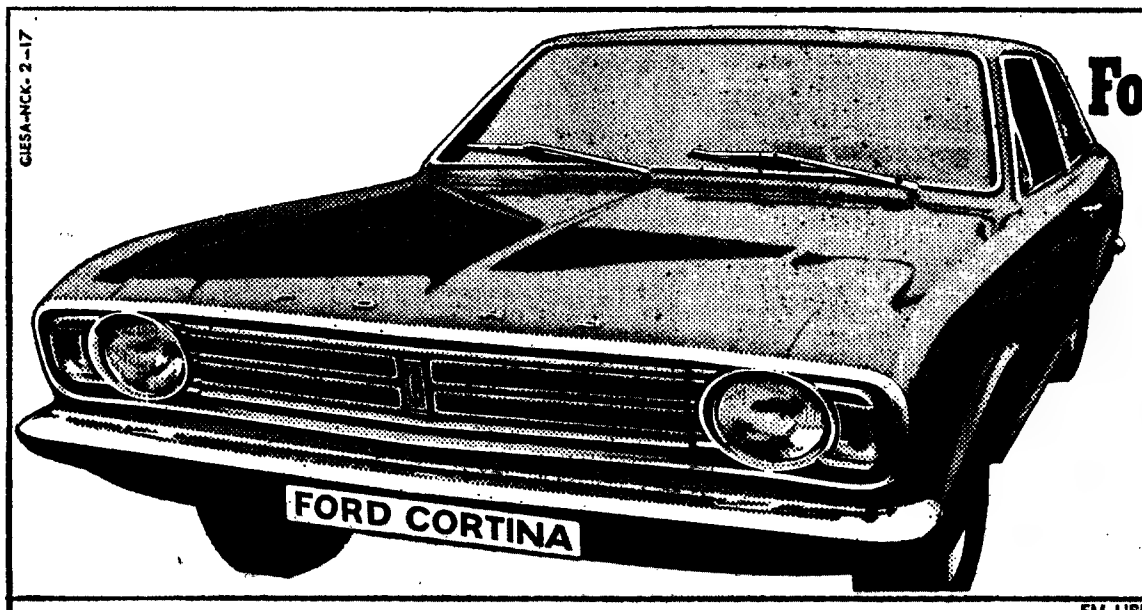
Napalm? Fornos crematórios? Hecatombes do fim-de-semana? Tudo nos parece natural, mesmo necessário. Consentimos. Pior: ignoramos, alheamo-nos do horror. Dum modo ou doutro, somos todos personagens de Kafka: o Horror tornou-se quotidiano e habitamos o pesadelo como se passeássemos ao domingo por um bosque fresco e tranquilo. E se alguém acaso desperta deste geral sonambulismo, que faz esse extravagante? Protesta contra o massacre dos bebés-focas ou pede que sejamos caridosos para com os cães. Acendemos o televisor, observamos as bombas cairem, assistimos aos massacres, às execuções, vemos a chibata, a forca, o montão de automóveis enfeixados. E achamos natural: o horror tornou-se a coisa mais banal do nosso mundo. Resignamo-nos portanto. Para quê protestar? E como os personagens de Kafka, assistimos imóveis e alheios ao funcionamento da máquina infernal. Sem um protesto, sem um grito. «L'Apocalypse est pour demain...» Não, meu caro e excelente Jean Yanne, o Apocalipse não virá amanhã, o Apocalipse há muito que vive connosco, na rua, nos jornais, na lucarnazinha do nosso televisor por todo o lado. A força de coabitarmos com ele, esquecemos mesmo que o sétimo selo foi rasgado há algumas décadas.

Estrasburgo, Junho de 1969.

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

MORADIA
Vendo, Carcavelos, para 1 ou 2 famílias, preço 700 contos sujeito oferta, facilito parte longo prazo e aceito terreno em troca. Trata o dono T. 771664, Lisboa.



Ford à frente em performance
Cortina - o carro familiar que vence ralis

Modelos DeLuxe (1300 cc) e GT (1600 cc) - 2 e 4 portas
Estate Car (1600 cc) - 5 portas

Ford Cortina

Ford

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

EM LISBOA
AUTO BOAVISTA, LDA. R. de Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41 / J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47 / AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32
Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 26 05 37 - Cascais

Actualidade internacional

A U. R. S. S. prestes a ultrapassar os Estados Unidos como potência marítima

NEWPORT (RHODE ISLAND), 26 — (A. N. I:) — A U. R. S. S. está a ponto de ultrapassar os Estados Unidos como potência marítima — confirma William S. Mailliard, da comissão de marinha mercante e de pesca da Câmara dos Representantes.

Num discurso proferido numa sessão privada da conferência de estratégia global realizada na Escola Naval de Guerra de Newport e só agora libertada para publicação, o deputado salientou que ainda este ano ou em princípios de 1970, a tonelagem global russa excederá a norte-americana e os seus navios serão modernos, ao passo que os dos E.U.A. estarão antiquados.

E Mailliard terminou manifestando a esperança de que o Governo federal duplique o seu auxílio aos estaleiros norte-americanos, de modo a atingir-se os 600 milhões de dólares (17,8 milhões de contos).

OS TRIPULANTES DA APOLO-11 EXPERIMENTARAM OS SEUS FATOS ESPACIAIS

CAPE KENNEDY (Florida), 26 — (A. N. I.) — Enquanto os técnicos preparavam a Apolo-11 para a contagem simulada, que se inicia á meia-noite de hoje, os astronautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin provaram ontem, mais uma vez, os seus fatos espaciais, para terem a certeza de que não vão encontrar dificuldades de movimentos quando abandonarem o módulo lunar para «passearem» na superfície da Lua.

Os dois pilotos experimentaram também o aparelho que devem transportar ás costas e que lhes assegurará oxigénio, refrigeração e comunicações, desde que saiam do veículo.

Os astronautas trabalham nos simuladores, ensaiando as fases de alunagem e de descolagem.

Entretanto, estão a ser preparados, no porto espacial, cinco macacos, um dos quais, no próximo sábado, deve ser lançado num bio-satélite, para uma viagem orbital de 30 dias.

A finalidade deste voo é estudar pormenorizadamente os efeitos da imponderabilidade prolongada sobre os processos fisiológicos dos animais.

REGISTO DOS «LUNAMOTOS»

HONOLULU (Hawai), 26 — (A. N. I.) — Servirá para registar os «lunamotos» um sismógrafo que os astronautas da Apolo-11 deixarão na Lua — revelou o dr. George Sutton, professor de Geofísica da Universidade de Hawai.

O aparelho, que Sutton ajudou a construir, vai registar «as vibrações sísmicas da Lua, de modo a determinar-se a composição daquela planeta e a verificar se o Homem algum dia o poderá colonizar.»

O GOVERNO PROVISÓRIO REVOLUCIONÁRIO DA F. N. L. quando foi apresentado ao congresso que se realizou em «território libertado», no Vietnam do Sul. O Gabinete é presidido por Huynh Tan Phat (quarto a contar da esquerda), sendo ministro dos Negócios Estrangeiros a sr.ª Nguyen Thi Binh (á direita)

DUAS SAIAS MUITO «MINIS» QUASE PROVOCARAM DESORDENS EM NÁPOLES

NÁPOLES, 26 — (A. N. I.) — Duas saias muito azuis e muito «minis», usadas por duas actrizes muito belas, «engarrafaram» o trânsito desta cidade e quase provocaram desordens.

Centenas de homens rodearam as actrizes Josephine Weber, de 21 anos, francesa, e Daniele Vottet, de 32, norte-americanas, segundos depois de elas terem surgido na rua, para um passeio matinal pela cidade, onde se encontram a passar férias.

Aos primeiros, juntaram-se centenas e centenas de outros admiradores, que fizeram parar centenas e centenas de carros, cujos motoristas paravam para olharem e acenarem a cabeça, em sinal de aprovação.

Outros cavalheiros, estes de azul — os uniformes da Polícia de Nápoles são azuis — apressaram-se a levar as duas actrizes para a esquadra mais prólima, onde as mantiveram durante horas, até que os ultimos homens deixaram as imediações, permitindo ás beldades regressarem com segurança ao seu hotel.

EM PAMPLONA

Cinco jovens condenados a 12 anos de prisão

PAMPLONA, 26 — (F. P.) — Cinco jovens foram condenados a 12 anos de prisão por terrorismo, por um Conselho de Guerra reunido nesta cidade, segundo se anuncia de fonte digna de crédito. Estes jovens tinham sido presos em 5 de Abril por cumplicidade com um grupo de terroristas que tinham feito explodir acidentalmente um engenho que transportavam num carro (dois deles morreram nessa altura).

A condenação terá de ser aprovada ainda pelo capitão-geral da Região Militar.

Entretanto, os estudantes organizaram de novo uma manifestação «sentada» no edifício principal da Universidade.

A Universidade de Navarra depende da «Opus Dei». Foi, recentemente teatro de conflitos estudantis por terem sido proibidos quinze estudantes de se inscreverem para o próximo ano escolar.

NORTE-AMERICANO LIBERTADO

BARCELONA, 26 — (F. P.) — Dennis Noya, o jovem professor americano preso na terça-feira pela Polícia desta cidade, que o acusava de ter colocado uma bomba, no sábado anterior, diante do consulado americano da capital catalã, foi posto em liberdade. Diz-se nos meios oficiais que a acusação não tinha fundamento.

Combate aéreo na zona do Suez

(Continuação da 1.ª pág.)

em que uma esquadrilha de jactos israelita, em «patrulha de rotina», interceptou vários aviões militares egípcios no espaço aéreo do território ocupado por Israel, a sul da cidade de Suez.

Os pilotos israelitas comunicaram que o avião abatido havia caído em território egípcio.

É o segundo aparelho deste tipo abatido em dois dias, em combates aéreos sobre o golfo de Suez, e o vigésimo avião egípcio abatido pelos israelitas desde o fim da guerra de 1967.

NAVIOS INCENDIADOS

CAIRO, 26 — (A. N. I.) — Durante o duelo de artilharia travado ontem por sobre o Canal de Suez, os bombardeamentos israelitas provocaram incêndios na casa das máquinas do petroleiro «Evangelos» e no cargueiro «Androniki», ambos gregos — anunciou no Cairo um informador oficial.

Nenhum dos 39 tripulantes do petroleiro, atracado no porto de Suez, ficou ferido. Os bombeiros conseguiram afastar as chamas do carregamento de petróleo — 24 mil toneladas, das quais apenas seis mil tinham sido já descarregadas.

O «Androniki» estava descarregado e o fogo só foi controlado ao fim de cinco horas.

TRINTA AVIÕES DESVIADOS PARA CUBA ESTE ANO

LOS ANGELES (Califórnia), 26 — (F. P.) — Um DC-8 da companhia United Airlines, que se dirigia de Los Angeles para Nova York, com 58 pessoas a bordo, foi desviado para Cuba.

Vinte minutos depois de ter saído de los Angeles, o piloto anunciou que se dirigia para Havana, não dando qualquer indicação sobre as circunstâncias do desvio.

É o trigésimo avião desta linha desviado para Cuba desde o princípio do ano e do segundo em menos de uma semana. No passado domingo, outro DC-8 da Eastern Airlines, que se dirigia de Nova York para Miami, com 89 pessoas a bordo, teve de alterar o rumo para Cuba, sob a ameaça de uma família de exilados, que desejava voltar ao seu país.

BOMBARDEAMENTO DO POSTO CERCADO NO VIETNAM DO SUL

SAIGÃO, 26 — (R.) — Helicópteros das forças dos Estados Unidos realizaram uma operação de limpeza contra tropas norte-vietnamianas numa área perto do posto avançado de Ben Heth, cercado pelas tropas comunistas, na mesma altura em que a artilharia inimiga flagelava o campo dos planaltos centrais, anunciou hoje um informador militar norte-americano.

As tripulações dos helicópteros anunciaram ter abatido 25 norte-vietnamianos, durante o dia de ontem, em dois ataques independentes, numa área situada a quatro quilómetros do posto fortificado de Ben Het.

Por outro lado, foi anunciado que a artilharia comunista despejou mais de 100 granadas contra o campo, num bombardeamento que durou 24 horas.

O informador norte-americano afirmou serem ligeiras as perdas entre os milicianos sul-vienamianos e os «boinas verdes» norte-americanos que defendem o posto avançado.

Os bombardeiros B-52, que durante o mês passado, três vezes por dia, bombardearam posições norte-vietnamianas em volta do campo militar norte-americano, atacaram ontem alvos situados a 8 e 10 quilómetros a sudoeste de Ben Het.

Na terça-feira, por meio de helicópteros, foram desembarcados no campo 400 homens das tribos montanhesas, que sob vigilancia de conselheiros norte-americanos, fazem a patrulha do perimetro defensivo.

Conjura para matar Van Thieu

SAIGÃO, 26 — (R.) — A Polícia de Saigão fez abortar planos para matar o presidente Nguyen Van Thieu e o primeiro-ministro Tran Van Huong — revelou o seu chefe, Trang Si Tan.

Segundo declarou, foram informadores civis que comunicaram a existência das conspirações.

Trag Si Tan fez ontem estas declarações ao entregar prémios no total de 1 050 000 piastras (cerca de 350 contos) a seis informadores.

ESCALADA DA LUTA NO LAOS

VIENTIANE, 26 — (R.) — Sete batalhões norte-vietnamianos cercaram a localidade estratégica de Muong Suol no que é indicativo de nova escalada da luta no Laos setentrional.

Se os comunistas tomarem a cidade, poderá haver consequências políticas graves.

Na sua marcha, as forças comunistas tomaram o posto avançado defensivo de Nakhan, no Nordeste do Laos, infligindo a mais pesada derrota ao Exército laociano, este ano, no Norte do país.

1001 viagens
Exemplos:
LONDRES-8 dias · do Porto 3950$ · de Lisboa 4220$
PARIS-7 dias · do Porto 4660$ · de Lisboa 4400$
Peça brochura à
AGÊNCIA ABREU DESDE 1840
LISBOA: Av. Liberdade 160 • PORTO: Av. Aliados 207 • COIMBRA: R. Sota 2
A MAIOR E MAIS ANTIGA DE PORTUGAL

LEIA um caso vivido
O AGENTE DE MOSCOVO
de GREVILLE WYNNE
livro documentado com ilustrações
Edição da EDITORIAL MINERVA — LISBOA

Advertência de Strauss a Willy Brandt

Por ROLAND DELCOUR

MUNIQUE, *Junho* — Ao contrário da expectativa geral, os dirigentes da União Cristã-Social, ala bávara da União Cristã Democrática, reunidos em congresso nesta cidade, não replicaram em tom demasiado vivo aos ataques dos sociais-democratas.

Willy Brandt havia intimado, no domingo passado em Dortmund, o chanceler Kiesinger a escolher entre as cores preto-branco-vermelho do império, isto é o nacionalismo, e as cores preto-vermelho-ouro, da Republica Federal. Atacara Franz-Josef Strauss, ministro das Finanças e presidente da C. S. U., e acusara-o de fazer jogo duplo com o seu jornal «Bayern Kurier», que conduz furiosas campanhas anti-socialistas há meses, sobre todos os temas possíveis e imagináveis.

Strauss e Kiesinger tomaram em Munique o ar de pessoas tão certas da sua vitória que podiam permitir-se desdenhar os ataques mais ou menos venenosos do futuro vencido. É verdade que Strauss, usou, também, de acentos mordazes em relação a Brandt, mas antes assegurara ao seu auditório que a Grande Coligação continuaria o seu trabalho até á véspera das eleições de 1969, **«desde que isso dependa de nós».**

«A C. S. U. desejou a Grande Coligação», reconheceu Strauss, aplaudido pelo auditório, **«mas esta não perdeu por isso os contornos nem a identidade... Era desejável que o Partido Social Democrático fosse por fim associado ás responsabilidades governamentais... A Republica Federal necessita da Grande Coligação, mas em Dezembro de 1966 não estávamos apesar de tudo á beira do abismo... Não tinhamos necessidade de um Messias que se chamaria Schiller».**

Strauss atacou os sindicatos, culpados em sua opinião de atribuir aos milionários alemães **«uma influência determinante sobre a política da C. D. U.-C. S. U.»**, e defendeu, mais uma vez, a decisão tomada por sua instigação, em Maio ultimo, de não revalorizar o marco.

Discurso moderado do chanceler

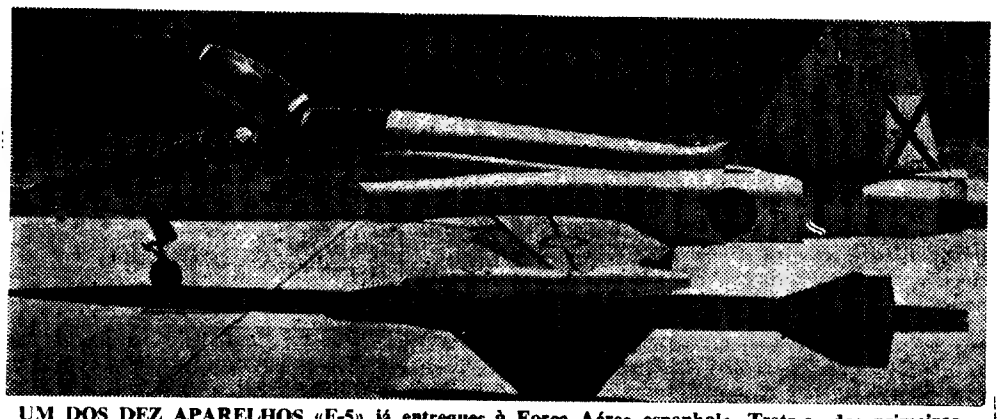
Strauss lançou, por fim, uma advertência ao **«nosso presidente Willy». «É inadmissível ouvir o S. P. D., pela própria boca do ministro dos Negócios Estrangeiros, formular contra a C. S. U. a censura de nacionalismo... Não temos necessidade das lições de Brandt... Que ele ponha antes ordem no seu próprio campo, onde os extremistas da esquerda reclamam o reconhecimento da R. D. A.».**

O chanceler Kiesinger, por seu lado, fez um discurso muito moderado. Também ele partiu da ideia de que a Grande Coligação fora necessária e que o continuava a ser, **«ainda que seja difícil fazer avançar no mesmo passo e na mesma direcção os dois grandes cavalos da coligação governamental»...**

«Que se espera de um um chanceler da Grande Coligação, concluiu Kiesinger, **«senão que decida? Censuraram-nos termos falado de «produto de Leste» a propósito da outra Alemanha. Fi-lo propositadamente. Este produto é artificial. Não se pode assistir sem reagir ao seu reconhecimento por outros países... Quanto aos políticos alemães que teriam caído no nacionalismo seriam loucos».**

No fim do seu discurso longamente aplaudido, Kiesinger viu-se desejar boa sorte pelo presidente do Landtag da Baviera, Hanau (cristão-social), **«como chefe do segundo Governo Kiesinger».** Strauss voltou á tribuna para afirmar que procurariam em vão erguer obstáculos entre ele e o chanceler.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»



UM DOS DEZ APARELHOS «F-5» já entregues à Força Aérea espanhola. Trata-se dos primeiros de uma série de 70 aviões desse tipo que estão a ser construídos no país vizinho

Os computadores vencerão a «moderna Torre de Babel» — declara um perito em informática

MONTREAL, 26 — (R.) — A língua francesa parece ser mais adequada á ciência dos computadores do que a inglesa, segundo declarou um cientista franco-canadiano.

O dr. Jacques St. Pierre, uma das principais autoridades do Canadá francês na ciência dos computadores, e director do Departamento de Informática na Universidade de Montreal, abanou a cabeça e respondeu «não» a uma sugestão segundo a qual a língua inglesa seria mais fértil em terminologia científica.

O dr. St. Pierre declarou também estar convencido que a ciência dos computadores precisa de ser desmitificada.

«É demasiado o numero de pessoas que pensa num computador-ordenador, como nós lhe chamamos, como se fosse uma caixinha mágica destinada a escravizar a humanidade», declarou, e acrescentou: «Quando se treina um homem em Informática, não se está a treiná-lo para que ele se torne um computador. É aqui que reside a questão. Ensina-se esse homem a maneira de utilizar o computador para que as energias humanas fiquem livres a fim de executarem outras tarefas maiores.»

Os computadores poderão também ajudar, declarou o dr. St. Pierre, a vencer a dificuldade daquilo a que muitos cientistas têm chamado «a moderna Torre de Babel», dificuldade essa que resulta da especialização científica.

No passado, uma pessoa bastante inteligente podia cobrir, praticamente, todo o panorama do conhecimento humano. Mas o Mundo tornou-se tão especializado, que mesmo as pessoas relacionadas com vários campos de negócios têm dificuldade em se compreenderem umas ás outras.

Entre as ciências, as barreiras erguidas pelas linguagens especializadas são realmente formidáveis, admitiu o dr. St. Pierre, «mas os computadores permitir-nos-ão regressar á antiga posição.»

O facto de o Quebec utilizar a língua francesa num continente de língua inglesa, não constitui problema no que diz respeito aos computadores, porque estão a ser desenvolvidas línguas internacionais, sintéticas e abstractas a eles destinadas.

«Não se trata de uma questão cultural. Trata-se sim de um código», frisou o cientista.

MARIA TERÁ DE SAIR DA ILHA DE JERSEY

ST. HELIER (Jersey), 26 — (A.N.I. e F.P.) — A comissão «para salvar Maria», anunciou que continuará a lutar para conseguir que a jovem madeirense possa ficar a viver em Jersey, apesar de o Parlamento local ter decidido ontem expulsá-la da ilha.

A rapariga, que foi considerada pelo Parlamento «indesejável» e que deve deixar a ilha, com o filho ilegítimo, até ao dia 1 de Julho, tem recebido ofertas de casas nos Estados Unidos, em Inglaterra e noutros países.

O Ministério inglês do Interior comunicou ontem que consideraria o pedido da madeirense, que trabalha numa fábrica de Jersey para ajudar a mãe, se ela decidir ir viver para Inglaterra.

O Parlamento de Jersey rejeitou ontem uma petição a favor da jovem, de 21 anos, assinada por mais de 2000 pessoas.

Os signatários da petição, entre os quais muitos colegas de trabalho de Maria Baptista, tinham-se comprometido a pagar a educação do filho de Maria, Charles, mas o Parlamento foi inflexível, ao que parece para não abrir precedentes.

CAMINHOS-DE-FERRO

Comunica-nos a C. P. que a partir do dia 2 de Junho é estabelecida, entre Porto e Salamanca, a circulação de automotoras directas, com ligação de e para Madrid no comboio TER.

O pormenor das alterações consta dos avisos afixados nas estações para consulta do Público que também pode obter esclarecimentos nas Secções de Informações.

COMEÇOU O XIX FESTIVAL CINEMATOGRÁFICO DE BERLIM

BERLIM OCIDENTAL, 26 — (R.) — Inaugurou-se ontem à noite, em Berlim, o XIX Festival Internacional do Filme, que apresentou como estreia mundial a película inglesa «Three into two papeis são desempenhados won't go», cujos principais por Rod Steiger e pela sua ex-mulher, a actriz Claire Bloom.

Competindo nos dez dias de duração do festival, para os prémios Urso de Ouro e Urso de Prata, serão apresentadas 22 películas provenientes de 13 países. Dez das películas serão de estreia mundial.

No seu discurso de abertura, Klaus Schuetz, burgomestre de Berlim Ocidental, disse lamentar que, á parte a Jugoslávia, não estivesse representado nenhum país do Leste europeu.

As nações do Pacto de Varsóvia resolveram boicotar o festival, alegando que os convites haviam sido enviados pela República Federal Alemã, que, segundo eles, não tem o direito de representar Berlim-Oeste

OEA: 24 países

WASHINGTON, 26 — (A. N. I.) — A Jamaica passa a fazer parte da Organização dos Estados Americanos (O. E. A.) que fica assim com 24 países.

Independente desde 1962, a Jamaica pediu a admissão há quatro meses. Só o Paraguai votou contra a entrada daquele território na organização.

Desordens raciais em Omaha

OMAHA (Nebraska), 26 — (F. P.) — As desordens raciais de Omaha ganham amplitude.

Numa das ruas do bairro negro da cidade, todos os edifícios de um dos lados, numa extensão de seis quarteirões, estão em chamas. No outro lado, lavram também alguns incêndios. Sete estabelecimentos e uma casa particular ficaram inteiramente destruídos.

NOVIDADE SENSACIONAL
HAN SUYIN
A CHINA NO ANO 2001
Ilustrado c/ 36 págs. 60$
JOHN L. HESS
O CASO DE GAULLE
E O DESAFIO AMERICANO
com 256 págs. 45$
Mais dois grandes êxitos da
Editorial Início
Av. Almirante Reis, 23, 4.º-Esq. — LISBOA
À VENDA NAS LIVRARIAS

muito imitado, mas!...

LIBERTE-SE DO AR VICIADO E CHEIROS DESAGRADÁVEIS
COM VENTILADORES
Vent-Axia
VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO AR CONDICIONADO
À VENDA EM TODO O PAÍS
AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LIMITADA
PORTO-LISBOA
REVENDEDOR AUTORIZADO
ORLANDO & ALMEIDA, LDA.
Rua de Arroios, 156-B — LISBOA

O desabamento de uma escarpa na ilha de S. Miguel (Açores) arrastou para o mar 22 casas

PONTA DELGADA 26 — (L) — Ficaram destruídas 22 casas, por terem sido arrastadas para o mar no desabamento de uma escarpa rochosa sobre a qual estavam construídas, a várias dezenas de metros de altitude O desastre não causou vítimas, pois logo que, na segunda feira, se deram os primeiros desmoronamentos, as autoridades verificaram o perigo que corriam aquelas habitações e determinaram a sua imediata evacuação. Os desalojados — cerca de uma centena de pessoas — foram recolhidos em residência de vizinhos amigos e familiares

Em consequência de se manter o perigo recela-se que tenham de ser evacuadas mais residências, que já apresentam algumas fendas

A Câmara Municpal, a Direcção das Obras Públicas e a Junta Geral do Distrito estão a estudar, conjuntamente, não só a maneira de sustentar a barreira, mas também o realojamento definitivo das pessoas que ficaram sem lar.

Não se registaram, nos últimos dias, quaisquer sismos, pelo que não foi essa a causa do desastre Na cidade de Ponta Delgada corre a hipótese de os desmoronamentos terem sido originados pelas obras de construção do Aeroporto da Nordela muito próximo do lugar da Corujeira freguesia da Relva, onde se deu o desastre

A verdade porém, é que o local onde tais habitações estavam construídas não era, de modo nenhum, aconselhável para a instalação de residências pois, a dar-se um acidente como o que ocorreu agora, não haveria a mínima possibilidade de evitar a perda dos edifícios. Trata-se de casas modestas, embora de pedra e cal, onde residiam, sobretudo, famílias de operários de fracos recursos.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 26. — (A. N. I. e L.) — Foi hoje distribuído o boletim informativo das Forças Armadas da Guiné, relativo ao período de 16 a 22 do corrente mês, que é do teor seguinte:

«Durante este período o inimigo flagelou os aquartelamentos de Empada, Bissorã Catió, Nova Sintra, Nhala, Encheia, Canquelifá, Jolmete, Bachile, Guilege, Ponte Pulom, Cuntima, Brala, Cacine e Cameconde. Implantou engenhos explosivos nas regiões de Sinchã Cherno (Pirada, Chile), Binar, Bissorã, Sare Usso (Aldeia Formosa), Canquelifá e Brala; emboscando as nossas tropas nas regiões de Changalana (Mansoa e Sare Usso) e Aldeia Formosa.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças o inimigo sofreu: na região de Bachile, um capturado e apreensão de armamento; na região de Canquelifá, cinco mortos; e na região de Peluda três mortos e apreensão de armamento, munições e material diverso.

Diz respeito ao período do presente boletim a acção realizada na região de Nhaga, cujos resultados foram oportunamente divulgados em comunicado especial. Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição e, no conjunto das acções levadas a efeito, foram recuperados cinco elementos da população

Durante este período, o inimigo sofreu onze mortos e três capturados, tendo as nossas forças sofrido cinco mortos, em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de Informação, havendo dois mortos entre a população civil.»

VENDER GASOLINA É FRACO NEGÓCIO

(Continuação da 4.ª página)

quem o problema estará afecto em última análise, como são válidas as nossas razões, para que elas venham a ser devidamente ponderadas, como nos parece de justiça. E estamos certos de que, num reajustamento futuro — sabendo-se que certos ónus foram criados devido a situações anormais, internas e externas — é admissível e desejável que a situação actual, quanto aos preços, vinha mais tarde ou mais cedo a ser normalizada. Nessa altura justificar-se-ia plenamente que fosse considerada uma melhoria na margem de lucro destinada aos revendedores de carburantes.

E concluiu:

— Devemos ter esperança; esperança não só para nós, revendedores de carburantes, mas para nós todos, governantes e toda a grande massa consumidora de carburantes.

Necrologia

FALECIMENTOS

Alberto Teles de Hutra Machado

No dia 18 do corrente faleceu, na sua casa da Quinta de Santa Joana, ao Lagoal, em Caxias, Alberto Teles de Hura Machado. Foi figura saliente da sua geração, aquela a que pertenceu Fernando Pessoa, de quem foi amigo e com o qual colaborou em diversas iniciativas.

Frequentou o Instituto Superior Técnico, mas a sua paixão foi a pintura. Com ele contaram, também, as artes gráficas, colaborando nas revistas «Athena», «Contemporânea», «Presença», «Credo» e no jornal «Voz de Coimbra».

Em Coimbra trabalhou numa fábrica de cerâmica, e ali fundou a revista «Tríptico», com Afonso Duarte, João Gaspar Simões e outros, antes de sairem com a «Presença».

Pintor e poeta, Hutra Machado deixou muita colaboração em todas essas publicações, e, ainda, inéditos. No Salão dos Humoristas Portugueses, em 1920 expôs pela primeira vez, voltando, depois a expor diversas vezes.

Alberto Teles de Hutra Machado deixa viúva a senhora D Albertina Telles de Hutra Machado, e era pai das senhoras D. Maria Emília Telles de Hutra Machado Pimentel Fragoso e D. Maria Joana Telles de Hutra Machado de Brée; sogro dos srs José António de Ayala Pimentel Fragoso, funcionário superior da C. U. F., e Guy Nuno Álvaro de Brée, engenheiro têxtil. Era membro do Conselho Fiscal da Companhia União Fabril e da Companhia de Seguros Império

Amanhã reza-se missa, ás 13 horas, na Basílica dos Mártires, por sua alma.

FUNERAIS

Actriz Cremilda de Oliveira

Cremilda de Oliveira

Foi esta manhã a sepultar no cemitério dos Prazeres a actriz Cremilda de Oliveira, ontem falecida, na sua residência das Amoreiras

A actriz, natural de Alenquer, era viúva e contava 86 anos de idade, tendo abandonado o teatro em 1953

Primeira figura de muitas companhias de opereta, Cremilda de Oliveira criou em Portugal todo o repertório vienense, e foi, também, aplaudida em palcos brasileiros. A sua estreia, logo aos 10 anos, verificou-se no Teatro do Rato, do qual era empresário um amigo da família. Daí em diante, a precoce artista — que se destacou, igualmente, como intérprete do fado — experimentou a opereta («A viúva alegre», «A casta Susana», «A princesa dos dólares»), a revista («Lisboa na pândega» entre outras), a alta comédia («Blanchette», «Negócios são negócios») e, até, o cinema («O Leão da Estrela», «O grande Elias», «O comissário de polícia», «A garça e a serpente»), estendendo a sua actividade ao longo de mais de meio século.

Dr. Augusto Faustino dos Santos Crespo

Realizou-se ontem, á tarde, da igreja de S. João de Deus para o cemitério de Porto de Mós o funeral do dr. Augusto Faustino dos Santos Crespo, notário e político conhecido, q euera dali natural e ali exerceu grande parte da sua actividade.

O dr Augusto Faustino dos Santos Crespo contava 81 anos. Formara-se em Direito, na Universidade de Coimbra, em 1910, tendo sido em 1911 nomeado notário em Porto de Mós. Depois foi-o também em Lisboa e sobre a reforma do Código de Notariado colaborou com o ministro da Justiça dr. Almeida Eusébio. Foi ainda presidente da Câmara Municipal de Porto de Mós e da de Leiria, governador civil do distrito de Leiria e provedor da Santa Casa da Misericórdia e presidente da comissão concelhia da U.N. de Porto de Mós Em Coimbra exerceu o cargo de vice-presidente da Ordem dos Advogados.

Era casado com D Elvira de Lemos Quadros e Crespo, irmão dos srs Américo Faustino dos Santos Crespo e D Isaura dos Santos Crespo Coelho.

O funeral esteve a cargo da Casa A. G. Magno

Eng.º Joaquim José Martins Costa Soares

PORTO, 26 — Para o cemitério de Agramonte seguiu esta tarde o funeral do sr. eng.º Joaquim José Martins Costa Soares, membro do Conselho de Gestão do Banco Lisboa & Açores e provedor da Ordem da Trindade, ontem falecido subitamente na sua residência.

O sr. eng.º Martins Soares, natural de Margaride (Felgueiras), tinha 54 anos de idade e licenciara-se em Engenharia Electrónica pela Faculdade de Engenharia desta cidade. O extinto deixa viuva a sr.ª D. Maria José Salgado de Sousa Martins Soares e era pai do sr. Eduardo Martins Soares, finalista de Direito em Lisboa, e do sr. dr. José Maria Martins Soares, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Lino Neto Martins Soares.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica:

Faleceram em combate: na província da Guiné, o segundo grumete fuzileiro especial, n.º 319/68, Francisco António Martins, e o marinheiro radiotelegrafista n.º 10 718, Joaquim Rocha Rabasqueira

Na província de Angola, o soldado n.º 01370867 José Cardoso Gonçalves, natural de Vila Nova de Sande, Guimarães, filho de João Gonçalves e de Olívia Cardoso, casado com Delfina Silva.

Militares falecidos no Ultramar

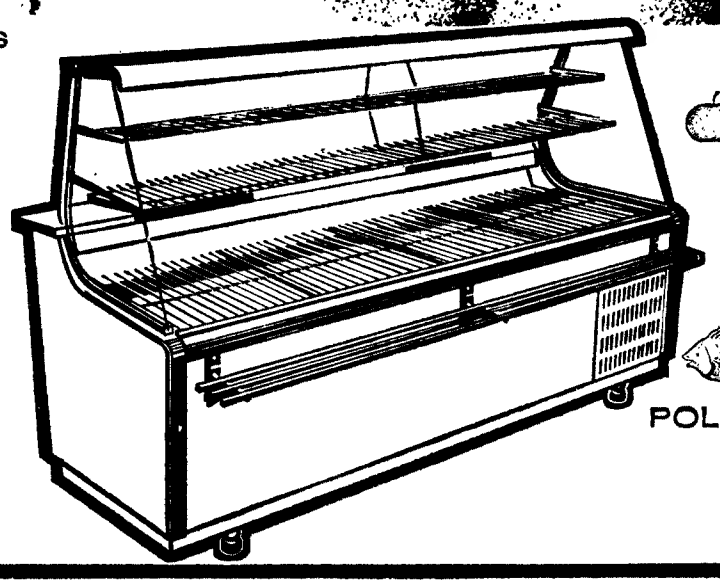
LUANDA, 26 — (A. N. I. e L.) — Faleceu Angola, vítima de doença, o 1.º cabo Arménio Anjos Gonçalves, natural de Sacavém, filho de José Gonçalves e de Maria dos Anjos Rego

*

LOURENÇO MARQUES, 26 — (A. N. I. e L.) — Devido a desastre, morreram, em Moçambique o soldado Acácio João Mendes, do recrutamento provincial, e José Lopes Marques.

VENDER É PÔR À VI$TA

PRAXIS



Exponha os seus artigos nas vitrines que atraêm os olhos e venda duas vezes mais.

POLAR — vitrines e congeladores para todos os fins.

POLAR REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis, 94 c tel. 56 11 16/7/8 - lisboa
rua gonçalo cristóvão, 120 - porto

MARINHEIROS JURAM BANDEIRA

No Grupo n.º 1 de Escolas da Armada — Escola de Alunos Marinheiros — em Vila Franca de Xira, realiza-se, amanhã, a cerimónia do juramento de bandeira do 3.º turno de incorporação de 1968-1969. Preside ao acto o sr. almirante Ornelas e Vasconcelos, superintendente dos Serviços do Pessoal.

Haverá distribuição de prémios e demonstrações de manejos de armas.

Seminário sobre informática

No Instituto Nacional de Estatística, prosseguiu esta manhã o Seminário sobre Informática, tendo a sessão de hoje sido preenchida com a intervenção de Jean Panafieu e de um técnico da IBM sobre «Linguagem e programação»

O NOVO JULGAMENTO NO PORTO DO HOMEM QUE MATOU O FILHO DE DOIS ANOS

PORTO 26 — No Tribunal Militar Territorial prosseguiu, esta manhã, o segundo julgamento do cabo miliciano, sr. Carlos Ataíde Coelho da Rocha, de 22 anos, que, em Janeiro do ano passado, matou o seu filho, de dois anos. O réu era casado com a sra. D. Helena Maria Garcia da Rocha de quem, na altura, estava já separado judicialmente, por iniciativa daquela senhora. Por determinação do Tribunal Central de Menores, o pequenito, Carlos Miguel, estava aos cuidados da mãe

Segundo a acusação, o réu, desesperado pela situação que lhe fora criada, ministrou ao filho uma dose mortal de certo medicamento.

No Tribunal Militar, que atendeu ao estado mental do arguido, fora este já condenado na pena de 9 anos e 10 dias de prisão maior. Porém, o processo subiu, em recurso, à Relação, que anulou o julgamento, com o fundamento de que não fora devidamente esclarecido e fundamentado o grau de inculpabilidade do réu, além de que julgou também deficiente o apuramento e a especificação sobre se o acusado é um delinquente por tendência.

A este novo julgamento preside o sr. coronel Ângelo Tavares da Silva; juiz-militar, o sr. coronel José Themudo; juiz auditor, o sr. corregedor dr. Fernando Pinto Gomes e promotor de justiça o sr. tenente-coronel Junqueira da Costa.

Depois de ouvir, já ontem, o réu, que nega a voluntariedade do acto praticado, o tribunal passou a escutar os peritos psiquiatras que o examinaram.

Pela acusação particular, intervém no julgamento o sr. dr. Miguel Veiga; e pela defesa, a sra dra D Alcina Vasconcelos

O pleito demorará em tribunal alguns dias

A ELECTRIFICAÇÃO DO DISTRITO DE PONTA DELGADA

Foi enviada para o «Diário do Governo» uma portaria do secretário de Estado da Indústria nomeando uma comissão para se ocupar da preparação dos estatutos de uma empresa de economia mista à qual será concedida — nos termos do Decreto-Lei n.º 43 042, de 4 deste mês — a produção, transporte e distribuição de energia eléctrica no distrito de Ponta Delgada (Açores).

A nova empresa que muito em breve será criada terá o apoio técnico e administrativo de empresas da rede primária do Continente e nela participarão capitais públicos e privados de Ponta Delgada

Está assim em vias de solução o problema da electrificação do distrito de Ponta Delgada que vinha sendo objectio de estudo há mais de três anos. O estrangulamento que se estava a verificar no sector de energia eléctrica daquele distrito, constituía um dos mais graves obstáculos à sua expansão económica pelo que a medida agora tomada se reveste da maior importância para o desenvolvimento económico-social daquele distrito

A Comissão é constituída pelos eng.os Fernando Ivo Gonçalves, presidente; Deodato de Magalhães Sousa, da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, e Edgar de Oliveira.

Jovens brasileiras querem corresponder-se com portugueses

Mais três «brôtos» brasileiros querem corresponder-se com jovens portugueses. São elas: Norma Caterine Borges, de 17 anos, 175 cm, olhos e cabelos castanhos, residente na Avenida 13 de Maio, 1302, Fortaleza Ceará, Brasil; Maysa Borges Machado, de 15 anos, morena clara, 157 cm, olhos e cabelos castanhos, 49 quilos, residente na Rua Getulio Vargas, 14, Caririaçu, Ceará, e Sónia Maria da Rocha Bicho, de 17 anos, olhos e cabelos castanhos, Rua Monsenhor Bruno, 118, Fortaleza Ceará.

CONFERÊNCIAS

Na Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal

Hoje, às 21 e 30, na Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal, na Rua de D. Dinis, 2, o sr prof. M. Gomes Guerreiro profere uma conferência sobre «O Primeiro Congresso Nacional dos Engenheiros Agrónomos e Engenheiros Silvicultores».

Na Estação Agronómica Nacional

Amanhã às 10 e 30, na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras decorre um colóquio sobre «O Problema das árvores dos citrinos em Angola», orientado pelo eng agr. Amarilis Mendonça

Colóquio sobre «Igreja missionária»

Na segunda-feira, às 21 e 30, realiza-se na igreja de Arroios, um colóquio para jovens, orientado pelo rev.º missionário Jorge Camejo, sobre o tema «Igreja Missionária»

Na Sociedade de Geografia

Amanhã, às 18 horas, o sr. eng.º Santos Simões, da Secção de Azulejaria da Fundação Calouste Gulbenkian, faz na sessão mensal da Sociedade de Geografia, por iniciativa da comissão insular, a que preside o sr. visconde do Botelho, uma conferência sobre «Moinhos e Azulejos nas Ilhas Adjacentes», ilustrada com projecções.

Reuniões científicas

Na Sociedade das Ciências Médicas

A ultima sessão da Sociedade das Ciências Médicas, a que presidiu o prof Lima Basto, secretariado pelos drs. José Granate e Marques da Gama, foi dedicada à apresentação de trabalhos do Centro de Estudos de Medicina Nuclear da Comissão de Estudos de Energia Nuclear do Instituto de Alta Cultura-Laboratório de Isótopos do Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil.

A primeira comunicação, da autoria dos drs. M. Brites Patrício e W. H. Clode, intitulava-se «Estudos sobre transplantações de tumores malignos em murganhos e sua evolução» Os autores descreveram os resultados de trabalhos por eles efectuados durante os ultimos oito anos e fazem considerações sobre a utilidade deste método de estudos de tumores malignos

Os mesmos autores apresentaram, depois, um trabalho sobre «*Vacinação* de murganhos contra o sarcoma 37», no qual fazem uma revisão dos problemas imunológicos em oncologia e descrevem uma técnica original, por eles experimentada em murganhos. Apresentam os resultados obtidos, fazendo salientar que nas ultimas experiências efectuadas, 84 % de murganhos ficam imunizados contra a inoculação do sarcoma 37, quando no grupo testemunha apenas 4 % dos animais não desenvolve o tumor.

Ambas as comunicações mereceram, de vários oradores, elogiosas referências.

A sessão terminou com a eleição do juri dos Prémios Pfizer 1969, que ficou constituída pelos profs. Xavier Morato e Jorge Horta e dr. Pena de Carvalho.

OPERAÇÃO PLUS ULTRA

Decorrem os trabalhos que antecedem a eleição da criança portuguesa que, por qualquer atitude de significativo valor humano, representará Portugal na campanha de solidariedade internacional «Operação Plus Ultra», iniciativa da Sociedade Espanhola de Radiodifusão e da Ibéria — Linhas Aéreas, dirigida entre nós pelo Rádio Clube Português

Encontra-se já designado o juri português, constituído pelos srs. dr Mário António da Cunha Mora, reitor do Liceu D. João de Castro, em representação do Ministério da Educação Nacional; dr. Fernando Manuel Teixeira de Matos, director dos Serviços de Intercambio da M. P., como representante desta organização; João Corregedor da Fonseca, pelo Grémio Nacional da Imprensa Diária; António Moreira da Camara, chefe do serviço de relações publicas da R. T. P., e Alvaro Jorge, do Rádio Clube Português

A eleição do representante português deve verificar-se nos primeiros dias de Agosto.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Jornal do Fundão», «Vida Ribatejana», de Vila Franca de Xira, e «Sporting», de Lisboa.

A Hidro-Eléctrica do Alto Catumbela registou aumento de consumo durante o ano de 1968

A Hidro-Eléctrica do Alto Catumbela, com sede em Lobito, Angola, no relatório e contas relativo ao exercício de 1968, assinala um aumento de consumo, acrescentando que a conta de resultados do exercício se reflectiu, por isso, na modificação mais significativa do balanço: a anulação do saldo da situação líquida no montante de 6 795 344$30

O Conselho Fiscal, no mesmo relatório prevê «que a vida da Sociedade entrará brevemente em nova fase, para a qual se poderá contar com um regime normal de equilíbrio económico e com remuneração do capital aos accionistas»

À assembleia geral que aprovou o relatório e a proposta do conselho de administração para o aumento do capital social, presidiu o sr. dr. Alexandre Ferreira Pinto Basto. Usou da palavra o presidente do conselho de administração, sr eng.º José Eugénio Duarte Ferreira, que fez uma exposição sobre a situação da Sociedade e se referiu à subscrição de acções por parte da província de Angola

O administrador-delegado, sr. dr João Pedro Collares Pereira, fez uma exposição à assembleia sobre a evolução prevista para as receitas e os investimentos durante os próximos anos. Por ultimo, falou o sr. prof. dr. Herculano de Amorim Ferreira, presidente do Conselho Fiscal

Em ELVAS o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Agência de Publicações (Gil Cristóvão Gonçalves).

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	546$	545$	546$
Consolidado 3 1/2%	643$	642$	645$
Centenários 4%	1.530$	530$	.540$
Obrig. Tesouro 5%	1.010$	009$	011$
Externo Série	—	605$	—
Externo Série C	—	550$	—
Externo 3 Série	—	—	900$
Externo 3 Série C	—	—	900$
Cautelas 3 Série	—	—	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	965$	960$	970$
A P I 5% 58	965$	960$	65$
C P 4 1/2% 65	—	—	00$
C P 5 1/2% 67	—	990$	—
C U F 6%	1.006$	006$	08$
C U F 6% 68	1.020$	.019$	—
Gás Elect 4% 48	860$	860$	870$
Gás Elect 4 1/2% 51	855$	855$	—
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 58	910$	—	920$
Gás Elect 5% 59	910$	—	920$
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	930$	—
Gás Elect 5% 65	920$	920$	930$
Gás Elect 5% 67	—	.008$	010$
H E A Alentejo 5%	845$	845$	850$
H E Cávado 5%	—	850$	860$
H E Cávado 6%	1.020$	.020$	—
H E Douro 5%	855$	851$	857$
H E Douro 6%	—	1.015$	.020$
H E Norte Port 5%	—	845$	—
H E S Estrela 6%	1.010$	008$	1.010$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	850$	—
Lisnave 6%	1.005$	003$	010$
Metropolitano 4%	—	900$	915$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.020$	—
Moçambique 5%	—	—	820$
Nac Electr 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	900$	910$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	920$	925$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	850$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	855$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	850$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	850$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.330$	1.330$	1.335$
Alentejo	770$	760$	780$
Angola	2.640$	2.620$	—
Burnay	—	—	—
Créd Predial	2.900$	2.900$	2 950$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
L. & Açores p.	6.000$	5.950$	6.050$
L. & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	7.000$	5.950$	—
Portugal n	—	2.930$	3.000$
Portugal p	—	—	4.000$
Totta Aliança	7.050$	7.000$	7.050$
Ultramarino n	2.350$	2.350$	2 400$
Ultramarino p.	2.780$	2 750$	2 780$
Seguros			
Alentejo	—	72$	75$
Douro	—	930$	1.200$
Mundial	—	530$	540$
Sagres	—	1.500$	1.800$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	12.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	770$	770$	775$
Ag Cassequel	730$	720$	730$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	380$	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buz.	82$	82$	82$5
Cabinda	206$	206$	210$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.520$	517$	1.522$
H E Revué	630$	620$	640$
Ilha do Príncipe	—	960$	.010$
Moçambique	115$	115$	17$
Sonete n.	—	—	—
Sonete p.	—	378$	385$
Zambézia	78$	78$	78$50
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	1 650$	1 600$	1 700$
Cim Leiria	—	3 600$	3.850$
Cim Tejo	—	6.000$	6.300$
Cª Navegação	1.040$	.050$	.100$
C U F	—	280$	300$
Fid Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	1.630$	630$	635$
Port Celulose	4 050$	4 000$	4.100$
Port Pesca	—	—	1,240$
Port Tabacos	675$	675$	680$
Sacor	—	—	5.300$
Siderurgia Nac	1.450$	440$	—
Sovel	2.950$	2.940$	2.970$
Tabacos de Portugal	1.150$	1.140$	1.160$
Tanqueiro	—	12.500$	—
Azoto	782$	780$	790$
Água Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	410$	415$
Aguas Lisboa 34	—	415$	—
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	1.610$	1.600$	1.620$
Gás Electr	428$	427$	478$
H E Alto Alentejo	162$5	162$	62$5
H E Cávado	1.295$	1,290$	1 300$
H E Douro	1.287$	1.286$	288$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.345$	1.360$
Nac Electricidade	1.395$	—	1.400$
Termoeléctr Port	1.380$	—	1.385$
U E P	—	203$	205$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	181$6	187$
D E S	—	117$6	121$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	19/6/69	25/6/69	26/6/69
GERAL	127,1	132,4	**131,4**
METROPOL.	124,9	130,7	**29,5**
ULTRAM.	143,0	144,9	**145,3**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul		
— Rands de 1 e 2	34$50	37$00
— Rands de 5 e 20	35$50	38$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 100	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$402	$417
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,55	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$40	5$80
Suiça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	345$00	360$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$70	39$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321273

SITURCO

SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS DE TURISMO E DE CONSTRUÇÃO, LDA.

ORGULHA-SE DE APRESENTAR A

(A PRIMEIRA FASE FOI TOTALMENTE VENDIDA)

DO SEU EMPREENDIMENTO

PARQUE RESIDENCIAL DAS MERCÊS

O BANCO TOTTA-ALIANÇA — ONDE O COMPRADOR DEPOSITARÁ OS VALORES DA SUA ENTREGA INICIAL — PRESTA A SUA COLABORAÇÃO OFERECENDO-LHE, A PAR DO SEU SERVIÇO TRADICIONAL, A GARANTIA DO REEMBOLSO, CASO A VENDA EFECTIVA NÃO SE REALIZE POR FACTO IMPUTÁVEL AO VENDEDOR.

FACILIDADES DE PAGAMENTO * CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

INSCREVA-SE DESDE JÁ NA:

***SITURCO**

RUA DO SOL AO RATO, Nº 104, 2ºD - LISBOA

TELEFONES: 681228 — 680959 — 682254

*A SITURCO ESTÁ INCLUÍDA NO GRUPO DE **EMPRESAS SEPULCHRE**

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vamos dormir; 20: Nós as mulheres; 20 e 20: Sangue na estrada; 20 e 35: Cartaz TV; 21: Tempo internacional; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de cinema — «O Fugitivo»; 23 e 40: Telejornal, meditação e fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: «Honey West»; 22 e 25: Feminino; 22 e 45: Concerto para jovens; 23 e 35: Telejornal e fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30. Que quer ouvir? 17. Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica, 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 34: 21.º episódio do folhetim «A Loja de Antiguidades»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 40: Serenata de Coimbra; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Lucia de Lammermoor» (Donizetti); 18: Musica do século XX; 19: Crítica literária, pelo dr João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica regional do Alentejo recolhida e seleccionada por Michel Giacometti e Lopes Graça; 19 e 25: Solos de piano por Emile Guilels — obras de Liszt e Prokofieff; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Missa em honra de S Nicolau (Haydn); 21: Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional sob a direcção do maestro Fritz Rieger e com a colaboração do clarinetista Artur Moreira. Concerto realizado no cinema Tivoli, em Lisboa — Uma obra de Mozart; 21 e 34: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal Branco; 21 e 50: Recital pelo pianista Jesus Alonso; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

M. F. 2 — 94,3 mc/s — Às 23: O pianista Artur Rubinstein — Carnaval op 9 (Schumann); 23 e 30: Transmissão da ópera-cómica em um acto «O Empresário», de Mozart — em gravações cedidas pela R. A. I. Radiotelevisão Italiana; 0 e 25: Sonata n.º 1, em mi menor, op. 38, para violoncelo e piano; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e fecho

EMISSOR DE MIRAMAR—383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Um conjunto; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia-a-dia; 21: Noticiário; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Melodias da Itália; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão — Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: O conjunto «The Moody Blues»; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94, 4 mc/s.. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 23; Das 8 ás 10 e 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

LANTERNA MÁGICA

PELAS 19 E 50 os pequenos telespectadores têm os seus desenhos animados preferidos. Lá estarão o «Papa-Léguas» e o Coiote num estilo de humor negro que tantas gargalhadas provoca nos adultos e admiração na pequenada. As desventuras do Gato Silvestre serão cada vez maiores para gáudio do pássaro «Piu-Piu» e, afinal, de todos nós.

A CRIANÇA PERANTE A VIDA

CERCA DAS 20 e 30 Ana Maria Varela Cid estará presente na sua despretensiosa rubrica «A criança perante a vida».

A criança merece da autora deste programa os maiores desvelos e assim serão salientados os maiores problemas que a ela poderão afligir. São ensinamentos válidos que têm já um publico muito certo.

VARIEDADES:

Lisboa na música de Raul Ferrão

O PROGRAMA de Variedades desta noite pelas, 22 e 25, é totalmente dedicado à música de Raul Ferrão, aos seus intemporais êxitos musicais que tantos foram.

Realizado por Rui Ferrão, participam os seguintes cançonetistas: António Calvário, Fernanda Maria, Artur Garcia, Maria Valejo, Nicolau Breyner, Mimi Gaspar, Simone, Alice Amaro e Maria da Fé. Colaboram também António Luís Gomes, António Chainho, Francisco Carvalhinho, Adelino dos Santos, Acácio Rocha, Américo Silva, Francisco Peres, Martinho d'Assunção, Hermenegildo Lopes, José Maria Nóbrega e Liberato Conde, além dos maestros Ferrer Trindade e Tavares Belo.

2.º PROGRAMA

DEPOIS DO TELEJORNAL e da série «Expedição» o 2.º programa exibe o filme «O Herói» da série de aventuras do Oeste americano «O Maioral» com Lee J. Cobb. James Drury, Steve Forrest, Doug McClube, Roberta Shore, Randy Boon e Harren Stevens. Realização de Ricard L. Bare.

Neste filme de uma hora, James Templeton, jornalista chega a Shiloh para fazer uma reportagem acerca da vida do juiz Garth. No entanto Templeton é sócio de Harding, suposto advogado, que tenta fazer chantagem com o juiz, por ter descoberto algo no seu passado...

RAUL FERRÃO

Nasceu em Lisboa no dia 25 de Outubro de 1889, no dia da sua cidade que ele tão bem compreendeu e tanto amou, e aqui morreu á meia-noite do dia 30 de Abril, esse mês que ficou ligado para sempre a uma das mais belas melodias.

Quando tinha pouco mais de nove anos, seu pai foi aconselhado pelo mestre da banda dum regimento de Aveiro, onde era oficial, a não lhe mandar ensinar musica porque para tal era uma verdadeira negação.

Foi aluno do Colégio Militar, o 205 — o Ferrão com elas — como lhe chamavam por causa das medalhas que recebia. Frequentou a Escola Politécnica, cursou a Escola do Exército, onde foi professor pouco depois de regressar de África para onde foi como voluntário durante a guerra de 14-18.

Comandou durante cerca de sete anos o Forte do Bom Sucesso a Pedrouços, sendo por essa altura que tirou o curso de Engenheiro Químico no Instituto Superior Técnico e, com a ajuda de sua mulher, estudou musica, sendo a sua primeira composição da de 1911.

Foi engenheiro fabril do Exército na fábrica de Braço de Prata, ajudante do ministro da Guerra, professor do Instituto dos Lu-

(Continua na página seguinte)

canal da crítica

VARIEDADES REALMENTE VARIADAS

Serão todo ocupado com as variedades da «Eurovisão». Duas horas, com três intervalos para ir ao bufete comer uma sanduíche de anúncios gritados, demagógicos, histéricos. Ao fim de 90 minutos é natural que um certo cansaço sobreviesse aos telespectadores, não pertencendo a culpa disso ao programa em si mesmo, pois fez todos os possíveis por variar: ilusionismo, baile, humor, canção por um e por vários, instrumentistas isolados e conjunto, diversidade de canções, de temperamentos, de países, de matizes. Neste aspecto, as variedades de ontem foram das de melhor e criteriosa organização, acontecendo que a participação de alguns países do campo socialista contribuiu algum tanto para animar, para variar as variedades. Recordemos as actuações da Hungria, da Checoslováquia, da Iugoslávia e da Bulgária — esta com uma canção que lembrava o fado de Lisboa, numa interpretação «dramática» que tinha muito de Amália... A Polónia, puritana como sempre, apresentou-se com Strauss.

Naturalmente, o publico terá a tendência para aderir mais fácilmente áqueles numeros apenas musicais, ou de mímica, ou de humor sem palavras.

Pode dizer-se, como disse Fernando Tordo no ultimo «Zip-Zip» que as palavras importam pouco para se gostar ou não de uma canção ligeira. Eu perguntava, se é assim, qual a razão de haver palavras, poema, poesia, versos. Qual a razão por que alguns dos nossos cançonetistas cantam francês, em Paris, cantam inglês na América. Amália que o diga, que o diga Rui de Mascarenhas.

Como dizia Dalida, numa entrevista em Rádio Clube Português, a musica e a poesia são ambas tão indispensáveis para haver canção, como são necessários um homem e uma mulher para haver casamento...

Foram muitas as qualidades de espectáculo puramente televisivo, no serão de ontem: a variedade de planos, consoante os casos, conheceu uma gama suficientemente larga para aligeirar um espectáculo que se sabia longo. A camara soube traduzir em televisão uma linguagem de palco. Essa foi a grande qualidade desta «Eurovisão».

VITORINO NEMÉSIO: OU A NECESSIDADE DE SER SIMPLES

Com o ar mais inocente deste mundo, Viforino Nemésio procedeu ontem a uma curiosa autocrítica no que respeita á sua actividade na televisão.

Não fez mais, aliás, do que repetir algumas das ideias expressas pela crítica, o que é bastante sinal de futuras

(Continua na página seguinte)

FÉRIAS NO ALGARVE AO SEU ALCANCE...
excelente serviço de Snack-bar e Restaurante a preços normais
Bungalows para 2 pessoas/160$00
marcações pelos telefs.
156 39 praia da luz
36 91 52 em lisboa
motel da luz • praia da luz • algarve

VEDOR
AOS SENHORES PROPRIETARIOS
Não têm água nas suas propriedades para regas?
Desejam abrir poços ou furos artesianos e não sabem onde fazê-los?
Dirijam-se a Dário Augusto Saraiva, o jovem vedor a quem os jornais se referiram que vê a água correr no subsolo a distância e através do terreno, localizando, com segurança e exactidão e seu auxílio de qualquer instrumento. Milhares de poços e furos por ele indicados em todo o País.
DARIO AUGUSTO SARAIVA—Ferreirim (Sernancelhe) — BEIRA ALTA.

TELEVISÃO
REPARAÇÕES AO DOMICÍLIO COM GARANTIA — TELEF. 82 14 78

Dinheiro!... Economia!...

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Do seu capital, aplicado em propriedades, sem qualquer preocupação pode obter um

Rendimento ou Juro de 6 a 10 % garantido de 6 a 18 Anos à escolha do cliente, por escritura pública

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187$50 MENSAIS

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º-Esq.º — Tels. 45843 e 47843 — QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tele. 952021/22
AMADORA-REBOLEIRA — TEL. 933670

CARROS USADOS

NSU P 30	1968
NSU 110 SC	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Cortina	1964
Cadilac impecável	1962
Ford Thames	1960
Henkel	1965
Fiat 1100	1957
Taunus (1500)	1964
IMP	1967
Volve B-18	
Citroen DS 21	
Ford Anglia	1968
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1966
Consul Cortina	1964
Taunus 15 MTS	1968
MG 1100	1966

Austin Cooper S motor transformado c/ muitos extras.

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.

Rua de Campolide, 27-B

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 8.ª pág.)

les que afectam os rebentos da alta burguesia. De louvar o mínimo de honestidade mental de quem fez o arrazoado escrito o programa, que em parte transcrevemos para que conste, numa vaga esperança de que venha a fazer escola:

«Este é um filme de juventude, um documentário amável sobre os adolescentes de hoje, mas sem violências, sem protestos, sem contestações, jovens de uma burguesia que dispõe de meios e se diverte e cai nas malhas do amor enquanto ouve discos, organiza as suas festas, faz os seus exames, corre em bons carros de desporto e desfruta de uma liberdade, abundância e dinheiro de algibeira que os pais jamais conheceram. Juventude endinheirada, portanto, como podia ser a que temos em Cascais, de «boutique» em «boutique», «snack-bar» em «snack-bar», etc., namorico em namorico».

Fez pena ver estragar tantos metros de película, o esforço de uma equipa de técnicos e artistas, para apresentar aquela historiazinha insulsa, ingénua e falseadora das realidades. O filme falha redondamente quando pretende fornecer um ambiente escolar, num estabelecimento de ensino secundário que parece ter só uma turma de uns vinte alunos e nada mais. Falseia quando pretende apontar como problemas fundamentais de uma juventude de *play-boys* os ingénuos e inocentes namoricos que nem poderiam chocar as nossas avós. Na verdade, fora as mini-saias e a liberdade de sair sózinhas com rapazes, tudo quanto o filme apresenta (e muito mais) já as nossas avós conheciam e soletravam de cor e salteado. O conflito, em que apenas há umas pinceladazinhas freudianas no carácter da mãe do protagonista (coitado do Freud, dá até para história cor-de-rosa!), resulta portanto frouxo. Por isso os actores se esforçam por convencer, o que nem sempre conseguem, como é natural.

R. B.

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE FRANCÊS

Tendo sido aprovados os Estatutos da Associação dos Professores de Francês em Portugal, e homologados os respectivos corpos directivos, os trabalhos iniciar-se-ão em Novembro. Todas as pessoas interessadas deverão inscrever-se, o mais cedo possível, dirigindo-se para isso ao Instituto Francês, R. de Santos-o-Velho, 11, Lisboa-2.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

charlas descontraídas, menos enfáticas e cuidosas de explicar coisas, de fornecer ciência ou roteiros mais ou menos turísticos.

Concordemos todos, portanto, em que aquelas charlas devem ser feitas em mangas de camisa. E discordemos da opinião de Vitorino Nemésio segundo a qual o catedrático, o oficial do exército, o magistrado, etc., se devem comportar, na maior parte do dia, como homens simples, como o «homem da rua».

Porquê **na maior parte do dia? Por que não sempre?** Nesta opinião tão democrática infiltra-se a tendência aristocrática da alta posição social que desce a algumas concessões «na maior parte do dia». Era como se Vitorino Nemésio dissesse: «No desempenho do seu cargo, pode-se ser importante — mas na rua, juntamente com as outras pessoas, devemos ser simples e normais.

Bom. Fora esta discordancia, e se entrarmos pròpriamente na sua actuação frente ás camaras, a verdade é que Vitorino Nemésio se comportou como um homem simples, sem ênfase até quando ensinou — e, como quem não quer a coisa, ensinou alguma coisa.

Aliás, ninguém pede a Vitorino Nemésio que ensine seja o que for. Uma arte lhe compete desenvolver: a arte da convivência ao nível da conversa — que não tem forçosamente de ser futil, mas tem de ser simples.

M. C.

RAUL FERRÃO

(Continuação da pág. anterior)

pilos do Exército, 2.º comandante do Grupo de Artilharia a Cavalo em Santarém, vice-presidente da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, um sem-numero de actividades que não evitaram que continuasse a escrever musica, muita musica que o povo cantou.

Lisboa, a sua gente, as suas ruas, os seus recantos, os seus tipos caracteristicos foram os temas favoritos da maior parte das suas composições.

Lisboa que lhe quis agradecer dando o seu nome a uma das suas ruas, Lisboa cujo povo ainda o recorda cada vez que sai para a rua com uma cantiga na boca e o amor no coração.

VIDA MUSICAL

O pianista György Cziffra toca para o Círculo de Cultura Musical

Já se encontra em Lisboa o grande pianista hungaro György Cziffra que, a convite do Círculo de Cultura Musical, vem dar dois recitais em Lisboa e um no Porto.

Este extraordinário artista interpreta, na sua primeira apresentação no Teatro de S. Carlos, amanhã, ás 22 horas, obras de Schumann, Mendelssohn e Liszt.

O segundo recital de Cziffra está marcado para o dia 1 de Julho, ás 18 e 30, no cinema Tivoli e inclui obras de Bach, Beethoven, Chopin, Ravel e Liszt.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

FILIPE BLANCO FÉLIX

MISSA DO 7.º DIA

Francisca Gonzalez Arias Blanco Félix, Filipe Gonzalez Blanco Félix e sua mulher Maria Manuel de Meirelles Blanco Félix e seus filhos Maria Tereza de Meirelles Blanco Félix Nunes Caiado e José Manuel Nunes Caiado, participam que amanhã, dia 27, será celebrada missa de 7.º dia ás 12,30 horas, na Igreja de Santos-o-Velho, pelo eterno descanso de seu marido, pai, sogro e avô, agradecendo reconhecidos a todas as pessoas que se dignarem assistir.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

BANCO LISBOA & AÇORES

S. A. R. L.

Capital e Fundos de Reserva: Esc. 366 500 000$00

SEDE: Rua Áurea, 88 — Lisboa

Está a pagamento, a partir do próximo dia 1 de Julho, a importância de Esc. 20$00 por cada acção, cativo de impostos, por conta do dividendo do exercício de 1969.

A importância líquida por acção NOMINATIVA é de Esc. 17$35; por acção ao PORTADOR REGISTADA, de Esc. 17$85; e por acção ao PORTADOR NÃO REGISTADA, de Esc. 14$05.

Lisboa, 23 de Junho de 1969.

O Presidente do Conselho de Administração
(a) *Guilherme L. A. Moreira*

Maria Antonieta Todeschini Ferreira David Moreira de Andrade

A família manda rezar missa por sua alma amanhã, sexta-feira, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, ás 9 e 30, e agradece a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

Caminho de Ferro

SERVIÇO ESPECIAL

PARA BADAJOZ
22 a 29 de Junho

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

Comunica-nos a C. P. que em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos-de-Ferro Espanhóis (RENFE) vende, nas estações de Lisboa (Santa Apolónia), Entroncamento, Torre das Vargens, Tramagal, Crato, Marvão-Beirã, Portalegre e Elvas, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos para a estação de Badajoz, por motivo da Feira e Festa de S. João.

Validade dos bilhetes — Ida: 17 a 29 de Junho; Volta: 22 de Junho a 4 de Julho.

MARIA JESUÍNA ANJOS REYNOLDS DE SOUSA

MISSA DO 7.º DIA

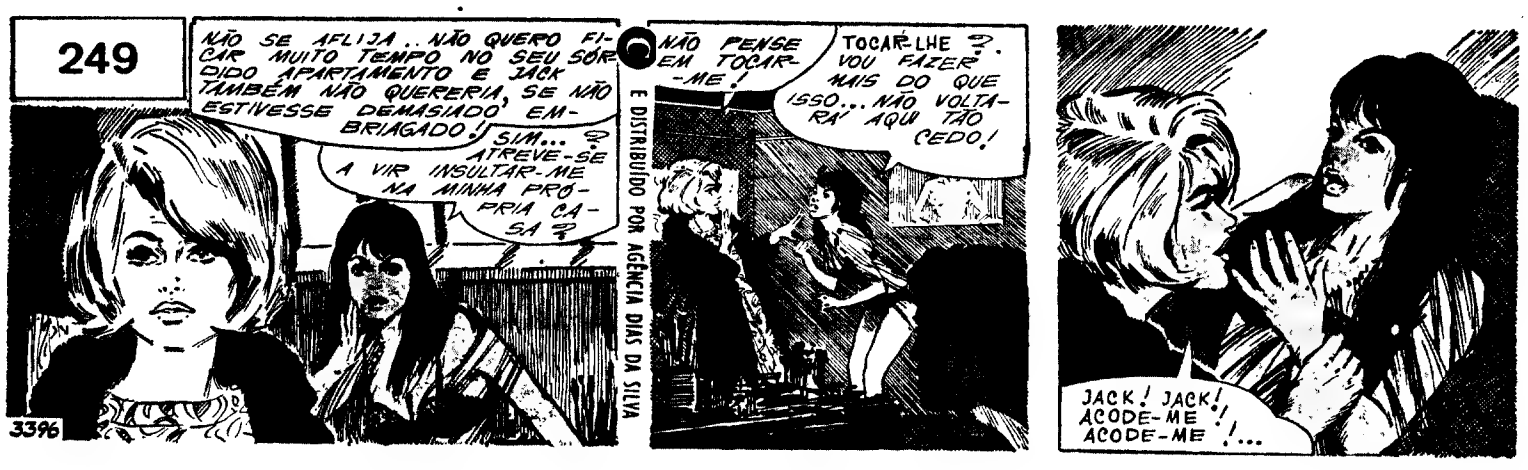
José Fernando Reynolds de Sousa, Henrique José Anjos Reynolds de Sousa e sua mulher; Fernando Anjos Reynolds de Sousa e sua mulher; António Anjos Reynolds de Sousa e sua mulher; Teresa Maria Anjos Reynolds de Sousa Santa Clara Gomes e seu marido; Maria Rita Anjos Reynolds de Sousa Guedes e seu marido; Maria Manuela Anjos da Costa Macedo e seu marido; Isabel Anjos Reynolds de Sousa, Henrique Simões Anjos e sua mulher; Maria do Carmo Simões Anjos, Maria Pimentel Anjos e Elisa Reynolds de Sousa Telles da Silva participam o falecimento de sua muito querida mulher, mãe, sogra, irmã e cunhada. Por sua alma será amanhã, dia 27, rezada missa na Igreja do Loreto, às 12.30 horas.

Agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que os queiram acompanhar.

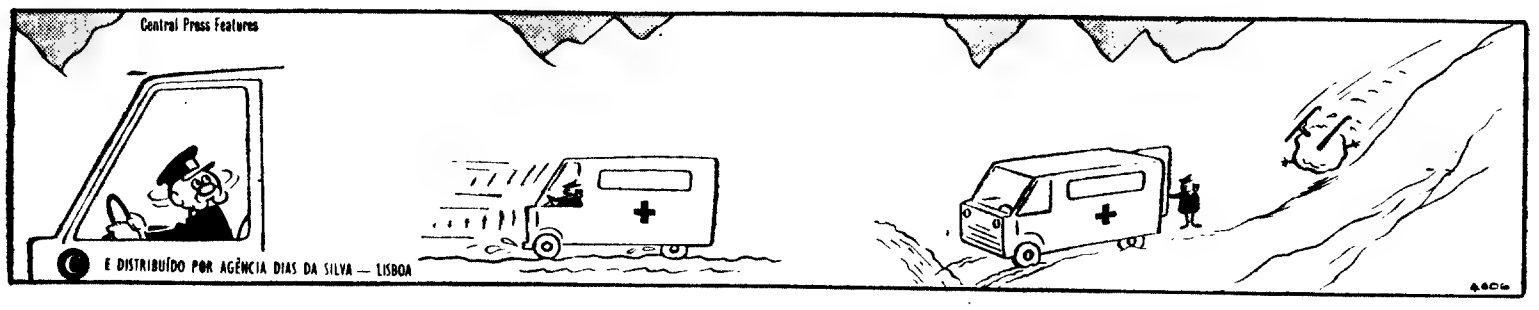
P. N. A. M.

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diario de Lisboa» de 26 de Junho de 1939 publicava:

«**Uma das coisas mais difíceis, em materia de educação e ensino, e a aprendizagem da fala Da fala correcta, simples, e que diz tudo quanto se quer dizer, e nada mais. Todavia, não se costuma dar importância de maior a essa necessária manifestação de cultura do espírito. Ensina-se a ler, a escrever, a interpretar e a analisar textos. Mas exprimir de maneira lúcida o que se pensa, o que se quer e sente, o que se deseja e pretende é coisa que se deixa um tanto ao acaso.**»

EXCURSÃO DA C. P.

Domingo 29 de Junho

Comunica-nos a C P de que realiza no próximo dia 29, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes uma excursão de Lisboa a Mangualde, Gouveia, Mondeguinho (Nascente do Mondego). Penhas Douradas, Manteigas, Vale do Zêzere, Nave, Torre (2000 m) Lagoas, Sabugueiro, São Romão e Seia, incluindo a viagem e o almoço no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em autocarro.

Preço da excursão completa ..... 295$00

Só transporte em caminho de ferro (ida e volta):

— De Lisboa a:

Coimbra-B	110$00
Luso	122$00
Santa Comba Dão	136$00
Nelas	152$00
Mangualde	157$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos

Palavras cruzadas

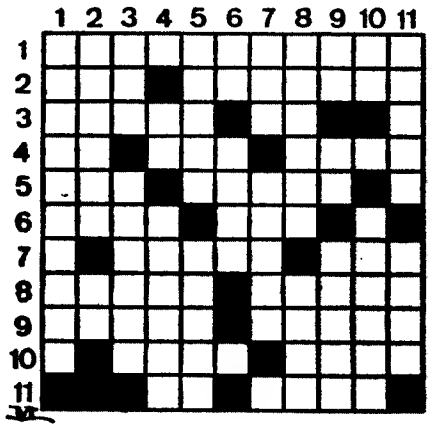
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5218

HORIZONTAIS: 1 — Não concordavam. 2 — Unidade das medidas agrárias. Reabilitara. 3 — Gerar. Nesse lugar. 4 — Acusada Senhora (brasil.). O que. 5 — Portias. Qualquer 6 — Olós. Passe rápidamente 7 — Escarnecer. Negativa. 8 — Mostrai-vos soberbo. Prendeis. 9 — Descrevo. Metades. 10 — Outro nome da Irlanda. Animal de mama. 11 — Prefixo que designa direcção. Dês crédito.

VERTICAIS: 1 — Substância orgânica das lágrimas. 2 — Imaginário. Imperfeito. 3 — Conheço. Em todo o tempo 4 — Artigo (pl.) Ecoaria. 5 — Zombaria. Golfo estreito e profundo, na Noruega. 6 — Artigo ant.go Rio que nasce na Lagoa Comprida da serra da Estrela e deságua no Mondego. 7 — Caritativa. Frustram. 8 — Aguce Tramei 9 — Ande Certo. Indivíduo de casta nobre, entre os índios do Malabar. 10 — Atmosfera Apupais 11 — Mingua. Serra do Alentejo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5217

HORIZONTAIS: 1 — COM. Fim. Vim. 2 — Eram. Ovino. 3 — RAPOSAS. É. 4 — Revesti. Ad. 5 — Co. 11 — Rampa. 6 — Arpoa. Adão. 7 — Assedando. 8 — Irra. Dó. Hós. 9 — BOM. SER. Om. 10 — Amarem. Usos. 11 — Lá Aias. Oso.

VERTICAIS: 1 — Céu. Canibal. 2 — Or. Ror. Roma. 3 — Maré. Perma. 4 — Maviosa. Rã. 5 — Peias. Sei. 6 — Os. Edema 7 — Mostrador. 8 — Vaiada 9 — Vis. MANHOSO. 10 — Im. Apodamos. 11 — Moeda Os. Só.

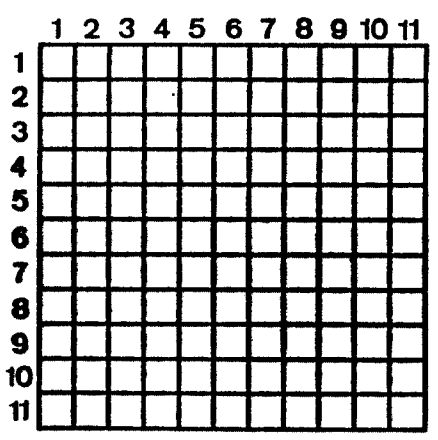
(Provérbio: COM RAPOSAS É BOM SER MANHOSO).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9061

HORIZONTAIS: 1 — Nome de fruto. Nome de peixe. 2 — Afia. Estimais. 3 — Oferece. Medida japonesa igual a dois decilitros. Troça. Reis. 4 — Vaga. Rei da Baviera que foi enclausurado no castelo de Fustenried. 5 — Suspira. Pronome possessivo. Preposição e artigo definido. 6 — Vazio. Escarneces. 7 — Érbio (s. q.). Dedicado. Viração. 8 — Dança nacional da Hungria. Nome de mulher. 9 — Caminharia. O mesmo que jarro. 10 — Animal doméstico. Nome de várias papas Pedro de actor. 11 — Restos mortais Apelido.

VERTICAIS: 1 — Destino. Variedade de tabaco 2 — Magnetiza um corpo. Invulgares 3 — Rei de Basã. Distrito da Índia Portuguesa. Cursos de água natural e abundante. 4 — Nome de mulher. Pronome indefinido 5 — Saudável. Conquista. Post scriptum. 6 — Estrépito de desmoronamento. Nota musical 7 — Igual. Rio da Toscana. Sufixo que designa estado. 8 — Bisnaga. Cobre de iodo 9 — Batráquio. Pequena bigorna de aço e sem hastes. Estavam. 10 — Cabo da costa da ilha da Madeira. Tolero. 11 — Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Receies.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9060

HORIZONTAIS: 1 — Papas Paris. 2 — Relva. Odiai. 3 — Or. Im. Sr. Ta. 4 — Veia. Oder. 5 — Aam. Coa. Usa 6 — Ibo. Sem. 7 — Mat. Rei. Aai. 8 — Etal. Este. 9 — Dó. Im. Li. 10 — Alugo. Orçar. 11 — Somer. Tosse.

VERTICAIS: 1 — Provo. Medas. 2 — Aéreo. Atolo. 3 — Pl. Imito. Um. 4 — Avia. Liga. 5 — Sam. Cor. Mar. 6 — Do. Eu. 7 — Pôs. Asi. Lot. 8 — Adro. Eiró. 9 — Ri. Dumas. Cs. 10 — Io. Es. At. As. 11 — Siara. Lebre.

todos de acordo

frigoríficos

ambra

um produto da MAGIC CHEF italiana

FRIO EM ALTA FIDELIDADE.

preços desde 3.140$

Sabol Rua de D. Estefânia, 98/A-LISBOA • Rua de Sta. Catarina, 1209-PORTO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

II GRANDE PRÉMIO PHILIPS

VITÓRIA DA JUVENTUDE NA ETAPA SINTRA-SETÚBAL

• FIRMINO BERNARDINO (SPORTING) É O PRIMEIRO «CAMISOLA-AMARELA»

Tal e qual. O nosso vaticínio, expresso ontem, cumpriu-se inteiramente. Ainda mal se haviam corrido os dez primeiros quilómetros da tirada e já se registava a primeira fuga: a do tavirense José Diogo que, a mais de 150 km da linha de chegada tentou a sua sorte.

Estava, desde logo, condenada ao malogro, essa tentativa. Sem uma equipa poderosa que pudesse controlar os movimentos dos seus eventuais perseguidores, José Diogo teve de ceder. E depressa perdeu os quase cento e vinte segundos que chegou a ter de vantagem. Em Vialonga já toda a gente se unira e caminhava, lenta e tranquilamente, a caminho de Setúbal.

As escaramuças anteriores tinham, no entanto, deixado aos estradistas, o gosto pelas escapadas e antes de Vila Franca de Xira sete homens largaram do pelotão em pedalada vigorosa ante a complacência deste. Os consagrados caminhavam todos juntos e assim (parecia) ninguém corria o menor risco.

Em breve, porém, era já considerável o avanço dos fugitivos e quando a ponte Marechal Carmona ficou para trás, o tempo que os separava do grosso da caravana cifrava-se já em mais de 3 minutos. Em posições intermédias, e separados por ligeiras diferenças, pedalavam também alguns ciclistas. No Barreiro, com os da frente todos reagrupados, chegou a ser superior a sete minutos a diferença que se registava entre os dois grupos.

A Arrabida, contudo, já se divisava ao longe. A montanha iria ter (e teve) influência decisiva na ordenação dos corredores na chegada à cidade do Sado. Pedalavam então no grupo da vanguarda 13 ciclistas pertencendo aos homens do Porto e da Ambar os maiores esforços para tornar mais largo o fosso que os separava do pelotão que, tranquilo e pachorrento, seguia em marcha moderada. Integravam-no todas as «vedetas». A marcação era segura e eficiente. Os dá frente? Eram jovens em busca da glória. Deixá-los ir.

Antes da meta para o Prémio da Montanha, Firmino Bernardino, o único sportinguista da vanguarda «arrancou».

Foi primeiro na contagem e igual posição manteve até à Av. Luísa Todi, na linha de chegada, na cidade onde nasceu Manuel Maria Barbosa Du Bocage. Arrecadara todo o proveito de labor desenvolvido por portistas e «ambarinos». Fora a formiga da lenda. Economizou energias e quando delas necessitou tinha-as bem armazenadas. Uma censura? Longe disso. O ciclismo é assim. Ainda que, por vezes, tais gestos se situem numa discutível linha de moralidade.

Colectivamente duas equipas merecem as honras do dia: F. C. Porto e Ambar. Batidas no plano individual pela corrida «matreira» de Firmino Bernardino, puderam, no entanto, situar-se, respectivamente, no primeiro e segundo postos da classificação. A «camisola amarela» cinge-se agora a um tronco verde, é verdade. Mas atentemos na classificação geral individual: Só a partir da 20.ª posição começam a surgir os nomes dos consagrados. Consagrados que, se quizerem sê-lo neste II Grande Prémio Philips, têm de se decidir a entrar rápidamente na luta. Já se viu que os jovens são atrevidos e que têm valor. A menor distração daqueles pode resultar em algo de irremediável.

Anote-se ainda a corrida desastrosa do Benfica, o grande vencido da tarde. Talvez que a equipa corra a pensar demasiado no seu «chefe-de-fila» Fernando Mendes. Os «encarnados» terão de admitir que é mais fácil vigiar um só do que três ou quatro. E a surpresa também é uma arma poderosa em ciclismo.

por ENCARNAÇÃO VIEGAS
nosso enviado especial

Classificação à partida de Setúbal

		H.	M.	S.
1	Firmino B. (Sp.)	4	32	41
2	J. Coelho (Amb.)		m. t.	
3	C. Gomes (F.C.P.)	4	33	34
4	J. Moreira (Col.)			
5	L. Santos (Sang.)			
6	José P. (F.C.P.)			
7	J. Leite (F.C.P.)		m. t.	
8	A. Mariz (Sang.)	4	34	10
9	S. Vieira (Amb.)			
10	J. Diogo (Tav.)			
11	E. Santos (Bf.)		m. t.	
12	M. Mestre (Tav.)	4	35	41
13	Rogério D. (Tav.)		m. t.	
14	José Vieira (Sp.)	4	36	50
15	Ang. Fortes (Bf.)			
16	Cel. Oliv. (Sang.)			
17	J. Freitas (Amb.)			
18	Wilson Sá (Amb.)		m. t.	
19	Ant. Rod. (Coel.)	4	37	7
20	H. Niel (F.C.P.)	4	37	11
21	F. Mendes (Bf.)	4	37	36
22	Leonel M. (Sp.)			
23	Mário S. (F.C.P.)		m. t.	
24	C. Cristina (Amb.)	4	37	38
25	D. Vitorino (Bf.)	4	38	55
26	E. Dionísio (Sp.)			
27	João F. (Sang.)		m. t.	
28	Man. Costa (Bf.)	4	39	19
29	N. Duarte (Sang.)			
30	P. Moreira (Bf.)			
31	Vítor Rocha (Sp.)			
32	Vítor Tenaz (Sp.)			
33	M. Castro (Amb.)			
34	A. Cardoso (Bf.)			
35	V. Cardoso (Bf.)			
36	S. Páscoa (Sp.) ...			
37	Ant. Graça (Tav.)			
38	José A. (F.C.P.)			
39	A. Pereira (Coel.)			
40	H. Silva (Amb.)			
41	Américo S. (Bf.)			
42	Naulino D. (Sp.)			
43	J. Leão (F.C.P.)			
44	H. Oliveira (Sg.)			
45	A. Mendes (Coel.)			
46	N. Timóteo (Sp.)		m. t.	

Estão ainda em prova mais 22 ciclistas.

Por equipas

	H.	M.	S.
1.º F. C. P.	13	40	42
2.º Ambar	13	43	41
3.º Sangalhos	13	44	44
4.º Gin. Tavira	13	45	32
5.º Sporting	13	47	7
6.º Benfica	13	48	36
7.º Coelima	13	52	56

Firmino Bernardino, vencedor da primeira etapa do «II Grande Prémio Phillips»

JOSÉ PEREIRA (Coelima) foi o vencedor em Évora

ÉVORA, 26. — José Pereira, da Coelima, foi o vencedor da segunda étapa do Grande Prémio Philips, percorrendo os 103 quilómetros entre Setubal e Évora em 2 h, 44 m 18 s.

Já a manhã ia quente quando os ciclistas partiram de Setubal. A estrada boa, nos primeiros quilómetros foi um convite a diversas tentativas de fuga que no entanto não resultaram.

Depois de Águas de Moura, António Graça (Tavira) conseguiu isolar-se, mas não por muito tempo. O mau piso da estrada não lhe consentiu um andamento vivo e o pelotão alcançou-o. Porém, antes de Vendas Novas, outro tavirense — Manuel Mestre — tentou a sua sorte, e com êxito, pois passou em 1.º lugar na meta-volante ali instalada, com 1 h 14 m 15 s. A seguir passaram Augusto Cardoso (Benfica) e Custódio Gomes (Porto) com 1 h 15 m 11 s, logo seguidos do pelotão.

Em Montemor, o ciclista do Ginásio Manuel Mestre tinha uma vantagem de mais de dois minutos. Deste destacara-se entretanto, José Pereira, do Coelima, que se foi aproximando do «fugitivo». A estrada em obras, nos ultimos trinta quilómetros, deu origem a que o ciclista algarvio «furasse» e desse acidente resultou que seria ultrapassado por José Pereira, que seria o vencedor da étapa. O corredor algarvio cortou a meta em Évora, em 2.º lugar, com 2 h 45 m 05 s. chegando o pelotão 14 segundos depois, com vantagem no «sprint» para o benfiquista Pedro Moreira que assim foi o 3.º da étapa.

Firmino Bernardino continua com a camisola amarela.

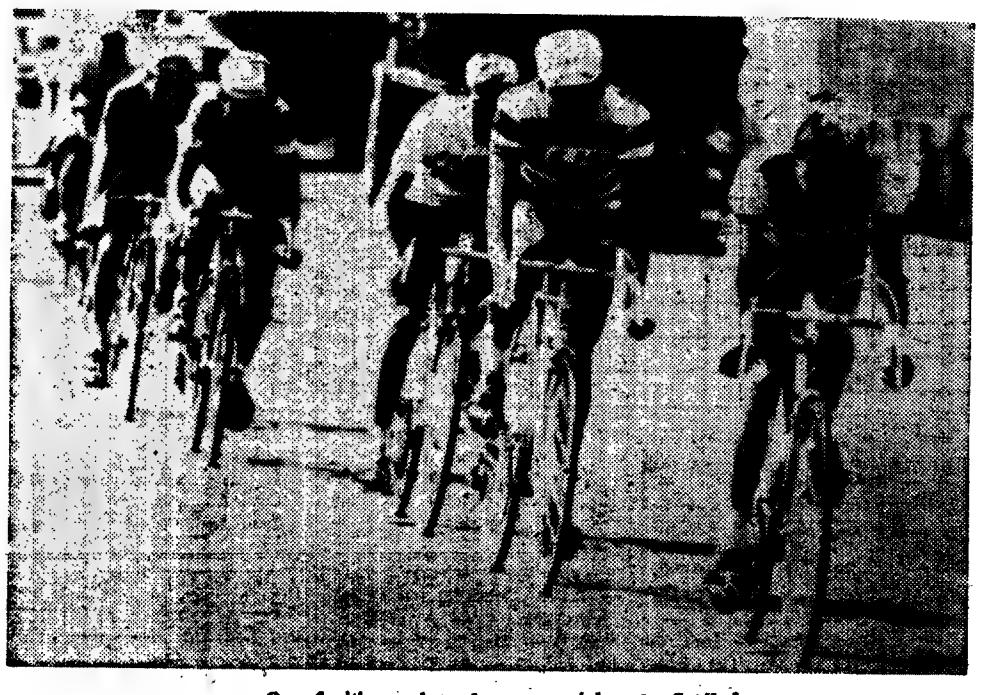
ELAS TAMBÉM VÃO AO CICLISMO

Começa já a ser frequente a presença nas metas de gentis meninas a oferecer as flores da vitória aos que chegam primeiro. E já nem se fala no tradicional beijo (tradicional, lá fora porque aqui ainda se não venceu a barreira do pudor da mulher portuguesa) com que os vencedores são habitualmente distinguidos.

Em Setubal não se fugiu ao hábito. Mas essa cerimónia teve ontem uma expressão diferente. Foi a saudação de duas modalidades desportivas em plena Av. Luísa Todi. O atletismo feminino foi levar os parabéns ao ciclista vencedor. Porque o bonito ramo oferecido a Firmino Bernardino foi-lhe entregue pela atleta do V. Setubal e recordista nacional, Maria Amélia Carriço.

No fundo, apenas um encontro entre gente que conhece o sabor do triunfo. E pode ser que num amanhã seja o Bernardino a saudar um êxito da Maria Amélia nas pistas de Alvalade.

E. V.



Os «fugitivos» lançados a caminho de Setúbal

Vieira Nunes COM UM PÉ NO F. C. PORTO

Está prestes a solucionar-se a transferência de Vieira Nunes para o F. C. Porto, clube onde o excelente jogador da Académica iniciou a sua carreira de futebolista. Foi na colectividade estudantil, no entanto, que Vieira Nunes revelou as qualidades invulgares que fizeram dele um dos melhores «defesas» do actual futebol português.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Espinho-Varzim	2
Salgueiros-Penafiel	1
Leixões-Braga	1
Ac. Viseu-Gouveia	1
Lamas-Sanjoanense	X
Tramagal-Beira-Mar ...	X
«Os Leões»-Torriense ...	2
Sintrense-Sporting	2
Alhandra-Maritimo	2
Benfica-Belenenses	1
Oriental-Atlético	2
Seixal-Portimonense	X
Barreirense-C. U. F. ...	X

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Resultados da jornada de ontem do «Grande Torneio Feminino»: CIF-Algés, 46-20, Encarnação - CDUL, 35 - 36; Atlético-Sintra, 35 28.

TÉNIS DE MESA

Ana Lia Fonseca (Sporting) triunfou no campeonato individual de Lisboa de singulares meninas.

«Europeu» de Bridge

OUTRA DERROTA DOS PORTUGUESES

OSLO, 26 — (A. N. I.) — Portugal foi derrotado por 08 pela itália na quinta jornada do Campeonato Europeu de Bridge que está a disputar-se em Oslo.

Outros resultados da jornada: Holanda - Inglaterra, 2-6; Dinamarca-França, 0-8; Alemanha-Suécia, 0-8; Espanha-Finlandia, 8-0; Islandia-Grécia, 5-3; Áustria-Polónia, 2-6; Noruega-Turquia, 8-0; Suiça-Irlanda, 5-3; Hungria-Israel, 3-5.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TORNEIO IBÉRICO, EM BADAJOZ

O Atlético de Madrid venceu (2-0) o Vitória de Setúbal

• O ritmo dos setubalenses não passou o Caia...

Foi assim: o Vitória começou bem e fácil durante dez minutos; depois a velocidade dos espanhóis — que não o melhor futebol — começou a aparecer e a acumularem-se erros de marcação na defesa sadina; um deles deu o primeiro golo ao Atlético de Madrid; a turma de Pedroto abalou e aconteceu a falência do meio-campo; á beira do intervalo os madrilenos chegaram a 2-0; e acabou...

Foi assim... Tudo ficaria explicado, portanto, nesta meia duzia de linhas que, na verdade, um desafio de futebol fosse tão fácil e não possuísse outras impendências e factores que fazem, afinal, a sua história. Uma história sempre curiosa e de recorte especial. Este encontro também a tem, até porque ao Vitória de Setubal cabia a defesa de um prestígio — fortemente alicerçado no ano passado quando, com brilho, sem discussão e bom futebol, conquistou o «II Troféu Ibérico».

O problema principal dos sadinos pareceu-nos ter assentado especialmente em dois aspectos curiais: a não existência do ritmo normal do jogo dentro da equipa e a tendência da maioria dos seus jogadores para fazerem um futebol que não é o seu, procurando o complicado caminho do individualismo, talvez para querer, mesmo inconscientemente, mostrar as suas «habilidades» ao novo técnico... Desapareceu num repente aquele futebol de apoio, de entre-ajuda, de «braço dado» que era característica da equipa e a fez subir os difíceis degraus da evidência.

Talvez por isso mesmo a defesa tenha acumulado estranhos equívocos de marcação jogando na «deixa» quando, perante a «rabiosidade» dos espanhóis, a antecipação era fundamental. Cardoso e Carriço neste aspecto estiveram francamente desastrados provocando sobressaltos constantes e não dando serenidade ao meio-campo que, já de si, não se mostrava nada rotinado. Tivemos, portanto, um Vitória a prometer o seu normal nos primeiros dez minutos e depois a deixar-se ultrapassar pelo futebol largo, impetuoso, «cavalão», dos jogadores espanhóis.

*

Ganhou bem o Atlético de Madrid? Sem duvida. Mas a verdade — e aqui se faz o elogio dos dianteiros setubalenses — o guardião madrileno foi o que teve maior, mais difícil e mais brilhante trabalho. E outras coisas, na verdade, podiam ter modificado o resultado, inclusivamente um «penaltíssimo» sobre Guerreiro já na segunda parte, que o árbitro deixou passar sem castigo. Já havia 2-0, mas ainda no primeiro tempo, com um unico golo contra, o Vitória beneficiou de cinco «cantos» consecutivos e, num deles, foi o corpo do guarda-redes que apareceu por acaso no caminho da bola e noutro um próprio defesa dos espanhóis fez o esférico «beijar» a barra. Com um pouco de sorte as coisas poderiam ter sido diferentes, é inegável. A verdade, no entanto, é que os madrilenos, mais velozes, mais certos a defender e mais eficientes a atacar, formaram um conjunto superiormente sólido. No ar, porém, ficou a ideia — certa — de que o Vitória possui melhor estrutura, mais verdade como conjunto. Faltou-lhe, insiste-se, ritmo e apoio entre uns e outros. E é pena que tudo tenha acontecido logo na noite deste jogo.

Paciência...

*

O At. Madrid foi, essencialmente, uma equipa de combate, de arreganho, de força, de capacidade defensiva e pertinácia atacante. Uma equipa de futebol sem «rodriguinhos», sem grandes figuras, que corre o terreno de lés a lés e é raro não jogar de primeira. Poucos requintes e ás vezes até demasiada simplicidade de processos.

O Vitória mais académico, mas menos poderoso e sem inspiração, não conseguiu superiorizar-se a uma equipa que — verdade se diga — é inferior em capacidade futebolística. Há dois meses, estamos certos, com a equipa em plena competição, teria sido diferente.

*

Figuras em evidência. O guardião espanhol Mariano, Rajo, Carate e Hernandez.

Nos sadinos quase tudo abaixo do normal. Vital, Alfredo, Conceição, Petita e Figueiredo, talvez tenham sido os que melhor cumpriram.

*

O árbitro teve uma segunda parte terrivelmente ingrata, pois houve muita dureza e até mais do que isso... Esteve muito bem nas expulsões de Carate e Alfredo. Mas o «penalty» sobre Guerreiro meteu-se mesmo pelos olhos dentro. E, verdade se diga, houve muita falta madrilena que passou em claro...

*

Arbitrou o jogo o espanhol Sanchez Ibañez, e as equipas apresentaram:

ATLÉTICO DE MADRID — Zubiarrain; Mariano, Iglésias, Jayo e Galeija; Eusébio, Irureta e Adelardo; Orozc, Garate e Henriquez.

VITÓRIA DE SETÚBAL — Vital; Conceição, Cardoso, Alfredo e Carriço; Tomé, Vagner e José Maria; Figueiredo, Arcanjo e Jacinto João.

Duas substituições no Vitória: Tomé por Guerreiro (1.ª parte) e José Maria por Petita (2.ª parte).

Na equipa madrilena, Melo substituiu Orozc.

Os dois golos foram marcados antes do intervalo, por Adelardo (18 minutos) e Mariano (43).

Duas expulsões: Garate e Alfredo, respectivamente aos 17 e 24 minutos.

AMADEU JOSÉ DE FREITAS

O Benfica defronta hoje a Real Sociedad. Entretanto, Abel, Praia, Malta da Silva, Fonseca e Humberto travam conhecimento com Badajoz

Manuel Lousada dirige o jogo Benfica-R. Sociedad

Como se sabe, a organização tinha pedido á Federação Portuguesa a indicação de um árbitro. Por intermédio da Comissão central foi nomeado Manuel Lousada que, ontem á noite, já assistiu ao encontro inaugural.

E depois deu-nos a notícia:

— Fui nomeado para arbitrar o Benfica-Real Sociedad. É uma honra a que espero corresponder.

E já que falamos em assistência ao jogo, dois pormenores: 10 000 pessoas presenciaram o A. Madrid-V. Setubal e não foram dos menos interessados os componentes das equipas do Benfica e da Real Sociedad, que também se encontravam nas bancadas.

A equipa do F. C. Porto partiu para Angola

PORTO, 26. — Saiu do Porto, a meio da manhã de hoje, para seguir para Angola, de avião, ao princípio da tarde, do aeroporto da Portela, a equipa principal do F. C. Porto, que vai efectuar diversos jogos naquela província.

A caravana portuense é dirigida pelo sr. dr. Fernando Cabral, dirigente do clube; seguiram, também, o chefe da secção do futebol senior, Hernani Ferreira da Silva, médico, massagista, os treinadores Shwartz e Vieirinha, e os seguintes jogadores: Rui, Aníbal, Bernardo, Almeida, Valdemar, Atraca, Pavão, Rolando, Chico, Pinto, Lisboa, Nóbrega, João, Alberto, Luís Pereira e Sucena.

Programa a cumprir pelo F. C. Porto: dia 29, em Nova Lisboa, contra a selecção de Huambo; dias 4 e 6, em Luanda, contra a selecção do Lobito e o Vitória de Setubal (torneio triangular); dia 9, no Lobito, contra a selecção do Lobito. O regresso da caravana azul-branca está prevista para o dia 12 do próximo mês.

O treinador principal do F. C. Porto, Schwartz, considera existirem vantagens de ordem técnica na deslocação do F. C. Porto. Disse ele: «O meu objectivo imediato ainda antes do fim da época no F. C. Porto, é de observação do «material humano» de que disporei para a próxima temporada. Portanto, estes jopos em Angola proporcionam-me novos ensejos para uma observação mais generalizada, até porque terei oportunidade de experimentar todos os jogadores que se deslocam, os considerados principais e os reservistas.

«Na parte técnica — afinal a que me diz respeito — entendo ser muito proveitosa esta deslocação.» — concluiu.

ANDRADE CONTINUA TREINADOR DA ACADÉMICA

Está decidido: o cargo de treinador das equipas de futebol da Associação Académica de Coimbra continuará a ser ocupado por Francisco Andrade, que vinha já desempenhando (a título que se considerava provisório) essas funções.

UMA PALESTRA DO DR. SILVA ROCHA

É esta noite, às 21 e 30, na secretaria do Belenenses, que o dr. Silva Rocha pronuncia a sua anunciada palestra, integrada nas comemorações do 50.º aniversário daquele prestigioso clube.

A apresentação do orador será feita pelo jornalista Vítor Santos, chefe de redacção de «A Bola».

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

PANORÂMICA DO FUTEBOL ESPANHOL

TREINADORES ESTRANGEIROS SÓ NAS EQUIPAS DA I DIVISÃO

Convocados pela Federação Espanhola de Futebol reuniram-se há dias naquele organismo de todos os clubes da I Divisão, para uma troca de impressões sobre os assuntos que serão submetidos ao congresso nacional do próximo dia 11 de Julho.

Nesta reunião de trabalho não houve nem votações nem acordos, mas apenas foram feitas sugestões sobre os temas acerca dos quais o Congresso terá de se pronunciar.

No que respeita á possibilidade dos clubes serem autorizados a contratar jogadores estrangeiros a situação não se modificou.

Verificou-se acordo quanto á nova estruturação da III Divisão que passará a ser disputada por quatro grupos de vinte clubes cada — isto é ficará reduzida a metade o numero de concorrentes que actualmente disputam esse campeonato. Há, no entanto, uma sugestão do presidente do Desportivo da Corunha para que seja estudada a possibilidade de formar uma Liga da I Divisão com 18 clubes, um grupo da II Divisão também com 18 clubes e quatro grupos da III Divisão igualmente com 18 clubes.

Os delegados dos clubes concordaram também em que deveriam ser dadas todas as facilidades para que os clubes das três divisões participem na «Taça Generalíssimo» até ao apuramento de 16 clubes para se enfrentarem aos 16 da Divisão de Honra.

No tocante á contratação de jogadores ficou, por unanimidade, acordado que aos jogadores da III Divisão seja dada liberdade logo que termine a primeira prorrogação do contrato. Por outro lado ficou estabelecido que os jogadores das I e II Divisões com mais de 25 anos não poderão ingressar em equipas da III Divisão. Quanto a substituições de jogadores vão ser autorizadas duas, de acordo com o sistema já em vigor no nosso País.

Relativamente á admissão de treinadores estrangeiros o critério que vai ser seguido é o de autorizar apenas os clubes da I Divisão com a exigência de que esses técnicos tenham treinado mais de três anos uma equipa da I Divisão no seu país ou fora dele e ainda falar perfeitamente o idioma espanhol.

A Federação Espanhola projecta fazer uma confrontação das equipas da I Divisão com as de igual categoria de Itália. Os jogos disputar-se-iam a meio da semana, agrupando-se os clubes pela sua classificação no Campeonato — o 1.º de Espanha com o 1.º de Itália, o 2.º com o 2.º, etc.

ATENDENDO AO ÊXITO OBTIDO VOLTAMOS A REPETIR A NOSSA INICIATIVA

50 ANOS AUSTIN

J.J.GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L.

apresenta a sua campanha de férias

GRANDE EXPOSIÇÃO ESPECIAL DE AUTOMÓVEIS AUSTIN USADOS PROVENIENTES DE SERVIÇO E OUTROS DE RETOMAS AOS MELHORES PREÇOS E FACILIDADES ADICIONAIS DE PAGAMENTO.

ABERTA AO PÚBLICO DE 23 A 28 DE JUNHO DAS 9 ÀS 13 E DAS 14.30 ÀS 23 HORAS, NO SALÃO DA AVENIDA DA REPÚBLICA, Nº 36 A-F – LISBOA

69-CAU-66

ESCOLA PROFISSIONAL DE BARBEIROS, CABELEIREIROS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

Tendo em vista o grande numero de indivíduos que se propõem a exame profissional da especialidade de cabeleireiros de senhoras, depois de completados cursos em escolas particulares e em face do seu precário aproveitamento, dadas as péssimas condições de preparação em que se apresentam, esta Escola Profissional comunica a todos os interessados que não existe qualquer escola particular, reconhecida como tal, no exercício do ensino da profissão, não tendo pois, também, qualquer validade, os Diplomas passados pelos proprietários dos salões onde se processe a aprendizagem profissional.

Esta Escola Profissional é a unica entidade, na zona sul do País, com competência para leccionar, examinar e conceder Diplomas ou Certificados de habilitação profissional de qualquer das modalidades patrocinadas pelos respectivos organismos oficiais, Grémio e Sindicato.

A DIRECÇÃO ESCOLAR

Cooperativa «O PROBLEMA DA HABITAÇÃO»

S. C. R. L.

SEDE — Praça da República, 210 — PORTO

SORTEIO PARA CONSTRUÇÃO

Para conhecimento dos Senhores Associados, informa-se que tem lugar na Sede desta Cooperativa, no dia 30 do corrente, pelas 15 horas, o sorteio para atribuição do direito a construção de casas, referente ao 2.º trimestre do ano em curso.

Porto, 25 de Junho de 1969.

A DIRECÇÃO

SERRA DA ESTRELA - POUSADA DE S. LOURENÇO

EXCURSÃO DA CP DOMINGO 29 DE JUNHO

LISBOA a MANGUALDE, GOUVEIA, MONDEGUINHO (NASCENTE DO MONDEGO), PENHAS DOURADAS, MANTEIGAS, VALE DO ZÊZERE, NAVE, TORRE (2.000 M), LAGOAS, SABUGUEIRO, S. ROMÃO, SEIA e volta

INCLUINDO A VIAGEM E O ALMOÇO NO COMBOIO AUTOMOTOR FIAT (1.ª CLASSE COM AR CONDICIONADO) E CIRCUITO TURISTICO RODOVIARIO

PREÇO DA EXCURSÃO COMPLETA . . . **295$00**

SÓ TRANSPORTE EM CAMINHO DE FERRO (IDA E VOLTA)

LISBOA a COIMBRA-B	110$00
LISBOA a LUSO	122$00
LISBOA a SANTA COMBA DÃO	136$00
LISBOA a NELAS	152$00
LISBOA a MANGUALDE	157$00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (SANTA APOLÓNIA), NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, RUA DO ARSENAL, 124, NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS E NOS DESPACHOS CENTRAIS DE LISBOA

Luso Eléctrica

INFORMAMOS QUE TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS ENCERRAM AOS SÁBADOS NOS MESES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO, SENDO NESTES MESES O HORÁRIO SEGUINTE:

De 2.ª a 5.ª Feira das 9 às 12,30 e das 14 às 19 H.
6.ª Feira das 9 às 12,30 e das 14 às 18,30 H.

Calç. Marquês de Abrantes, 11-13

SECÇÕES:
Aeronáutica
Compras
Correspondentes
Diesel
Estrangeiro
Estudos e Projectos
Naval
Petroquímica
Publicidade
Stand
Técnica
Vendas Gerais

Largo Vitorino Damásio, 5 - A

ARMAZÉNS GERAIS

Largo Vitorino Damásio, 2, 1.º-D.º

SECÇÕES:
Aduaneira
Contabilidade
Contencioso
Electrónica
Empresas Associadas
Pessoal
Pessoal
Tesouraria

Sociedade Luso Eléctrica Limitada
LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64

ANDARES EM CASCAIS

(COM ELEVADOR E VISTA PARA O MAR)

Vendem-se andares em local de grande valorização, c/ 4 assoalhadas, 2 casas de banho, roupeiros, aquecimento e ELEVADOR.

Preços desde: 450 contos

Vende o próprio: Joaquim Baraona

Estrada Marginal, Lote JME - 2.º C.
(Por cima do Supermercado)

Telefs: 282345 - 282388 CASCAIS

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE — TESTEMUNHA SUSPEITA — São Jorge — O FILHO DE DJANGO — Politeama

POLITEAMA

HOJE, AS 15.15 Tel. 326305

PARA CRIANÇAS (M. 6 anos)

EM DESPEDIDA

AVENTURA NO JAPÃO

HOJE, às 21.30 (M. 12 anos) ESTREIA SENSACIANAL DE BRUTAL ACÇÃO SINISTRA

O FILHO DE DJANGO

com Guy Madison

Cromoscope Eastmancolor

HOJE, às 18.30 (M. 17 anos)

SESSÃO CLÁSSICA

MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131

15.15 e 21.30

O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje

A RAPOSA

com Sandy Dennis e Keir Dullea

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 21.45

A história sentimental de

UMA CERTA RAPARIGA

com Mita Medici e Gianni Dei

Technicolor — Techniscope

CONDES

(17 anos) Tels 322523-326710

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Franco Nero e Tina Aumont

Amor desvairado, violência desesperada

O HOMEM, O ORGULHO E A VINGANÇA

VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808

2.ª SEMANA

Às 15.15, 18.30 e 21.45

Harry Guardino, Hope Lange e Bradford Dillman no excepcional filme

«LSD» — DROGA ALUCINANTE

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

15,15 e 21.30

Eles são malucos, galantes, atrevidos...

Elas são deliciosas e tentadoras...

OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

(ou como voei de Londres a Paris em 25 h. e 11 m.)

com Stuart Whitman - Sara Mile

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153

Às 21.30 — ESTREIA

TESTEMUNHA SUSPEITA

com Ray Milland e Sylvia Syms

Às 18.15 — A CAMINHO DO OREGON —

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

15.15 e 21,30

Humor negro, branco, cor-de-rosa num espectáculo faustoso e de sátira apimentada...

ADORÁVEIS CONSPIRADORES

Diana Rigg, Oliver Reed, Curt Jurgens, Telly Savalas e Philippe Noiret

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

A obra fundamental de Alain Resnais

MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

15.15, 18.30 e 21.45

Um policial de cortar a respiração

David McCallum e Stella Stevens em

ELES SÓ MATAM UMA VEZ

SÃO LUIZ

(M. 17 anos) *Tel. 327172*

Às 21 horas

Ciclo «Mestres do Cinema Americano»

FÚRIA DO DESEJO

O MASSACRE DE CHICAGO

ALVALADE

(M. 17 anos) *Tel. 763080*

Às 21 horas

Ciclo «Mestres do Cinema Americano»

O MASSACRE DE CHICAGO

FÚRIA DO DESEJO

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729

Às 21.30

A VIÚVA SOLTEIRA

com Syvia Koscina e Robert Hirsch

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 388743

Às 18.30 e 21.30

3.ª SEMANA

David Niven, Shirley McLaine e Cantinflas no espectacular filme baseado no famoso livro de Júlio Verne

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

uma fabulosa aventura vivida por 44 grandes artistas

Metro: Estação Picoas

ODEON

(12 anos) Tel. 326283

Às 15.15, 18.15 (p.r.) e 21.30

9.ª E ÚLTIMA SEMANA DO FABULOSO ÊXITO DE GARGALHADA

BONANÇA & C.ª

com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas.

ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095

Às 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA

A obra-prima de Vittorio de Sica

MILAGRE DE MILÃO

A maravilhosa fábula dos pobres

TIVOLI

Tel. 50595 (M/ 12 anos)

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

Uma comédia engraçadíssima escrita, realizada e interpretada por PIERRE ETAIX

O GRANDE AMOR

com Annie Fratellini e Nicole Calfan

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 21.45

Uma comédia cheia de malícia!

MULHERES PERIGOSAS

com Sylva Koscina, Dorian Grey, Renato Salvatori e Nino Taranto

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

Às 21 horas

O NÚMERO DO AMOR

O ÚLTIMO DESAFIO

CHIADO TERRASSE

(17 anos) Tel. 320917

Às 21 horas

AS DIABÓLICAS

AS AVENTURAS DE «O SANTO»

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30

Um extraordinário filme de acção e «suspense»

O CÉREBRO DO MAL

com George Hamilton e Suzanne Pleshette

LIDO

M. 17 anos Às 21,30

O ídolo dos ídolos!

O Rei do «Colt»!

O maior de todos!

MONTGOMERY WOOD no espectacular filme

GIGANTES EM DUELO

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

ESTA NOITE É MINHA

OPERAÇÃO ISTAMBUL

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 45 e 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Amélia ol Ballo» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23 «Mãos à obra» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Black-out» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 22: «O 2.º Tiro» (17 anos)

CINEMAS

OLÍMPIA — Às 9: «Sete pistolas magníficas» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Laços eternos» (17 anos)
PARIS — Às 21: «A rapariga da mala» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Uma mulher no cimento» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O elogio da preguiça» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Fantasmas em férias» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Um estranho na minha vida» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «O libertador da cidade» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Lord Jim» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «Os 4 filhos de Katie Elder» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Cartas na mesa» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Duelo sem tréguas» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A Baía das Tormentas» e «Doutor vamos a isto» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «No calor da noite» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «A viúva solteira» (12 anos), CINE ESPLANADA — Às 21 e 30. «4 dólares de vingança» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Balada para um pistoleiro» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 5. «A estrada da vida» (17 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Às 21 e 15: «O Terror» e «O Gaucho» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — União Artística — Às 21 e 30: «Operação tubarão branco» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A maior bolada do mundo» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Resgate humano» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Com jeito vai gritando» e «O caso Ipocress» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A analista do Presidente» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «O Preço de 5 jogadores» (12 anos)

«ANTÍGONA» (DE ANTÓNIO PEDRO) PELO GRUPO CÉNICO DA C. N. N.

O Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação leva à cena, amanhã, às 21 e 45, nas suas novas instalações, na Travessa de S. João da Praça, 21, a peça «Antígona», de António Pedro.

A encenação, os cenários, os figurinos, a selecção musical e as luzes são do actor Rui de Matos, estando a interpretação confiada a Caldeira Nunes, Raul Cardona, José Ribeiro, Vítor Martins, Silva Heitor, Alves Coelho, Zita Esteves, Maria do Céu, Rui Pinheiro, Norberto Moreira, Helena Heitor, Ema Pignatelli e César Augusto.

AS FESTAS DO MONTIJO COMEÇAM AMANHÃ

MONTIJO, 26. — Abrem, amanhã, às 12 horas, com uma salva de 21 tiros, as tradicionais festas de São Pedro que aqui costumam atrair milhares de forasteiros. O arraial será inaugurado, às 19 horas, pelo governador civil do distrito, havendo, às 21 e 30, um concerto pela Banda Democrática 2 de Janeiro, desta vila, e, às 22 horas, um cortejo alusivo à época dos marialvas, após o que se realizará uma largada de touros.

As festas prosseguem durante os dias seguintes, com aliciante programa, encerrando-se na terça-feira

HOWARD HAWKS NO CINEMA LYS

A encerrar o ciclo dedicado ao cineasta americano Howard Hawks, realiza amanhã o ABC Cine-Clube de Lisboa mais uma sessão no Cinema Lys, pelas 18 e 40, com o filme «Céu aberto».

Antes da sessão aceitam-se inscrições para novos associados.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A

ALCANTARA — Balrrão, R. Prior do Crato, 25 (66 321)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (7 780) ✽ São João de Deus, R. Pedro Ivo, -A e -B (725 40)
AMOREIRAS — Britânica, Trav. Légua da Póvoa, 5 (689250)
ANJOS — Renascença, R. Damasceno Monteiro, 04-A-B (83 504)
AREEIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) ✽ Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ✽ Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860)
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 09 (40632)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. República, 74-A (771379) ✽ Vale, Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) ✽ Dalva, Av. Duque d'Ávila, 25 (45225) ✽ S. Sebastião, Largo S. Sebastião, -9 (48642)
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (31 2 6).
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Áurea, 54 (3248 6) ✽ Oliveira, R. Prata, 240 (321415)
BELÉM — Moura, T. da Memória, 55 (630944)
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) ✽ Alegria, Est. Benfica, 180-A-B (780511)
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (327284).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. Infantaria 6, 98-B (688807) ✽ União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, R. B, 15, A-B (Bairro da Liberdade — (683694) ✽ Pinto, R. Campolide, (682610).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (66691) ✽ Paiva da Costa, R. Lapa, 05 (664414)
GRAÇA — Ziller, R. de S. Tomé, 54 (862835) ✽ Central, R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) ✽ Douro, Al. Linhas Torres 93-A-B (791 31).
OLIVAIS — R. Alves Gouveia, 9 (3 237).
PALHAVÃ — Canto, Est. Laranjeiras 202-B (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascim Costa, 16-A (720703).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa 3 (77 873).
DE STª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11 (38 36) ✽ Banha, Est. Chelas, 73 (33224 ✽ Frazão, Rua Cruz de St.ª Apolónia, 90 (8470 9)
SANTA MARTA — Fernandes, R. S. José, 87 (326476)
SANTO AMARO — Blattar, R. D. João de Castro, 27 (638824) ✽ Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 99-A (6605 3)
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide 22 (Tel. 25 85 8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 81 (212048).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 9 (2430058)
PAREDE — Macau, R. Elias Garcia, 62-B (2471785).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260 91)
CASCAIS — Marginal, Av.ª Marginal (280078) ✽ A. Costa, R. Freitas Reis, 24 (2802 4).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio 3-A (935518) ✽ Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28 (933303) ✽ Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (933613) ✽ S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (971023).
QUELUZ — Gil — Av.ª Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Químia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
COLARES — Colares — Abreio (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª da Bela Rosa 8 (224250)
ALMADA — Cristo Rei — Av. Cristo Rei 3-A (Tel. 273498).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional, 221-B (224 4)
BARREIRO — Soares — Av. da República, (Tel. 2273023)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 270121).
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Leão, Av.ª Salazar (22947)
SETÚBAL — Costa — Largo da Misericórdia (Tel. 22760). Brasil — P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho 38 (22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ✽ Companhias Reunidas, 537011 ✽ Gazcidla 538821 ✽ Gazcidla (dom. e feriados) 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✽ Voluntários 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✽ Segurança Pública, 366141 ✽ Judiciária, 535380 ✽ Marítima, 326456 ✽ Internacional, 362721 ✽ Viação e Trânsito, 42205 ✽ G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✽ Enfermagem permanente, 766161 ✽ Enfermagem de urgência, 43738 ✽ Hospital de Santa Maria, 775171 ✽ Hospital de S. José, 860131 ✽ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✽ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✽ Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✽ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✽ Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ✽ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✽ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✽ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✽ Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(M. 15 anos)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA - SETÚBAL

Telef. 22 82 44

LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B

Telef. 5 73 78

(frente à Embaixada Americana)

ESPECIALIDADE DIÁRIA

CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

RESTAURANTE antónio

COZINHA TÍPICAMENTE PORTUGUESA

AR CONDICIONADO

R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144

Telef. 790211

Aos Sábados e Domingos

JANTARES DANÇANTES

com o conjunto privativo

AMBIENTE FAMILIAR

AR CONDICIONADO

Parque privativo para automóveis

(M/ 15 anos)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

«Não me falta vontade para obter uma boa classificação no Tour»

— declarou-nos JOAQUIM AGOSTINHO ao partir para França

Ribeiro da Silva

Doze anos depois do grande e malogrado Ribeiro da Silva haverá de novo um corredor português na maior prova de ciclismo do Mundo — a Volta á França. Joaquim Agostinho é, assim, o terceiro português a estar presente no «Tour» — pois em 1956 esteve lá Alves Barbosa, conquistando um magnífico 10.º lugar.

— *Sei que só uma grande força de vontade me permitirá obter uma boa classificação. Mas vontade não me falta e sinto-me acarinhado pelo público, pela Imprensa e pelo meu clube* — afirmou-nos Agostinho, alegre, mas nervoso, poucos minutos antes de partir, por via aérea, para Paris, num avião em que também seguiu a sua companheira bicicleta.

— *A equipa por que vou correr, da Frimatic, é francamente boa, pois fazem parte dela um núcleo de reais valores: espero, por isso, que se situe em boa posição. Por mim farei todos os possíveis nesse sentido* — continuou o ciclista sportinguista, cuja ascensão tem sido vertiginosa.

— Quais são os seus favoritos?

— *Bem, eu não conheço todos aqueles que poderão ganhar. Mas, em minha opinião, Merckx (no caso de alinhar), Poulidor e Gimondi são os que têm mais possibilidades. São três grandes corredores, muito completos e que passam o ano inteiro a preparar-se para a prova.*

E antes de se despedir, Joaquim Agostinho ainda acrescentou:

— *Fiquei muito satisfeito e alegre por ter sido escolhido para a Volta á França, sentindo-me recompensado de todos os meus esforços. Sei que as dificuldades da prova, durríssima, não me permitirão obter uma classificação semelhante á que tenha vindo a conseguir nas outras, mas vou, de qualquer forma, tentar fazer tudo para manter, e se possível melhorar, a posição em que a crítica me colocou.*

E Agostinho, 26 anos de idade e um só de ciclista profissional, partiu acompanhado pelo director do Sporting, dr. Pereira da Silva. Em França, porém, não chegará como um desconhecido: o seu nome vem-se progressivamente impondo a equipa em que correrá, recheada de valores internacionais, coloca-o á cabeça do seu *cartaz*, e até o «L'Equipe», o maior jornal desportivo do Mundo, já lhe dedicou um artigo...

Alves Barbosa foi o primeiro ciclista português a participar na Volta a França

Dia da Escola Prática do Serviço Material

Decorre, amanhã, o Dia da Escola Prática do Serviço de Material, em Sacavém. As cerimónias, que começam ás 10 horas, serão presididas pelo general Moura dos Santos, governador militar de Lisboa. Haverá diversas demonstrações de carácter militar.

O DESASTRE DO ZAMBEZE

(Continuação da 1.ª página)

tragédia de um naufrágio, pois andou vários dias á deriva e a sua morte chegou a ser dada como certa quando, há anos, se perdeu o lugre em que participava numa campanha bacalhoeira.

Ontem, na sé catedral, foi celebrada missa, pelo bispo da Beira, por intenção dos sinistrados.

O governador da Zambézia dirige as operações

BEIRA, 26 — (A. N. I.) — Interrompidas durante a noite, recomeçaram ao nascer do dia as operações de recuperação das viaturas afundadas no Zambeze e as pesquisas ao longo das margens do rio em procura dos corpos das vítimas da catástrofe.

Aviões, helicópteros e barcos a motor estão a ser utilizados nas buscas, o governador do distrito da Zambézia, major Beça Múrias, dirige superiormente as operações, mantendo-se próximo da zona do desastre.

Até á noite de ontem tinham sido recuperados mais 43 corpos e sete viaturas.

Luta dramática

Os cadáveres das vítimas mostram sinais evidentes de dramática luta contra a morte. Os corpos que vão sendo recolhidos apresentam-se, na sua maior parte, semi-nus ou sem botas e sem as peças de roupa mais pesadas, que os náufragos devem ter tirado no momento do desastre, para melhor poderem nadar.

A catástrofe motivou um doloroso recrutamento: todos os carpinteiros de Mopeia foram mobilizados para a tarefa de construir os caixões necessários ao enterramento das vítimas da tragédia.

Entretanto, a Sena Sugar Estates enviou para o local cobertores, destinados a cobrir os corpos que vão sendo recuperados das águas.

Missa de sufrágio na Beira

Encheu-se a Sé Catedral da Beira, durante a missa celebrada ontem, ao fim da tarde, pelo bispo da diocese, D. Manuel Ferreira Cabral, em sufrágio das almas das vítimas da catástrofe.

Nas primeiras filas, viam-se, além do governador do distrito de Manica e Sofala, tenente coronel Sousa Teles, o presidente da Camara Municipal da Beira, eng.º Simões Cordeiro, o comandante territorial da Zona Centro, coronel Delfim dos Santos e muitas outras entidades civis e militares.

Mergulhadores procuram os corpos das vítimas a 25 metros de profundidade

QUELIMANE, 26 (L.) — Proseguem activamente as buscas tendentes a encontrar mais corpos de vítimas da tragédia no Rio Zambeze, no qual os mergulhadores descem a profundidades que vão até cerca de 25 metros.

Como se sabe, foram já recuperados 43 corpos, pensando as autoridades que as restantes vítimas no naufrágio permanecem nas cabinas dos veículos afundados, ou sob as próprias viaturas, no fundo do rio.

Um batelão, vindo do Luabo, permanece no local onde foram encontrados nove cadáveres e recuperada uma viatura. Os helicópteros da missão de povoamento do Zambeze continuam a participar activamente nos trabalhos de busca e de socorro, bem como o barco «Mezingo» da «Sena Sugar», uma lancha motorizada e o barco «Vião», dos irmãos Maias, de Milange. Participam, igualmente, nas operações uma equipa médica, lanchas e barcos do Clube Náutico, vindos do Luabo.

Levanta suspeitas a morte de uma senhora cujo marido se conluiara com a cunhada

VISEU, 26 — Não resistiu aos graves padecimentos que obrigaram o médico que aqui a tratava no hospital a mandá-la para Coimbra, a sr.ª D. Maria Madalena de Lima Lino Rodrigues, casada com o agente comercial de uma casa de artigos eléctricos viseense, sr. Horácio Guilherme Borges. O mais grave é que a doença da infeliz senhora prestou-se a suspeitas, que o resultado da autópsia confirmará ou não. O assunto está entregue ás autoridades competentes. Havia no lar da referida senhora uma situação que a deprimia e, ao que se suspeita, uma irmã dela, mais nova, conluiada com o cunhado, o sr. Horácio Borges, faziam da vida da bondosa senhora um inferno, a ponto de constar que já o marido tinha, há meses, abandonado o lar mais ou menos de acordo com a cunhada.

A doença da sr.ª D. Maria Madalena, logo se antemostrou ser de origem tóxica a pontos de um dos rins ter paralisado. E assim ficava a esperança de em Coimbra lhe aplicarem o «rim artificial», com uma possibilidade, já longínqua, de a salvarem. Mas a fatalidade foi contra a pobre senhora.

O MINISTRO DO TRABALHO DA COLÔMBIA EM LISBOA

O ministro do Trabalho da Colômbia, sr. dr. Jone Agudelo Rios, que desde ontem se encontra entre nós, em visita particular, a convite do titular da pasta das Corporações, esteve esta manhã, na sede dos Serviços de Formação Profissional Acelerada, em Xabregas, cujas instalações percorreu demoradamente.

Cerca das 13 horas, o ministro Gonçalves de Proença ofereceu, no restaurante privativo do Ministério, um almoço em honra do dr. Jone Agudelo Rios, no qual também participou o dr. Luís Nogueira de Brito, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência.

Natália Correia e António Gedeão gravam seus versos

Bem diferentes são Natália Correia e António Gedeão. Temas e inspiração os distanciam, embora ambos tenham a altura dos eleitos. Chegam-nos agora seus textos trazidos por suas vozes, em gravação da Casa Valentim de Carvalho.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 6°; Faro, 25°; Funchal, 20°; Lisboa, 21°; Penhas Douradas, 14°; Portalegre, 2°; Porto, 8°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 23,4°; no água do mar, 16,2°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente, com céu limpo ou pouco nublado; vento fraco, tornando-se moderado de Nor-Nordeste, durante a tarde e primeira parte da noite, na faixa costeira ocidental, onde existem condições favoráveis à ocorrência de formação de neblina ou nevoeiro matinais, a norte do Cabo Carvoeiro.

Amanhã
Nascer às 6 e 14
Ocaso às 21 e 6

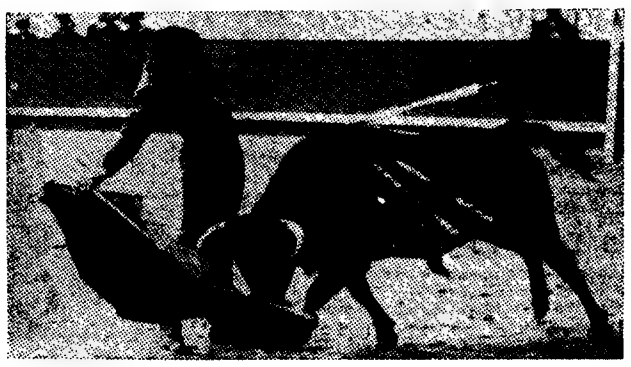
Dia 29 Dia 6 Dia 14 Dia 22

MARES:

PREIA-MAR: **Dia 26** — 0 e 40 (3,5 m); 13 e 21 (3,6 m) **Dia 27** — 1 e 48 (3,6 m); 14 e 23 (3,8 m). **Dia 28** — 2 e 46 (3,7 m); 15 e 11 (3,9 m). BAIXA-MAR: **Dia 26** — 6 e 47 (1,2 m); 19 e 16 (1,3 m). **Dia 27** — 7 e 54 (1,1 m); 20 e 18 (1,1 m). **Dia 28** — 8 e 35 (1,0 m); 21 e 03 (0,9 m).

M/6 ANOS

É VALENTE E TOUREIA ASSIM!



NASCEU UM TOUREIRO!

HOJE, ÀS 22 HORAS

CAMPO PEQUENO

NOVA OPORTUNIDADE AOS NOVOS

CAVALEIROS
EMÍDIO PINTO e MANUEL SANTANA

ESPADAS
MANUEL ANTÓNIO — ROQUE SILVA
GILBERTO BELCHIOR
MANUEL VALENTE «ESPONTÂNEO»

FORCADOS JUVENIS DE ALCOCHETE

6 NOVILHOS — TOIROS DE PORTO ALTO

TELEFS.: 771819 / 761539 / 321712 e 30769

Viaje mais barato com o plano familiar

AGORA TAMBÉM NAS VIAGENS EM AUTOPULLMAN

DESCONTOS ATÉ 30%

Programas e informações:

WAGONS-LITS COOK

LISBOA — Avenida da Liberdade, 103 — Telefones 36 15 21 - 36 15 41

HOTEL RITZ — Rua Rodrigo da Fonseca, 86 — Telef. 68 06 32

PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

CITROEN - 1967
ID - 19
IMPECÁVEL
COM EXTRAS
VENDE PARTICULAR
MOTIVO À VISTA
Telef. 846062/3/4 — das 10 ás 13 horas e das 15 ás 18 horas.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 568/26 DE JUNHO DE 1969

«LER E DEPOIS»

entrevista com

OSCAR LOPES

(páginas centrais)

e crítica de E. P. Coelho

(última página)

COMENTÁRIO

por José Fernandes Fafe

«A *ANTÍGONA* de Sófocles conta-se entre os maiores poemas do Ocidente. Pôs-se todavia a questão de saber se este poema podia ainda ser compreendido por um público cuja vida e cujas concepções são completamente diferentes. *Para os Antigos o homem está mais ou menos cegamente entregue ao destino e não tem sobre este nenhum poder. O adaptador Bertold Brecht partiu de uma outra concepção: «o destino do homem é o homem».* (Primeiras linhas das *Notas sobre a adaptação da Antígona* de Bertold Brecht. O sublinhado nosso destaca o que será o tema deste comentário.)

Brecht repete o que se costuma dizer da ideia de destino na civilização greco-romana. Porém, a ideia de destino em algumas obras dessa civilização não coincide perfeitamente com a ideia geral em curso. Por exemplo no *Rei Édipo* de Sófocles, talvez a grande meditação sobre o destino que a Antiguidade nos legou: «Foi Apolo, foi Apolo, meus amigos, quem me infligiu estas desgraças, mas *ninguém me feriu a não ser eu*» (pág. 69, ed. Inquérito, sublinhado nosso). O herói proclama que a causa do seu acto foi ele próprio, e não o destino. Portanto — no pensamento de Édipo — o homem, embora «entregue ao destino»... pode fugir-lhe.

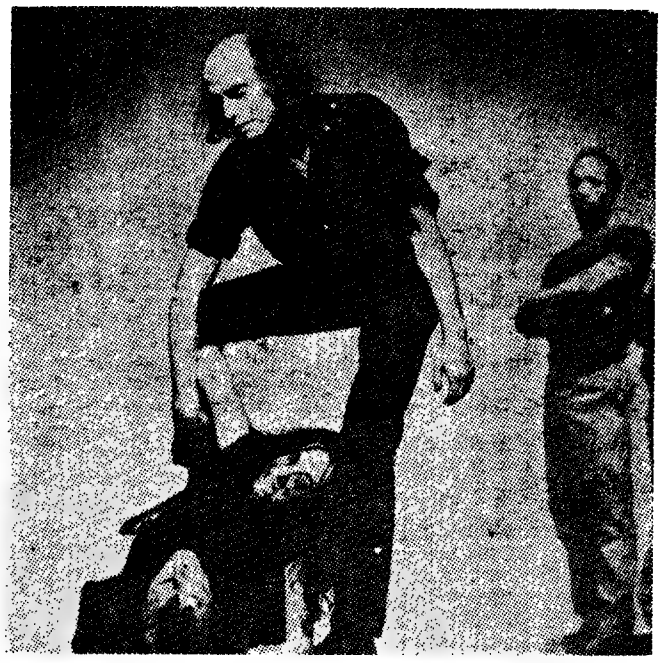
Repare-se que Brecht escreveu: «mais ou menos cegamente». Esta quantificação do modo significa admitir nos greco-romanos uma certa inteligibilidade do destino. Que eles tiveram sem dúvida, na base de uma intuição da causalidade necessária, que elaboraram sob a forma de mito. Esse aliás o termo que engendra o correlativo e contrário acto de Édipo, salto para fora do raio de acção do destino, e instituição á face deste do contra-poder da liberdade.

Mas o adaptador Bertold Brecht partiu de uma outra concepção: «o destino do homem é o homem». De que outra concepção se trata? À primeira leitura, o reverbero afectivo dos vocábulos «destino» e «homem» oferece-nos a frase... como uma frase. Não é possível. Brecht foi o contrário de um fazedor de frases, um desfazedor delas, um analista das frases feitas e das ideias recebidas de qualquer proveniência. Impõe-se-nos portanto uma nova leitura com o objectivo de uma melhor compreensão.

«O destino do homem é o homem». O primeiro termo «homem» e o segundo termo «homem» designarão o mesmo conceito?

Num outro texto, *Notas sobre A Mãe*, Brecht escreveu: «O que precisamos reter do homem é que ele é o destino do homem (do espectador)».

Do homem, logo, do espectador. Mas, que espectador? O espectador em geral? Indivíduos reduzidos á qualidade comum de assistentes a representações teatrais? Não nos parece que o contexto das ideias de Brecht permita esta interpretação.



Brecht, adaptador da Antígona, e o Living Theatre, «adaptador» de Brecht; mas tanto para o dramaturgo e teórico alemão como para Julian Beck, o destino do homem é o homem

O autor de *Galileo Galilei* queria que as suas peças terminassem depois do fim: na consciência dos espectadores, fora já do teatro, na fábrica, na escola, no escritório... O que implica, na consciência de *cada um* dos espectadores, digamos, um *eco* da representação. E sendo assim, o espectador na teoria de Brecht não pode deixar de ser pensado como indivíduo.

Não «indivíduo concreto» — este, aquele, aqueloutro indivíduo... Brecht não sabia antecipadamente que indivíduos concretos veriam as peças, as suas ou as dos outros. Mas indivíduo concreto em geral, conceito de indivíduo humano como ser e consciência única, produto da singularidade biológica e das experiências pessoais.

Eis porque propomos como significado do primeiro termo «homem», na expressão das *Notas sobre a Antígona* «o destino do homem é o homem», o indivíduo em geral, os indivíduos em geral. Sobre concordar com o sistema teórico brechtiano não vemos outro significado mais plausível.

Passemos ao segundo termo «homem». Lembrando-nos das ideias do autor saberemos o destino que ele previa para os indivíduos: a transformação deles em homens humanos, acontecimento necessário por virtude de uma causalidade histórica que se transmite á acção consciente.

Brecht repetiu muitas vezes que o nosso século é «científico». Quer dizer: dispomos de um conhecimento científico, com as suas leis, tanto da Natureza como da

(Continua na 6.ª página)

Projecção do romance português

por Fernando Mendonça

FOI PUBLICADA a tradução húngara do romance de Carlos de Oliveira, UMA ABELHA NA CHUVA. Uma editora de Budapeste (Casa Kossuth) lançou no mercado uma tiragem de 60 000 exemplares daquele romance, e prepara-se para uma tiragem igual de CASA NA DUNA, também de Carlos de Oliveira.

Não é a primeira vez, é claro, que uma editora estrangeira traduz e edita a ficção portuguesa actual. Fernando Namora, por exemplo, tem visto alguns dos seus livros vertidos para vários idiomas, de ponta a ponta da Europa, desde o inglês ao russo, passando pelo espanhol, o catalão, o italiano, o francês, o sueco e o búlgaro. Não é, por conseguinte, novidade para a literatura portuguesa de hoje o ver-se transmudada em sons e palavras que não foram os do momento original da criação literária. Quando o romance português tem sido acusado, pela própria crítica interna, de não conseguir transpor a alfândega das ideias, circunscrevendo-se a probleminhas de bairro ou de província, vêm, afinal, os factos provar que a crítica nacional é apenas uma bela ocasião para os críticos desfiarem o sempre e cada vez mais inoportuno rosário de pomposos conhecimentos «filosóficos», reduzindo a zero a crítica do texto, e a poucas linhas o significado fundamental do mesmo. Felizmente que esse filão de dizer que não há romance em Portugal se vai exaurindo com muito fundamento.

Carlos de Oliveira: a literatura portuguesa abre-se ao leitor europeu

A publicação em húngaro de UMA ABELHA NA CHUVA propõe-nos uma pausa para meditação. Não só pelo romance em si mesmo (e dele se falará mais adiante), mas pelo que o acontecimento nos deixa como reflexão e, talvez, melhor, como convite a uma atitude de bom senso para o que está e para o que virá na ficção portuguesa dos nossos dias.

Poderá parecer um pouco estranho que tenha sido este romance de Carlos de Oliveira, que do ponto de vista histórico-literário é menos importante que CASA NA DUNA, ou mesmo que PEQUENOS BURGUESES, a ser editado em primeiro lugar, relegando para segundo o mais significativo do autor, em termos nacionais. Justamente essa preferência do editor será também um motivo de reflexão. Não lhe interessou lançar como obra de apresentação aquela que é um marco no neo-realismo português, mas sim a que, furtando-se a uma dimensão exclusivamente portuguesa, se alarga a um universalismo que encontra eco no leitor europeu. UMA ABELHA NA CHUVA é, sem dúvida, um excelente romance em qualquer parte do mundo, não só porque supera uma problemática nacional, mas porque as raízes da sua história se alimentam na germinação intersticial, cujos signos nos devolvem o milagre de estarmos vivos e a certeza de sabermos que o estamos através da obstinação dos enigmas. Romance nascido de um tempo neo-realista, transfere-se às situações-limite da relação humana. Isso foi suficiente para implantar uma nova perspectiva no neo-realismo português, tal como CASA NA DUNA o fizera, em outra direcção contudo.

É inegável que todos os ingredientes de que se alimentou o realismo social se acham presentes na obra. A sua manipulação, no entanto, revela-nos como é possível transpor a barreira do regionalismo (no melhor sentido) e fazer entender num país estranho a intensidade dos conflitos questionados no livro. Álvaro Silvestre e sua mulher, D. Maria dos Prazeres, não são sòmente os protagonistas portugueses do romance: podem ser transcritos em qualquer língua,

(Continua na 2.ª página)

Projecção internacional do romance português

(Continuação da 1.ª pág.)

que em qualquer língua são apenas (e não é pouco) um homem e uma mulher. Um homem diminuído pela frieza ardente de uma mulher. A piedade que nos merece Álvaro Silvestre não apaga a repugnância do seu crime. A admiração em que envolvemos casualmente Maria dos Prazeres não desvanece o adultério mental de que se alimenta a sua solidão. Mas é no parentesco das flores e do estrume que o romance se esquematiza rigorosamente de vida. Transpõe o círculo de giz do romance-testemunho e dá à intervenção neo-realista a sua dimensão psicológica, ou, com maior propriedade, existencial. Foram, aliás, os romances de Carlos de Oliveira principais fautores de uma mudança que a partir dos anos 50 viria a observar-se na área neo-realista. Fernando Namora e Vergílio Ferreira, iniciados num realismo social de tendências acentuadamente participantes, acabam por desaguar no estuário da incomunicação, menos o primeiro que o segundo, virado definitivamente para o tema da aparição. Fernando Namora, ainda que também absorvido pelas perplexidades da relação humana, nunca perdeu de vista o significado geral dos homens.

Deve, portanto, atribuir-se a preferência do editor húngaro por UMA ABELHA NA CHUVA como obra introdutória a um autor nascido num pequeno país, ao simples facto de esse romance transcender os compromissos do movimento e enriquecer-se das linhas da existência que começaram então a definir-se na palma da ficção que ampliava o caminho da grandeza e da modernidade na literatura portuguesa, inaugurado com os romances presencistas. Não devemos, porém, perder de vista a relação directa entre o que a Hungria é hoje e o significado da ficção neo-realista.

UMA ABELHA NA CHUVA é uma história só aparentemente simples. A sua linearidade é ilusória, provém da economia do processo narrativo no horizonte imediato dos eventos. Dentro disso tudo, entretanto, um terrível e surdo germinar de explosões íntimas, de ódios mal contidos assombram o leitor, transformado em observador escondido e ávido de surpreender na penumbra dos corredores, das salas e das alcovas os actos da indignidade de Silvestre e a impávida e imisericordiosa segurança de Maria dos Prazeres. A guerra surda, declarada entre marido e mulher, estala-nos nos sentidos sem necessidade de quaisquer labirintos vocabulares. A secura do estilo é, pois, exacta e simples como o ódio e o desejo, a súplica e o desprezo. Quatro palavras em que a história se instala.

O leitor que queira fazer um paralelo entre este romance de Carlos de Oliveira e o «São Bernardo», de Graciliano, não perderá o seu tempo. Seria, mesmo, um estudo que poderia revelar bastantes surpresas. Parecem projectar-se alguns reflexos de SÃO BERNARDO sobre UMA ABELHA NA CHUVA, tal como o ciclo de cana-de-açucar se pressente na falência geral em que se consubstancia a temática de CASA NA DUNA. Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Carlos de Oliveira necessitam de um estudo comparativo, realizado ao nível da crítica universitária (não a de Roland Barthes, cheia de prejuízos comprometedores), com o relevo especial para os estratos e as figurações actuantes da linguagem. Isto é: um estudo que transcenda o palavreado inútil da interpretação imediata, e se remeta sèriamente ao texto.

E a propósito de texto: resta saber até que ponto o húngaro Hargitai Gyorgy, que foi o tradutor do romance, o transferiu para o magiar sem malferir a impressiva simplicidade da linguagem, cuja função operatória é, talvez, a maior virtude do livro.

UMA ABELHA NA CHUVA foi escrito dez anos depois de CASA NA DUNA, exactamente quando novos caminhos se abriam ao neo-realismo, quando as zonas de luz e sombra do existencialismo invadiam as letras portuguesas. Se CASA NA DUNA se preocupava com estabelecer uma estrutura económica em evolução, denunciando (ainda e sempre) o poder dos mais fortes, ou, até, só dos mais espertos, sobre os mais fracos, UMA ABELHA NA CHUVA recuava (ou desmitificava) a intenção puramente social e reindividualizava os heróis. O herói-grupo dava novamente a vez ao herói-indivíduo. A linha do gráfico romanesco desenhada desde 1930 voltava um pouco ao seu ponto de origem, os homens-símbolos reentravam em si próprios, eram outra vez pessoas em conflito, regressavam do geral ao particular, onde então identificavam-se com a solidão. Eis o

caminho percorrido pelas personagens da ficção portuguesa durante quarenta anos. Carlos de Oliveira ajudou desde cedo a construir esse caminho, pois mesmo quando o neo-realismo se deixava empolgar pelo destino dos homens grupalmente considerados, ele destacava-os das massas sem perfil e cunhava-os a ouro e a infâmia. Sangue por dinheiro.

Se fizermos um retrospecto do que foram os anos 40 e 50, e distinguirmos alguns autores que, com muito talento e muita coragem, edificaram o neo-realismo português, verificaremos que todos eles estavam excessivamente, generosamente preocupados com os homens, com a denúncia da fome, da doença e da ignorância. Quer fossem os ranchos de gaibéus, ou os solitários malteses alentejanos, ou, ainda, os valadores do Ribatejo, todos se apresentavam sem rosto, com uma alma comum, com uma fome igual, com o último raio verde da esperança no horizonte sem fim da charneca incendiada. Mas Carlos de Oliveira foi logo mais além e deu uma alma e um rosto e um problema diferente a cada um dos protagonistas. É certo que estes continuavam como esteriótipos na história de uma economia em mudança, mas os seus gandarenses foram sempre assustadoramente individuais. O seu testemunho universalizava-se no que um homem tem de comum com todos os homens. Da penúria, do quinhão de sofrimento pessoal teríamos nós de criar as generalidades. A obra de Carlos de Oliveira é, por isso mesmo, uma das mais importantes, porque, diferente num momento histórico em que os romances e os contos se nutriam de heróis sem perfil, as suas histórias transcendiam o mero significado do homem social e preocupavam-se com o homem existencial. Este escritor, para o qual a nomenclatura de neo-realista parece insuficiente, precisava de ser mais divulgado no Brasil, onde a ficção portuguesa actual continua desconhecida.

No entanto, as editoras europeias lá vão descobrindo e divulgando uma literatura que durante longo tempo foi julgada estritamente para consumo interno. Aí viajam por essa Europa fora o Carlos de Oliveira, o Namora, o Cardoso Pires, o Redol, etc., todos bastante estimados em países onde o livro é principalmente um modo de confrontar a vida.

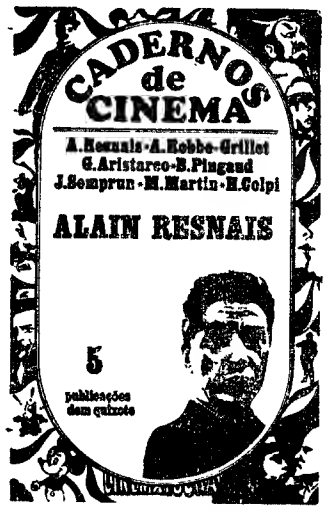
A projecção internacional das letras portuguesas dos últimos decénios é um facto. E isso prova talvez muito simplesmente que esse é o seu destino imediato — o destino de uma literatura que alcança, finalmente, não a sua universalidade, que já a tinha em si, mas o apaziguamento de quem se recria e elege nessa universidade.

FERNANDO MENDONÇA

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

Na hora de «Muriel»

ALAIN RESNAIS
Antologia de textos de *A. Resnais, A. Robbe-Grillet, G. Aristarco, B. Pingaud, J. Semprun, M. Martin, etc.*
Colecção «Cadernos de Cinema» n.º 5
Publicações Dom Quixote



TÊM SIDO sistemàticamente referenciados nestas colunas os *Cadernos de Cinema* de *Dom Quixote*. A razão é simples se recordarmos que se trata da *única* colecção sobre assuntos de cinema que, actualmente, entre nós se publica e que, para mais, é uma colecção perfeitamente idónea.

Tendo conseguido uma certa regularidade, surge agora o seu quinto volume, dedicado a Alain Resnais, com uma oportunidade que exclui coincidências e acasos: o livro foi programado e elaborado tendo em vista que, finalmente, duas distribuidoras portuguesas entendiam lançar no mercado novos filmes do excepcional cineasta — *Muriel* e *Amo-te, Amo-te (Je T'Aime, Je T'Aime)* —, o que não poderia deixar de constituir um acontecimento de primeira grandeza.

Com efeito, se Resnais gozava de grande fama entre nós, gozava-a ou em termos de um snobismo que não interessa ou em termos de um equívoco que lhe não era favorável: muitos o consideravam, a partir do exclusivo conhecimento do seu *Marienbad*, como um autor cem por cento hermético e nisso se comprazendo, desvinculado de qualquer problemática actual, encerrado num círculo de fascinantes (e decadentes) esteticismos. Ou então como um tradutor servil de Robbe-Grillet.

De algum modo, o presente volume leva á verificação da fragilidade e falsidade destes juízos. Neste sentido, o mais curioso e esclarecedor são as entrevistas incluídas, em que questionado por Marcel Martin, por Labarthe e Rivette, ou por um grupo de redactores da *Positif*, Resnais fala *á coeur ouvert*. Por outro lado, certo extenso artigo de Guido Aristarco sobre *Marienbad*, embora parecendo-nos muito discutível (o grande crítico italiano não foi feliz na sua aproximação), fornecerá um interessante contraponto ás opiniões expressas por personalidades com Bernard Pingaud ou Guy Gauthier.

Resta que o complemento indispensável da leitura do volume é a visão dos filmes (e vice-versa). E aí, nem tudo funciona sobre esferas. Se o A B C Cine-Clube se apressou em promover, há cerca de duas semanas, na S. N. B. A., um programa de curtas metragens du Resnais (*Gauguin, Toute la Mémoire du Monde, Le Mystére de l'Atelier 15*), se finalmente se estreou o extraordinário *Muriel* (como que a custo, três anos depois de apresentado no III Festival de Lisboa (!), com o mais modesto dos lançamentos), quase se perdeu as esperanças de ver esse marco fundamental da história do cinema que é *Hiroshima Mon Amour* (para não falar do «improjectável» *La Guerre est Finie*). Quanto a *Amo-te, Amo-te*, parece estar a repetir-se a lamentável situação que fez com que, noutros tempos e em circunstâncias diferentes *O Santo dos Pobrezinhos* (Rosselini), *Diário de um Pároco de Aldeia* (Bresson) ou *Le Mystére Picasso* (Clouzot) não tivessem entrado em circuito comercial: tal como eles importado e oficialmente aprovado, *Amo-te, Amo-te*, embora estreado no Porto, embora distribuído por uma firma americana, parece não encontrar exibidor na capital do país. Semelhante aberração, que nenhumas reais conveniências comerciais explicam, prescinde de quaisquer comentários sobre a «inteligência» dos nossos exibidores.

M. M. L.

«Muriel», de Alain Resnais (na gravura, Delphine Seyrig e Jean-Baptiste Thierrée numa cena do filme), constitui excepção de relevo no tristíssimo panorama da nossa actual temporada de exibição cinematográfica. Por isto mesmo (e pela importância de que o filme se reveste, desde a estrutura narrativa ao significado social e humano — como já foi salientado neste jornal por Eduardo Prado Coelho), a obra de Alain Resnais voltará a ser analisada, no próximo número deste Suplemento, por Manuel Machado da Luz, cabendo a José Vaz Pereira uma primeira referência a «Amo-te, Amo-te», outro filme de Resnais, actualmente em exibição num cinema do Porto, e que o público de Lisboa talvez tenha a sorte de poder apreciar. Contra o indiferentismo quase geral, impõe-se e justifica-se esta chamada de atenção para um dos cineastas mais decisivamente importantes do nosso tempo.

«Jornal de letras & artes

TAL A FÉNIX mitológica, o «Jornal de Letras e Artes» renasce das cinzas — e permanece. Eis, após novo intervalo, o n.º 268, saído há poucos dias. A redacção mudou (compõe-se agora de António Pedro Vasconcelos, Fernando Pernes, João Paes, Manuel Gusmão e Alberto Seixas Santos), mudou também — e muito para melhor — a concepção gráfica, assinada Manuel Simões. As gralhas continuam institucionalizadas (o que, nesta fase, já não provoca o riso, antes se lamenta), o director é o mesmíssimo Azevedo Martins e o Sumário, onde o cinema toma a parte de leão (antes assim que pior), inclui relevo todo para Alain Resnais (oportunissimo, na hora de *Muriel* e na conformista pasmaceira dos exibidores),

um artigo de João Paes sobre o bailado francês, notas de Eduardo Nery sobre a tapeçaria, notícias críticas das exposições de Lisboa (Fernando Pernes), um artigo de Eurico Gonçalves sobre o que foi a «Documenta IV» de Kassel, um poema de Luiza Neto Jorge («O amor e o ócio», presença única da literatura neste número) e a secção «Um mês de L & A», noticiário cinematográfico.

O «Jornal de Letras e Artes» inclui ainda, em «hors texte», mais um programa de acção, desta vez em papel cor-de-rosa. Oxalá se cumpra — que bem falta faz.

Galerias & Exposições

por Rocha de Sousa

Confirmação de um processo novo em Figueiredo Sobral

FIGUEIREDO SOBRAL
JOÃO FRAGOSO
Gal. Interforma

AS RAZÕES de associação entre dois ou mais artistas são múltiplas. Podem definir-se apenas no plano da amizade, justificadas num companheirismo longamente experimentado, assim como podem depender de factores de promoção e consumo, esses ponderados em certas realizações assumidas por vezes em conjunto. Em conjunto foi decidida a exposição de João Fragoso e Figueiredo Sobral, que «resultou apenas da casualidade de dois amigos gostarem reciprocamente dos desenhos das suas pastas». Não houve, como se vê, nenhuma razão especial para este encontro, e também não houve qualquer compromisso estético de base. Um simples gesto, uma simples troca de impressões — *e o volante começou a girar lentamente*.

É aqui que a falta de razões verdadeiras (melhor: de razões profundas) se torna efectivamente notada. Há confrontos que dificilmente se podem estabelecer e razões sem razão que nenhuma razão justifica: ainda que gostando reciprocamente dos desenhos das suas pastas, Sobral e Fragoso repelem-se, desdizem-se, contradizem-se, nada os harmoniza ou relaciona. Queremos com isto dizer que a exposição só poderia realizar-se de outra forma, com uma montagem que didàcticamente distinguisse os problemas e as personalidades.

Para além da sua fragilidade geral, os desenhos de João Fragoso testemunham uma complicada busca de relações perdidas e ao mesmo tempo uma necessidade de recuperação da escrita, como se o acto sucedesse a um qualquer traumatismo temporàriamente impeditivo dos automatismos ali implícitos. Fragoso afirma não defender nos seus desenhos qualquer posição temática, o que parece não coincidir com as designações de «Ode Marítima» e «Tauromaquia» destinadas às séries entretanto produzidas. Só uma dessas séries figura na exposição, mas o carácter do seu desenvolvimento dá-nos conta de *assuntos* e de *temas* que de facto a alimentam, embora de todo em todo alienem (mas isso é outra história) as significações mais legítimas da fonte inspiradora.

Num outro sentido, e com uma proposta mais interessante do que a dos seus anteriores objectos, Figueiredo Sobral procura condensar o desenho em formas fechadas, simuladoras da tridimensionalidade, por vezes levando o resultado das aparências à sua coisificação, estabelecendo planos físicos que decidem o escalonamento das percepções, enriquecendo-as. Em boa verdade, é sobretudo ao nível destas relações e no estudo imaginoso dos seus problemas (a ambiguidade das aparências, a ilusão dos planos, a dinâmica das sobreposições e o confronto das texturas) que reside a novidade do recente trabalho de Sobral. Não, com certeza, na literatura pretensiosa que o designa nos títulos das peças.

A pintura elegante e agradável de Manabu Mabe

MANABU MABE
Gal. Buchholz

É BOM que se leia a pequena nota biográfica de Manabu Mabe, inscrita no catálogo da sua exposição na Galeria Buchholz: «Manabu Mabe nasceu em Kumamoto, Japão, em 14 de Setembro de 1924. Emigrou para o Brasil em 1934, naturalizando-se brasileiro. É autodidacta, dedicando-se actualmente à pintura abstracta. A sua carreira tem sido rápida e brilhante, tendo sido considerado pela revista *Time — 1959, The year of Manabu Mabe*, pelo número de prémios que obteve nesse ano. Tem efectuado numerosas exposições em vários países, não só nas Américas como também na Europa e na Ásia».

Para além deste prodigio, apoiado por um texto tão comoventemente entusiástico e promovedor, Manabu Mabe apresenta-se com outras credenciais, nomeadamente as que se baseiam nos muitos prémios obtidos e nos textos concordantes de Mário Barata, Lisetta Levi, Martin L. Friedman. Toda esta encenação (incluindo beberete na abertura da exposição) em favor de um artista estrangeiro que nos é mostrado e cuja obra esperávamos que tivesse pelo menos o interesse de nos ajudar a compreender o que se faz lá fora. Nesta matéria, como noutras, o estrangeiro é a esperança das nossas esperanças e o centro das nossas crenças, nele nos predispomos a tudo aceitar, generosamente, provincianamente, fielmente. Mas somos quase sempre traídos pela mercadoria que nos é remetida — e o caso de Manabu Mabe (como o do português-estrangeiro Vasco Costa) não escapa à regra, não tem o mérito de se constituir excepção a essa regra. A mercadoria é má — e nem a académica doutrinação dos críticos, nem o pó atirado aos nossos olhos saloios, conseguem inventar-lhe a qualidade que não pode ter.

Mas os próprios textos do catálogo nos fornecem alguns dados de uma leitura inevitável que leva à descoberta da esteriotipia escandalosa em Manabu Mabe, ao truque fácil, ao efeito do virtuosismo acanhado e rotineiro. Mário Barata afirma, a certa altura do seu texto, que «Mabe depressa se transformou num virtuoso das soluções *elegantes* e *agradáveis*» (o sublinhado é nosso). Martin L. Friedman considera Mabe como «um artista *tremendamente profícuo*». (O sublinhado também é nosso).

É de facto no aparecimento destas palavras soltas — juízos integrados noutro contexto mas, em qualquer dos casos, sintomáticos — que estabelecemos o ponto de encontro com a nossa própria leitura das obras abstractas de Manabu Mabe, pintor tremendamente prolífero, virtuoso das soluções elegantes e agradáveis. Ao contrário do que pode imaginar-se, os restos da sua caligrafia nipónica, os sinais da escrita oriental ou a vivência do «tachisme» não se integram numa pesquisa dirigida, num programa que percorra as sucessivas mutações de certos itinerários. Mabe é, pelo contrário, o domador do gesto até ao limite do seu comportamento sofisticado, até à esteriotipia enfadonha das suas elegâncias ocasionais. Uma oficina fácil, cheia de lugares-comuns, permite-lhe desenvolver proliferamente muitas pinturas do mesmo sinal, vivendo das mesmas contraposições de forma-fundo, da mesma distribuição gráfica dos sinais, dos mesmos artifícios de feira, tudo na violência imitada, na espontâneidade fingida, tudo afinal bem comportado e discreto, incapaz de ferir o olho míope do comprador apressado.

A pintura abstracta de Manabu Mabe, pelo menos aquela que o representou em Portugal, não reflecte a expressão ou o drama de um mundo interior, embora o simule. Reflecte apenas o profissionalismo negativo e rotineiro, a extensão académica do artifício, o jogo gráfico de bom-tom. Reflecte sobretudo o conformismo na falsa transformação dos meios e dos fins. É bem interessante a frase já destacada do curriculum: Manabu Mabe dedica-se actualmente à pintura abstracta. Há outras pessoas que se *dedicam* a outras actividades. E são as palavras, afinal, que revelam muitas vezes o sentido último das coisas.

ROSA RAMOS
Gal. Quadrante

NUM TEXTO DE AMIZADE e conhecimento íntimo, José Pacheco Pereira dirige-nos algumas palavras medidas pela emoção a propósito de Rosa Ramos. Ficamos assim a saber (pela diagonal poética que percorre dinâmicamente um maior espaço da realidade) quais as inserções decisivas da obra em referência. Não é por acaso que se fala do deserto, da brancura, do desejo, de uma angústia irreparável. Porque é preciso encontrar correspondências, na palavra ou na aridez de um momento, para significar na vida a dimensão singela, ou austera, ou despojada, de objectos tão sucintos e por isso tão difíceis.

Pacheco Pereira fala-nos de uma mulher que sabe incompleta, alheia à riqueza, «mulher de um trabalho dedicado, árido, só». É de novo uma aproximação que, no seu retrato indirecto, reflecte uma espécie de luz mortiça sobre a obra apresentada na Galeria Quadrante, feita de pequenos objectos brancos, fendidos, vincados, riscados no rigor, mas apenas testemunhos obsessivamente nus de qualquer geometria obscura da alma.

Rosa Ramos

«Sei que não se escreve o que é importante, o que nos falta». E, curiosamente, o que falta ao espectador de Lisboa, em relação a Rosa Ramos, é ainda o que parece menor e desnecessário, é ainda o roteiro das suas fases ou a referência cronológica de uma acção que se tem feito publicar.

Rosa Ramos, na fase actual da sua produção, medita as formas e os ritmos (sobretudo os ritmos na sua geometria sobre o plano) em termos de silêncio, isto é: submete-se deliberadamente à menor estridência dos meios, dá-se à severidade do quadrado, da linha, da superfície branca. Do ponto de vista da acção, a disciplina é absoluta. Nenhuma concessão ao grito, nem ao espectáculo, nem à demagogia do gesto fácil. Nenhum gesto apenas agressivo na palpitação epidérmica do seu movimento. Vigilância interior, sim. Da mais absolutamente realizada no exercício despojado, na disciplina das mãos, no sucinto funcionamento dos materiais. O papel esticado é por vezes vincado no traço branco, decidido numa linha em relevo brevíssimo que se contrapõe ao registo da tinta-da-china ou do lápis. A partir desse critério, o plano é dinamizado através de tensões elementares, no corte seco, no apontamento sumário, na alteração breve das linhas estáticas. A serenidade do objecto em si mesmo subsiste no espaço: só uma tensão interna o dilacera na geometria da sua estrutura, em esquema cuja aparente simplicidade nos fala de uma poesia nova, feita de uma *voz branca* que se projecta no futuro da nossa ansiedade de hoje.

NOVIDADES LITERÁRIAS

INTERNATO
romance de **João Gaspar Simões**

Um romancista que é necessário reler — ou ler: Internato é das obras mais autênticas, pungentes e fecundamente vivas da literatura portuguesa actual.
Colecção CONTEMPORÂNEA — 2.ª ed. revista — 374 pp. 60$00.

TEATRO
de **John Osborne**

(Lutero e Duas Peças Inglesas: «Estritamente Confidencial» e «O Sangue dos Bamberg»). Do extenso Prefácio (que é um valioso estudo) de José Palla e Carmo a este volume de um dos maiores dramaturgos do nosso século: «As três obras reflectem temas e preocupações dominantes (para não dizer obcecantes) de Osborne, inserindo-se na linha básica da sua atitude e do seu tom de voz tão inconfundivelmente pessoais perante os problemas individuais e colectivos d a seu tempo».
Colecção TEATRO — 260-32 pp., 55$00.

OS DEUSES MORREM DE MANHÃ
de **Gilbert Prouteau**

A vida, a paixão e a morte de Kleist, Chénier, Shelley, Puskine, Nerval, Edgar Poe, Garcia Lorca, Saint-Pol Roux, Saint-Exupéry e Desnos.
«Estes dez, porquê? — diz o autor — Porque me pareceram os mais representativos exemplos da lei de Baudelaire. Porque ilustram, a traço nítido e patético, a vingança dos génios das trevas».
Colecção DOCUMENTOS HUMANOS — 296 pp., 60$00

O SER E A CONSCIÊNCIA
de **S. L. Rubinstein**

Da autoria de um dos mais eminentes sábios soviéticos contemporâneos e traduzida em todas as línguas cultas, O Ser e a Consciência é uma obra consagrada a um dos problemas mais importantes da filosofia, e nela se examinam algumas questões fundamentais da teoria do conhecimento.
Colecção PROBLEMAS — 424 pp., 70$00.

Portugalia Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

Entrevista com Óscar Lopes

por António Machado

1) *Está nas livrarias um volume intitulado «Ler e Depois», que se anuncia como sendo o primeiro de uma série de «Crítica e Interpretação Literária» da sua autoria. Qual o teor destes volumes? Como se integram na sua obra publicada, ou para publicação em breve?*

— «Ler e Depois» e outro volume gémeo, «Modo de Ler», já impresso mas que apenas se distribuirá em Outubro, reunem trabalhos de teoria estética, especialmente literária, ensaios interpretativos sobre autores portugueses desde Gil Vicente a Jaime Cortesão ou Aquilino, e sobre autores estrangeiros, como Guimarães Rosa, Melo Neto, Alejo Carpentier, Sarraute, Böll, etc. O fôlego e o tom dos textos reunidos variam muito. Há um ensaio extenso onde encaro o *realismo* como critério de interpretação, e não como categoria artística; outro sobre os significados flutuantes da frase «mundo interior»; outro acerca de pedagogia da literatura (este no 2.º volume); há panorâmicas sobre autores; críticas de obras isoladas; alocuções em que se caracteriza um autor em poucos traços; e até gravações de breves palestras originalmente não escritas e que serviram de introdução a debates públicos. Para depois destes livros, tenho já seleccionados estudos acerca de autores contemporâneos portugueses que preencherão mais uns três volumes da mesma série. Tenciono ter entretanto teminado a encorpada «Época Contemporânea» da parte portuguesa da «História Ilustrada das Grandes Literaturas», que está a sair em fascículos desde há alguns anos, e isso permitir-me-á concentrar-me nas características indiviualizantes de cada autor ou obra, visto que o leitor interessado poderá informar-se das tendências de conjunto nessa outra obra de fôlego. Por outro lado, a «História da Literatura Portuguesa» que António José Saraiva e eu escrevemos está em curso da sua sexta edição corrigida (em certos assuntos, e como nas outras edições, refundida), e isso possibilita, por um lado, aliviar este livro comum de certos desenvolvimentos desproporcionados, que transitarão, quando da minha autoria, para os volumes de ensaios, e por outro lado tornar mais imediata, clara (e ao mesmo tempo discreta) a inserção dos temas dos ensaios numa teoria geral da história da literatura portuguesa.

Óscar Lopes, entrevistado para o «Diário de Lisboa»: «Não façamos da sociologia uma metafísica»

2) *Sabemos que se dedica actualmente a trabalhos de lógica linguística e que, durante muitos anos, se empenhou, e ainda continua empenhado, numa campanha de democratização da literatura, através de colóquios, sessões de «play-reading», de leitura comentada com textos à vista, etc. De que modo articula estes esforços, aparentemente tão dispares, com a sua ensaística e crítica literária?*

— A fruição literária, ou artística em geral, é um *acto* humano, e não um *êxtase*, pelo menos no sentido místico deste termo. Se eu tivesse dons de poeta, ficcionista ou artista, a *actividade* efectivamente desencadeada por uma obra literária manifestar-se-ia naturalmente sob forma de poemas, romances, obras de arte — ou por alguns dos seus aspectos. A forma de actividade específica que uma obra literária determina em pessoas como eu é, no entanto, a de tentar compreendê-la, ou antes, a de tentar compreender os valores e o ângulo de realidade que através dela se evidencia. Melhor dizendo: é a de tentar compreender aquilo que essa obra *nega*, as tensões e insatisfações que ela desvenda, as relações despercebidas entre nós, ou entre nós e as coisas, que, graças a ela, vêm à tona de uma memória involutàriamente selectiva, ou repressiva. Há sempre um momento de caos, ou pelo menos de perplexidade perante uma obra de arte: não conseguimos medir o já sabido, o já pensado ou conscientemente sentido, com *isto*, que, ainda não sabemos como, estamos a sentir, a pensar, a conhecer, dentro de uma ordem *mais certa* do que a ordem do viver quotidiano, mas que não nos podemos explicar, ou sequer *dizer*

em termos diferentes do da obra cujo impacto experimentámos. Tal experiência literária ou artística não passa, aliás, de uma potenciação de experiências comuns e emocionalmente cruciais.

«Em temperamentos como o meu, e o de muita gente, surge, então a ânsia, às vezes talvez angústia, de compreender, de construir modelos mentais, de arrumar e hierarquizar impressões, sabendo que isso empobrece, mas sabendo também que só assim *se vive* a arte. A arte é um especial *fazer* humano em que nunca se descobre até que ponto o artista *fez*, ou *foi feito por*, a obra. O pensar sobre arte, e especialmente sobre literatura, é um *fazer* diferente, mas em que também, em certa medida, se *é feito*. Em qualquer dos casos, a gente apenas ganha certezas acerca do que se sente, pensa, ou mesmo é, quando se nos patenteia que outras pessoas também sentem como nós. Ou melhor: quando outrem nos ajuda a esclarecer o que sentimos ou pensamos. Quando outros semelhantes estão habilitados a continuar (ou reencetar em novos termos) o nosso pensar ou sentir.

Isto é que constitui, suponho, a vocação do ensaísta ou crítico de arte — e a do professor. Há sempre uma ordem subliminar, ou subconsciente, numa obra estética. O encanto de uma peça polifónica, por exemplo, relaciona-se, com certeza, com a evidência de uma dada *ordem*, ou *estrutura* complexa, cujo princípio de unidade transcende a dos correspondentes tratados de harmonia, transcende a nossa visão global da partitura, transcende toda a matemática reconhecível das vibrações sinusoidais ou não, de sons ou ruídos, daquele espectrograma, ou banda sonora potencial a que a partitura (registada em pentagramas com claves) serve de simples resumo, ou de simples guia prático para executantes ou maestros. É uma grande verdade, isto. Mas também é uma grande verdade que quem tiver muita experiência já analítica de ouvir música, ou quem for capaz de seguir uma execução musical pela partitura, ou quem estiver actualizado quanto à matemática complexíssima da música — poderá aproximar-se muito mais dessa tal ordem subliminar, ou subconsciente, suposta pela percepção artística imediata. Análogamente, quem saiba realmente de literatura, de estilística e de linguística compreenderá melhor (nas mesmas circunstâncias) aquilo que num poema não é ainda explicável, nem talvez virá nunca a sê-lo.

«Eis porque a linguística me interessa — e sobretudo a linguística mais formalizada, a mais científica, aquela que recorre à lógica simbólica. Descreio de que um poema se possa reduzir inteiramente a explicação, ou a *paráfrase*. Mas dou a menor importância àquilo que Volpe chamava a «paráfrase dialéctica», quer dizer, a explicação, a formalização *possível*, que, fazendo recuar os limites o inefável, ou antes, do não logificável, nos dá, por isso mesmo, esse tal inefável na sua mais extrema pureza. A consciência é consciente de nem tudo ser consciência; mas, de qualquer modo, é sempre por um acto consciente que, em vigília, se decide o que *já* (ou *ainda*) *não é consciente*.

«Ora isto vale tanto para a crítica literária, como para a didáctica da literatura, ou para a simples arte de redigir. Daí o meu interesse numa experiência didáctica que estou a realizar e onde se faz uso da lógica simbólica em vez da análise gramatical corrente (e na estrita medida em que esta é necessária). Um tal tipo de análise simbólica faculta distinções finíssimas de variantes estilísticas, dá uma

(Continua na 7.ª página)

ERNESTO SÁBATO é, sem dúvida, o maior escritor da América Latina e um dos maiores nomes da literatura mundial dos nossos dias. Autor de duas obras que se tornaram célebres em todo o mundo, El Tunel e Sobre Heroes y Tumbas, **esta última considerada como a obra mais profundamente inovadora que foi publicada desde o aparecimento de** Under the Volcano, **de Malcom Lowry. Sábato recebeu até agora as maiores atenções da crítica europeia e americana. Assim, Gombrowicz no prefácio da edição francesa de** Sobre Heroes y Tumbas **classifica o romance como uma verdadeira obra-prima trespassada por uma das mais admiráveis metáforas da história das literaturas,** Informe sobre Ciegos; **Quasimodo eleva Sábato a mais alta das dignidades da linhagem literária; Vigorelli, saudando a edição italiana, dá-lhe foros de uma exemplaridade universal; Nadeau critica a obra impondo-a ao próprio valor da literatura de um Lautrèamont; teses, estudos, interpretações surgem em todos os países. Um dos grandes nomes da cinematografia italiana prepara-se para adquirir os direitos de adaptação de** El Tunel **e por toda a parte, tal como aconteceu outrora com Kafka e Joyce, Sábato surge como expressão de maior retumbância da literatura contemporânea, universalizando, consigo, a própria literatura da América Latina.**

Nomeado recentemente para fazer parte do comité internacional para a preservação dos tesouros artísticos de Jerusalém, conjunto que reune, entre outros, Lewis Mumford, Jorge Luís Borges e Henri Moore, Sábato visitará a Europa, (França e Itália) no decorrer do mês de Junho, deslocando-se seguidamente a Israel. Admite-se que no regresso de Jerusalém Sábato, a convite do seu editor português e de amigos pessoais, visite Portugal onde está actualmente em curso a tradução de Sobre Heroes y Tumbas.

Ernesto Sábato (à esquerda) com O. Wolf, tradutor alemão de «Sobre Heroes y Tumbas», em Palermo, 1964

EDITORES ÁTICA LIVREIROS

«O SEGREDO É AMAR»

Sexto volume das obras de **Sebastião da Gama**

Volumes já publicados:

I — Serra Mãe
II — Diário
III — Cabo da Boa Esperança
IV — Campo Aberto
V — Itinerário Paralelo

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 17-A — TELEF. 5 26 56

Entrevista com ÓSCAR LOPES

por António Machado

1) *Está nas livrarias um volume intitulado «Ler e Depois», que se anuncia como sendo o primeiro de uma série de «Crítica e Interpretação Literária» da sua autoria. Qual o teor destes volumes? Como se integram na sua obra publicada, ou para publicação em breve?*

— «Ler e Depois» e outro volume gémeo, «Modo de Ler», já impresso mas que apenas se distribuirá em Outubro, reunem trabalhos de teoria estética, especialmente literária, ensaios interpretativos sobre autores portugueses desde Gil Vicente a Jaime Cortesão ou Aquilino, e sobre autores estrangeiros, como Guimarães Rosa, Melo Neto, Alejo Carpentier, Sarraute, Böll, etc. O fôlego e o tom dos textos reunidos variam muito. Há um ensaio extenso onde encaro o *realismo* como critério de interpretação, e não como categoria artística; outro sobre os significados flutuantes da frase «mundo interior»; outro acerca de pedagogia da literatura (este no 2.º volume); há panorâmicas sobre autores; críticas de obras isoladas; alocuções em que se caracteriza um autor em poucos traços; e até gravações de breves palestras originalmente não escritas e que serviram de introdução a debates públicos. Para depois destes livros, tenho já seleccionados estudos acerca de autores contemporâneos portugueses que preencherão mais uns três volumes da mesma série. Tenciono ter entretanto teminado a encorpada «Época Contemporânea» da parte portuguesa da «História Ilustrada das Grandes Literaturas», que está a sair em fascículos desde há alguns anos, e isso permitir-me-á concentrar-me nas características indiviualizantes de cada autor ou obra, visto que o leitor interessado poderá informar-se das tendências de conjunto nessa outra obra de fôlego. Por outro lado, a «História da Literatura Portuguesa» que António José Saraiva e eu escrevemos está em curso da sua sexta edição corrigida (em certos assuntos, e como nas outras edições, refundida), e isso possibilita, por um lado, aliviar este livro comum de certos desenvolvimentos desproporcionados, que transitarão, quando da minha autoria, para os volumes de ensaios, e por outro lado tornar mais imediata, clara (e ao mesmo tempo discreta) a inserção dos temas dos ensaios numa teoria geral da história da literatura portuguesa.

Óscar Lopes, entrevistado para o «Diário de Lisboa»: «Não façamos da sociologia uma metafísica»

2) *Sabemos que se dedica actualmente a trabalhos de lógica linguística e que, durante muitos anos, se empenhou, e ainda continua empenhado, numa campanha de democratização da literatura, através de colóquios, sessões de «play-reading», de leitura comentada com textos à vista, etc. De que modo articula estes esforços, aparentemente tão dispares, com a sua ensaística e crítica literária?*

— A fruição literária, ou artística em geral, é um *acto* humano, e não um *êxtase*, pelo menos no sentido místico deste termo. Se eu tivesse dons de poeta, ficcionista ou artista, a *actividade* efectivamente desencadeada por uma obra literária manifestar-se-ia naturalmente sob forma de poemas, romances, obras de arte — ou por alguns dos seus aspectos. A forma de actividade específica que uma obra literária determina em pessoas como eu é, no entanto, a de tentar compreendê-la, ou antes, a de tentar compreender os valores e o ângulo de realidade de que através dela se evidencia. Melhor dizendo: é a de tentar compreender aquilo que essa obra *nega*, as tensões e insatisfações que ela desvenda, as relações despercebidas entre nós, ou entre nós e as coisas, que, graças a ela, vêm à tona de uma memória involutàriamente selectiva, ou repressiva. Há sempre um momento de caos, ou pelo menos de perplexidade perante uma obra de arte: não conseguimos medir o já sabido, o já pensado ou conscientemente sentido, com *isto*, que, ainda não sabemos como, estamos a sentir, a pensar, a conhecer, dentro de uma ordem *mais certa* do que a ordem do viver quotidiano, mas que não nos podemos explicar, ou sequer *dizer* em termos diferentes do da obra cujo impacto experimentámos. Tal experiência literária ou artística não passa, aliás, de uma potenciação de experiências comuns e emocionalmente cruciais.

«Em temperamentos como o meu, e o de muita gente, surge, então a ânsia, às vezes talvez angústia, de compreender, de construir modelos mentais, de arrumar e ierarquizar impressões, sabendo que isso empobrece, mas sabendo também que só assim *se vive* a arte. A arte é um especial *fazer* humano em que nunca se descobre até que ponto o artista *fez*, ou *foi feito por*, a obra. O pensar sobre arte, e especialmente sobre literatura, é um *fazer* diferente, mas em que também, em certa medida, se *é feito*. Em qualquer dos casos, a gente apenas ganha certezas acerca do que se sente, pensa, ou mesmo *é*, quando se nos patenteia que outras pessoas também sentem como nós. Ou melhor: quando outrem nos ajuda a esclarecer o que sentimos ou pensamos. Quando outros semelhantes estão habilitados a continuar (ou reencetar em novos termos) o nosso pensar ou sentir.

Isto é que constitui, suponho, a vocação do ensaísta ou crítico de arte — e a do professor. Há sempre uma ordem subliminar, ou subconsciente, numa obra estética. O encanto de uma peça polifónica, por exemplo, relaciona-se, com certeza, com a evidência de uma dada *ordem*, ou *estrutura* complexa, cujo princípio de unidade transcende a dos correspondentes tratados de harmonia, transcende a nossa visão global da partitura, transcende toda a matemática reconhecível das vibrações sinusoidais ou não, de sons ou ruídos, daquele espectrograma, ou banda sonora potencial a que a partitura (registada em pentagramas com claves) serve de simples resumo, ou de simples guia prático para executantes ou maestros. É uma grande verdade, isto. Mas também é uma grande verdade que quem tiver muita experiência já analítica de ouvir música, ou quem for capaz de seguir uma execução musical pela partitura, ou quem estiver actualizado quanto à matemática complexíssima da música — poderá aproximar-se muito mais dessa tal ordem subliminar, ou subconsciente, suposta pela percepção artística imediata. Análogamente, quem saiba realmente de literatura, de estilística e de linguística compreenderá melhor (nas mesmas circunstâncias) aquilo que num poema não é ainda explicável, nem talvez virá nunca a sê-lo.

«Eis porque a linguística me interessa — e sobretudo a linguística mais formalizada, a mais científica, aquela que recorre à lógica simbólica. Descreio de que um poema se possa reduzir inteiramente a explicação, ou a *paráfrase*. Mas dou a menor importância àquilo que Volpe chamava a «paráfrase dialéctica», quer dizer, a explicação, a formalização *possível*, que, fazendo recuar os limites o inefável, ou antes, do não logificável, nos dá, por isso mesmo, esse tal inefável na sua mais extrema pureza. A consciência é consciente de nem tudo ser consciência; mas, de qualquer modo, é sempre por um acto consciente que, em vigília, se decide o que *já* (ou *ainda*) *não é consciente*.

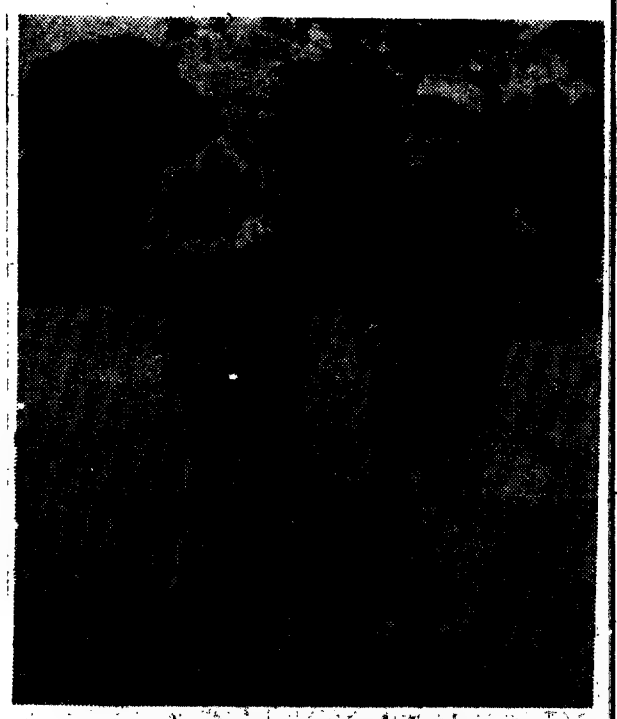
«Ora isto vale tanto para a crítica literária, como para a didáctica da literatura, ou para a simples arte de redigir. Daí o meu interesse numa experiência didáctica que estou a realizar e onde se faz uso da lógica simbólica em vez da análise gramatical corrente (e na estrita medida em que esta é necessária). Um tal tipo de análise simbólica faculta distinções finíssimas de variantes estilísticas, dá uma

(Continua na 7.ª página)

ERNESTO SÁBATO NA EUROPA

ERNESTO SÁBATO é, sem dúvida, o maior escritor da América Latina e um dos maiores nomes da literatura mundial dos nossos dias. Autor de duas obras que se tornaram célebres em todo o mundo, El Tunel e Sobre Heroes y Tumbas, **esta última considerada como a obra mais profundamente inovadora que foi publicada desde o aparecimento de** Under the Volcano, **de Malcom Lowry. Sábato recebeu até agora as maiores atenções da crítica europeia e americana. Assim, Gombrowicz no prefácio da edição francesa de** Sobre Heroes y Tumbas **classifica o romance como uma verdadeira obra-prima trespassada por uma das mais admiráveis metáforas da história das literaturas,** Informe sobre Ciegos; **Quasimodo eleva Sábato a mais alta das dignidades da linhagem literária; Vigorelli, saudando a edição italiana, dá-lhe foros de uma exemplaridade universal; Nadeau critica a obra impondo-a ao próprio valor da literatura de um Lautrèamont; teses, estudos, interpretações surgem em todos os países. Um dos grandes nomes da cinematografia italiana prepara-se para adquirir os direitos de adaptação de** El Tunel **e por toda a parte, tal como aconteceu outrora com Kafka e Joyce, Sábato surge como expressão de maior retumbância da literatura contemporânea, universalizando, consigo, a própria literatura da América Latina.**

Nomeado recentemente para fazer parte do comité internacional para a preservação dos tesouros artísticos de Jerusalém, conjunto que reúne, entre outros, Lewis Mumford, Jorge Luís Borges e Henri Moore, Sábato visitará a Europa, (França e Itália) no decorrer do mês de Junho, deslocando-se seguidamente a Israel. Admite-se que no regresso de Jerusalém Sábato, a convite do seu editor português e de amigos pessoais, visite Portugal onde está actualmente em curso a tradução de Sobre Heroes y Tumbas.



Ernesto Sábato (à esquerda) com O. Wolf, tradutor alemão de «Sobre Heroes y Tumbas», em Palermo, 1964

EDITORES ÁTICA LIVREIROS

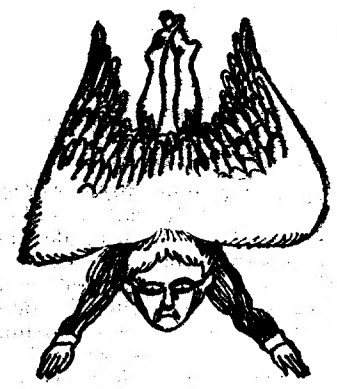
«O SEGREDO É AMAR»

Sexto volume das obras de **Sebastião da Gama**

Volumes já publicados:

I — Serra Mãe
II — Diário
III — Cabo da Boa Esperança
IV — Campo Aberto
V — Itinerário Paralelo

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 17-A — TELEF. 5 26 56



O DIRECTOR ADORNADO

por Alexandre O'Neill

PARA Silvino Silva — «o SS do arquivo...», como lhe chamava, maldosamente, o outro Silva, cujo nome próprio não começava, estás mesmo a ver, por S — a meia-hora entre casassaír e pontopicar fugia toda em saltos de gafanhoto do amarelo eléctrico para o verde autocarro na afli-aflição de não picar a vermelho. Se era princípio de mês ou se o abono do Ernestinho, nos meados, já lhe dava para mais leite, Silvino Silva saltava, último recurso, do amarelo eléctrico para o preto-verde táxi, conseguindo, assim, evitar o vermelho, às vezes pela unha negra de meio minuto. O chefe da secção de Pessoal, que nem ao nome de Garcia, que era o seu, respondia, admoestava-o periòdicamente e, recauchutando a velha graça, dizia-lhe, com a consciência de quem tem sempre as quotas em dia:

— Silvino, a sua ficha parece a dum comunista! Está toda vermelha...

Quando foi chamado, pela terceira rubra vez, ao chefe de serviços, dr. ruY athaYde, Silvino já não dispunha de mais engarrafamentos de trânsito nem de noites perdidas com os dentes do bebé para justificar os seus atrasos. Humilhou-se (que remédio!), e, com duas bagas a despontarem-lhe nos olhos, fez emoção de voz presa e prometeu ao igrêgo que havia de se emendar. O igrêgo, que dava tudo para ser magnânimo, pois fez-lhe compreender que, numa empresa moderna, a produtividade pois era o imperativo máximo e que ele próprio, athaYde, isento como estava do horário de trabalho, pois ali abancava diàriamente, ás oito da manhã. Silvino, que tanto gostaria de ser sYIvYno sYIva, era muito sensível ás discursâncias do igrêgo. O brio cachoou-lhe na intimidade do peito e ele fechou o zip da entrevista com um perfilado «pode contar comigo!»

Nos oito dias que se seguiram a esta chamada à ordem, Silvino foi tão antecipadamente pontual que até o dr. athaYde sentiu uma pontinha de inveja. Não esperava, provàvelmente, o produtivo chefe de serviços, pois que o tomassem assim à letra.

A grande bronca, no entanto, deu-se quando Silvino, cedendo novamente ao mais reles teor da sua maneira de ser, se apresentou uma segunda-feira com o vermelhíssimo atraso de vinte minutos e, para cúmulo, não quis marcar o ponto; esquivança que acabou por enfurecer o porteiro Pimenta. E os sucessos desenrolaram-se assim:

Porteiro Pimenta barra a passagem a Silvino;
porteiro Pimenta telefona a Garcia explicando atitude Silvino;
Garcia telefona a athaYde explicando explicação Pimenta e atitude Silvino;
athaYde comete a decisão do caso ao senhor director;
senhor director, via athaYde-Garcia-Pimenta, convoca para imediatamente Silvino;

Silvino-varas-verdes sobe, não sobe, sobe. Vestibula um quarto de hora frente à porta (fechada e com o piolho vermelho aceso) do gabinete do director. O piolho verde acende-se. Silvino, agoniado, vai entrando em curvatura dá-me licença. Quando ousou levantar os olhos para o senhor director...

...OH!...

...aquele já marcara o ponto do infarte e estava todo tombado no seu trono giratório de metal (verde) e cabedal (preto).

* * *

Durante a convalescença do director, Silvino, que não voltou a marcar o ponto a vermelho, mostrou-se dos mais assíduos no envio de cartões a desejar a vossa excelência rápidas melhoras e total restabelecimento.

Acho que o director nunca mais foi o que era, coitado!

MESTRES do cinema americano

por Manuel Machado da Luz

MESTRES DO CINEMA AMERICANO
36 filmes de 26 realizadores
VI Ciclo Cinematográfico da CASA DA IMPRENSA
S. Luís e Alvalade

QUANDO ESTAS LINHAS forem publicadas já estará no seu sétimo dia o sexto ciclo cinematográfico da *Casa da Imprensa*.

Não nos podemos cansar de elogiar estas iniciativas, que, com espantosa continuidade para o nosso meio, já se vêm realizando desde 1963: ao mesmo tempo que têm feito rever obras justamente célebres, não o descuidaram de trazer à luz um grande número de filmes «malditos», pèssimamente promovidos pela distribuição-exibição, injustamente esquecidos pelo público desapoiados pela crítica (temos, aqui, a nossa parte de culpa: os condicionalismos que rodeiam o nosso trabalho não deveriam ser suficientes para nos levar a permanecer em silêncio quanto a filmes que francamente admiramos). Será este, porventura, o seu mais positivo traço: ao lado dos Bergmans ou dos Antonionis, com algum escândalo por parte dos espectadores contaminados por demasiada «literatura» e demasiados pruridos culturalistas, os sucessivos ciclos têm vindo a insistir cada vez mais nas películas sem pergaminhos (algumas estreadas até no *Olympia* ou num *Coliseu* bocejante e estival), as quais são, na sua maioria, de produção americana. Não sem hesitações e *gaffes*, com alguma ingenuidade e com «espertezas» cuja eficiência é problemática (juntar em programa duplo, como ocorreu no ano passado, Bergman e Corman).

Resultante lógica desta orientação é o ciclo presentemente a decorrer, um dos mais equilibrados e, talvez, o mais arriscado de entre todos os já realizados (arriscado porque possui escassas cauções culturalistas para um público que não gosta de correr «riscos», porque se empenha em propor ainda mais obras quase ignoradas e pouco prestigiadas a um público que não prima pela curiosidade).

O seu título genérico — *Mestres do Cinema Americano* — é, talvez, um pouco pomposo: dificilmente Robert Mulligan, Sidney Pollack ou Corman o serão. Mas isso não tem importância. O que convém notar é que não se trata de uma retrospectiva, e sim, apenas, de uma escolha cuidadosa entre o material existente nas distribuidoras: escolha não livre, porque complicada pela disponibilidade, ou não, de cópias para as datas previstas, pelo mau estado de algumas delas (*A Carga da Brigada Azul*, de Walsh, revelou-se improjectável e teve de ser retirada do programa) ou pela sua

Samuel Fuller: ou a ideologia ultrapassada pela validade do objecto artístico

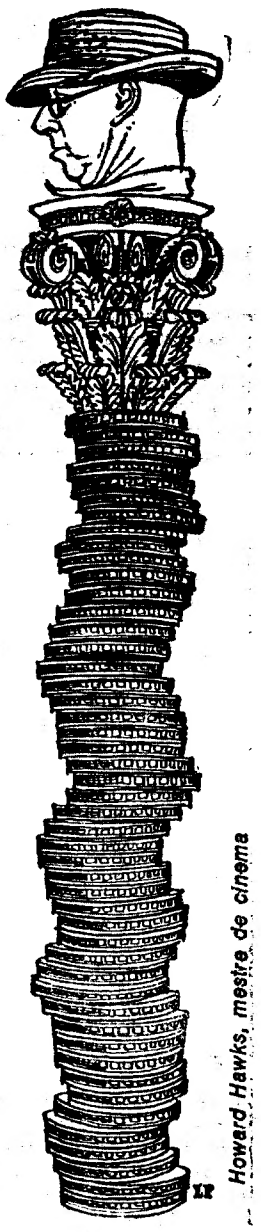
inesperada destruição. E que, apesar de tudo, o ciclo surge significativo das maiores virtudes do cinema estado-unidense do pós-guerra, não lhe faltando, talvez, senão dois nomes fundamentais: Stanley Kubrick e Robert Aldrich (este quanto à sua primeira fase). Com o que podemos dizer que nenhum dos filmes propostos nos é indiferente, mesmo quando, como acontece várias vezes, não é o melhor do seu autor.

Claro que esta não será a opinião de todos, nem sequer a de uma maioria. Bem sabemos que o melhor cinema americano ainda não foi totalmente revalorizado entre nós. Uma completa ausência de «literatura» e de complacências culturalistas (que só agora, para mal de todos, estão arrebitando as orelhas); a necessidade de se exprimir *para além* de temas e argumentos impostos por uma indústria tão totalitária quanto possível (e, muitas vezes, em subtilíssima contradição com eles); a obrigatoriedade de, aparentemente, aceitar todo um reino de convenções e de compartimentações entre géneros codificados no momento em que se processa à sua sabotagem subterrânea; a dificuldade de se ser coerente, não só ao longo de uma carreira, mas também, ao longo de um único filme: isto e tantas outras coisas tornam o cinema americano «suspeito» e, principalmente, *difícil* de valorizar. É, de resto, bem sabido que a diminuta dinâmica cultural portuguesa mal dá para os esforços que isso implica e que, ainda por cima, certos considerandos políticos, geralmente deslocados, vêm inquinar o problema.

Mas não é aqui o local de discutir o assunto em profundidade (nem o de analisar trinta e seis filmes, trabalho de vinte e seis realizadores). Para isso servirão, de algum modo, a habitualmente bem documentada brochura com que a *Casa da Imprensa* acompanha as suas organizações (no momento de escrever estas linhas ainda a não pudemos apreciar) e o volume dos *Cadernos de Cinema* da *Dom Quixote*, que sairá ainda dentro do período do ciclo, e que, dedicado à última década do cinema americano, constitui a edição portuguesa do essencial de um número especial da *Cinema 69*, intitulado *Special U. S. A.*, ao qual Vaz Pereira já fez referência nestas páginas.

Bastará chamar a atenção para uns quantos programas correspondentes a filmes «malditos» ou, pelo menos, raramente projectados.

É o caso do que integra *Laura*, de Otto Preminger, e *Escrito no Vento*, de Douglas Sirk. Aquele é uma das primeiras obras de um realizador posteriormente muito bem sucedido junto do público, e, por certo, uma das suas melhores: datado de 44, é o admirável cruzamento de uma das mais fabulosas histórias de amor de Hollywood com uma inteligente intriga policial e de mistério. Quanto a Sirk, trata-se de um realizador cujos enormes êxitos lacrimogéneos junto de certas plateias levaram a ser catalogado como especialista do melodrama e da dourada e convencional mentira hollywoodiana: se isto é verdade, também o é, no entanto, que, por baixo da mentira, afloram em surdina muitas graves preocupações, muitas anotações excepcionalmente justas, certas intuições assombrosamente certeiras e um tom narrativo cujo negrume e a veemência fendilham a superfície açucarada do produto com os mais inesperados e curiosos resultados (isto para não referir que o melodrama, tal como praticado por Sirk, nada tem de género menor...).



Howard Hawks, mestre de cinema

É, ainda, o caso do programa dedicado a Samuel Fuller (*A Flecha Sagrada* e *Marcados para a Morte*), realizador frequentemente tachado de fascista. Estranha personalidade obcecada pelos temas de alta violência, possuidor de uma ideologia das mais contraditórias e fumosas, alguns

(Continua na 7.ª página)

Galeria Panorama

GARANTIA DE BOAS EDIÇÕES

ACABA DE LANÇAR NA SUA NOVA SÉRIE CULTURA CLÁSSICA A IMORTAL OBRA DE PLATÃO

FEDRO

VOLUME CARTONADO ..... 50$00

NA SÉRIE CULTURA CONTEMPORÂNEA VAMOS OFERECER-LHE

PSICANÁLISE E DIALÉCTICA MATERIALISTA — José Bleger

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS

GALERIA PANORAMA ● Sede: Rua Alberto Iliano ALFRAGIDE — DAMAIA

ESCRITÓRIOS: R. Luciano Cordeiro, 123, r/c., D.º — LISBOA-1

Comentário

(Continuação da 1.ª página)

História, dado que estas fazem parte da essência do sistema mais geral das ideias de Brecht.

Aí a liberdade define-se como «poder de nos decidirmos com conhecimento de causa», isto é, com conhecimento das leis. Do que decorre o esquema de acção que uma célebre frase de Comte sintetiza perfeitamente: «Science, d'où prévoyance, prévoyance, d'où action». Conhecedores das leis, os homens podem não resistir á sua força, obedecer-lhes, e dessa maneira dominarem — nos limites do conhecimento — a Natureza e a História.

Aquele «nos limites do conhecimento» é indispensável, sob pena de se dotar o homem de uma implícita omnisciência divina.

Eis aí muito esquemáticamente «o sistema mais geral das ideias de Brecht». Traçado ele, ressaltam as diferenças entre as duas citadas concepções de destino. A dos «antigos» é mítica, a de Brecht científica com base em leis objectivas. E lógicamente uma outra diferença entre os respectivos conceitos de liberdade. Em Brecht esta é a acção consciente no sentido da lei, nos «antigos» a faculdade de escolher, pura de razões, ou determinada por uma só *razão* — a do querer, exclusivamente autodeterminada. Vejamos Édipo.

O impulso desesperado de furar os olhos com o alfinete de Jocasta surge como um relampago onde se queima a etapa deliberativa, e se o herói apresenta razões do seu acto — «dizendo que» (os olhos) «não mais veriam os males que sofrera e as desgraças que tinha causado; imersos nas trevas, não mais veriam o que ele não devia ver, nem reconheceriam o que ele ainda queria ver» (pág. 67 ed. cit.) — trata-se de razões *a posteriori*, que se não fundamentam em nenhum conhecimento de causa. No mito do destino em que o herói acredita há apenas *reconhecimento* de uma causalidade necessária.

Recorrendo a uma classificação tradicional poder-se-ia dizer que o acto de Édipo é um acto de livre arbítrio, e não de liberdade.

Sem dúvida que a acção do herói alcança para além do que ele diz. Pode afirmar-se que Édipo abole, ao cegar-se, o conhecimento empírico de que a vista é o principal instrumento, e vazando os olhos ascende ao mundo do sage Tirésias. Mas isto sai do ambito da questão da liberdade como vontade, que se situa no plano da consciência. E no *Rei Édipo* não há sintomas de que o herói tenha consciência de que cegar-se é o processo de alcançar a sageza.

Regressemos á versão brechtiana da *Antígona*. Pierre Biner, em *Le Living Théatre*, chama-lhe «a tragédia do demasiado tarde».

«A Antígona de Brecht é a tragédia do demasiado tarde» (...) «Antígona chega demasiado tarde. Ela devia ter aberto os olhos antes» (pág. 153). «O seu erro é

Uma cena de Antígona, de Brecht, na criação do Living Theatre

chegar demasiado tarde. O que ela faz é exemplar mas tardio» (...) «tinha sido tempo, já não é.» (pág. 161)

Tempo de quê? De evitar a destruição de Tebas.

E o que faz Antígona de «exemplar»? Cobre de terra o cadáver de Polinício, infringindo a proibição de Creonte, com o que incorre na sanção do tirano. É «encerrada viva numa gruta, com o pão e o vinho que se coloca junto dos mortos» (versão de Brecht da *Antígona*, ed. L'Arche).

Realiza pois um acto ético-religioso ao preferir a lei não escrita á de Creonte, acto tanto mais exemplar quanto mais difícil ele se apresenta. Desobedecendo a Creonte, Antígona arrisca a vida. Efectivamente é condenada á morte e acaba por matar-se.

«Exemplar, mas tardio» adverte Biner. Porquê «tardio»? Porque não impede a derrota e a destruição de Tebas.

Mas o acto de Antígona, praticado *antes*, teria — ao antecipar a divisão no grupo dirigente, e ao indicar o caminho a seguir — acelerado um processo interno do derrubamento de Creonte e permitindo uma viragem de rumo político orientada para o termo da guerra, e conseguido assim, por exemplo, a obtenção de uma paz honrosa?

Como saber? Como saber que *antes* é que teria sido o *momento?* A oportunidade de uma acção só se averigua *depois*, quando os resultados confirmam a intenção dela. E neste caso não há *depois* (do acto) visto que não houve acto (o rompimento de Antígona com Creonte *mais cedo*).

Nunca se sabe *a priori* o momento oportuno da ruptura. Lembremo-nos das «análises de situação».

Expondo as ideias de um especialista na matéria escreveu Henri Lefebvre: (...) «a análise objectiva pode deixar escapar um elo, um elemento. E depois, algo de novo pode surgir e modificar os dados do problema. A política é portanto científica e incerta. Só se admirará com isto quem nunca viu um engenheiro construir uma ponte ou uma nova locomotiva; os cálculos mais desenvolvidos não evitam a necessidade de tateios, provas de resistência e de velocidade».

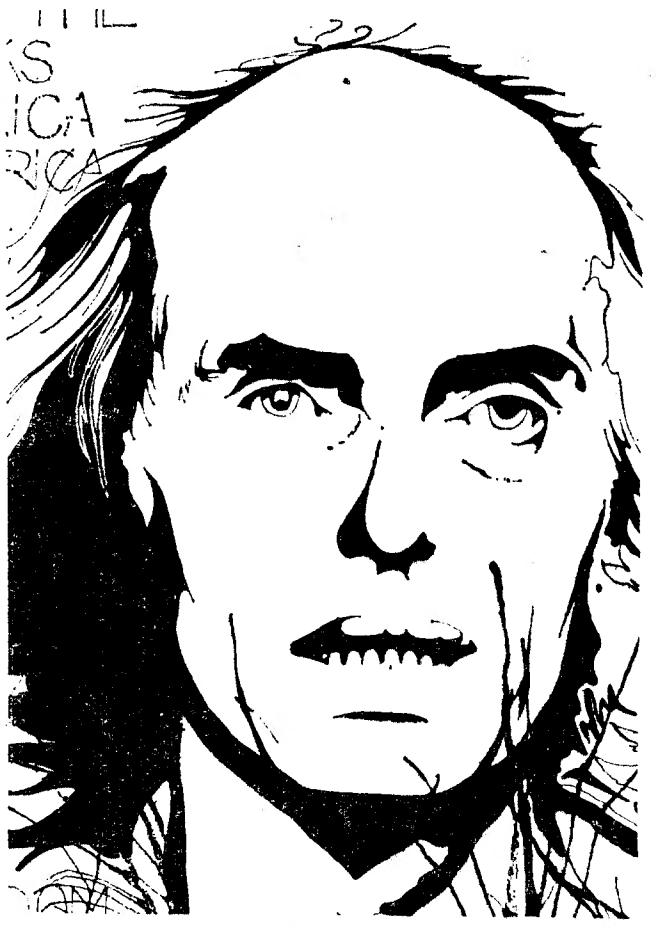
Lefebvre considera pois a análise de situação uma técnica (intelectual) cuja prova decisiva consiste na experiência, com todos os ensaios e erros próprios desta. E assim designa a incerteza como propriedade consubstancial das análises de situação. Portanto, as decisões fundamentadas em análises de conjuntura, mesmo as de «cálculos mais desenvolvidos» não têm nunca o carácter de certeza, mas o da maior ou menor probabilidade, consoante o desenvolvimento dos cálculos.

Por isso é que o analista dançou na neve quando o seu empreendimento excedeu de um dia o tempo de vida de uma acção intencionalmnte idêntica do séc. XIX. Se a análise lhe houvesse dado a certeza, ele teria encarado os acontecimentos com a impassibilidade própria do *more geométrico*.

Se *A*, então — necessáriamente, sem que possamos escolher — *B*. Esta forma de dedução seria aliás a do acto perfeito de liberdade, se ele existisse. «A perfeita liberdade excluiria a escolha» (Joseph Moreau). «A escolha», isto é, o livre arbítrio.

Mas a volição não decorre de um sistema fechado, com a necessidade implícita, como acontece nas matemáticas. Por mais que a deliberação seja racional e fundamentada em leis científicas, «pode sempre escapar um elo, um elemento, algo de novo surgir»... O espaço da acção é sempre aberto, aventuroso, e todo o empreendimento humano tem o seu quê de aposta.

Só depois de executado, comparando-o, e ás suas consequências próximas e longínquas, com a análise deliberativa, podemos dizer que um acto está *certo*. Ninguém é o homem-deus de Laplace, detentor do saber total, e por consequência capaz de tudo prever.



Julian Beck

«Pode ter escapado um elemento, surgido algo de novo» — a favor ou contra a acção em curso. A favor: se a análise estava certa (o que só depois se saberá) o novo componente constitui um inesperado reforço da acção. Contra: pode ser o bastante para provocar o fracasso.

A análise de conjuntura é a operação pela qual se calcula a probabilidade dos vários possíveis para que a situação abra (ruptura, não ruptura...). E dizendo-se «probabilidade» diz-se que a contingência está no próprio ser da operação.

Se Antígona tem rompido com Creonte *antes*, Tebas salvar-se-ia. Se *A*, então *B*. É o raciocínio hipotético-dedutivo, necessário, inaplicável á situação de ruptura como problema — hipotético-indutiva, de probabilidade variável.

Não podemos ter a certeza de que se a Antígona antecipasse o seu rompimento com Creonte, Tebas se haveria salvo. Sob as tragédias «do tarde» ou do cedo lateja a tragédia fundamental. Com palavras de André Bonnard: «O homem não é omnisciente e tem que agir. Essa a sua tragédia».

(...) «poderá ser ou não o momento indicado para iniciar a luta». (De uma célebre análise de conjuntura). E o mestre delas repetia frequentemente o aforismo de Napoleão: «On s'engage, et puis... on voit».

«O que são os grandes homens?» perguntou Hegel e respondeu: «os que sabem o que o momento exige, o que é necessário.»

O «necessário» em Hegel consiste na lei de que o fenómeno é manifestação e no conjunto das condições para que o fenómeno se dá. Assim, o conhecimento do «necessário» torna-se absoluto e o absoluto exequível no sistema hegeliano.

O que atrás escrevemos obriga-nos a uma outra concepção, a considerar o absoluto humanamente impossível, colocando no seu lugar o máximo de conhecimento possível relativo a uma dada época. A diferença entre o absoluto e esse máximo de conhecimento possível, como a preencher? Como liquidar o *deficit* proveniente dos nossos limitados recursos de homens? Só com um suplemento de aventura, de paixão, de poesia... De livre arbítrio na liberdade, de loucura na razão.

O que são os grandes homens? Os que tocam os limites do conhecimento do seu tempo, e por isso sabem que o conhecimento tem limites; e que ponderam e medem antes de agir, não ignorando que toda a acção está sujeita a imponderáveis e que o resultado é em rigor incomensurável; e aceitam todas as consequências dos seus actos com alegria porque eles (actos e homens) vão no sentido da vida. Queremos dizer: a vida não deixa de se reproduzir, reproduzindo com ela a aspiração instintiva á liberdade.

JOSÉ FERNANDES FAFE

COLÓQUIO

REVISTA DE ARTES E LETRAS

TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES

À VENDA O NÚMERO **52**

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Distribuidora: E. N. P. — *Av. da Liberdade, 266*
Lisboa 2

NOVIDADES LITERÁRIAS

«Biblioteca Jurídica»

- **FORMULÁRIO FISCAL** — por José A. Rodrigues Martins Barreiros e Joaquim J. Soares Lino Pires — **100$00**
- **LEGISLAÇÃO SOBRE REGISTO COMERCIAL** — Anotada, por Miguel M. Pupo Correia
- **DA QUESTÃO PRÉVIA EM DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO** — por Fernando M. Azevedo Moreira — **100$00**
- **ESTUDOS DE DIREITO COMERCIAL** (Centro do Direito Comparado)
- **ENSAIO SOBRE A INTRODUÇÃO DO DIREITO CRIMINAL** — Lições pelo Prof. José Beleza dos Santos — **75$00**

«Biblioteca Filosófica»

- **ESTUDOS DE FILOSOFIA ANTIGA (Sócrates, Platão, Aristóteles)** — por F. M. Cornford — **15$00**

«Col. Presença Cristã»

- **EDUCADORES CRISTÃOS ATRAVÉS DA HISTÓRIA** — por A. Willott

Pedidos à

ATLÂNTIDA EDITORA — COIMBRA

Cinema americano-1960/68

Ainda no decurso do presente ciclo «Mestres do Cinema Americano», organizado pela Casa da Imprensa, vai ser editado por Publicações Dom Quixote, o sexto volume da colecção «Cadernos de Cinema».

Intitula-se *Cinema Americano-1960/1968* e inclui os seguintes textos: «Cinema novo americano», de Gideon Bachman; «Nove cineastas independentes», de Albert Johnson; «A animação», de André Martin; «O *western*», de Roger Tailleur; «A comédia», de Guy Brancourt; «O *underground*» e «O *musical* — uma fénix inflamável», de Michel Perez; «A ficção política — uma arma intelectual», de Roland Lacourbe; «O filme de guerra», de Jean-A. Gili; «O filme negro», de Bertrand Tavernier; «O fantástico — os rostos do impossível», de Roland Lacourbe; «O filme histórico», de Jacques Goimard.

Completam o volume uma síntese, por anos, dos filmes e autores que mais se destacaram por diversos motivos, assim como uma bibliografia e doze ilustrações.

«Rio Bravo», de Howard Hawks, obra-prima do «western», cinema americano por excelência

Entrevista com Óscar Lopes

(Continuação da 4.ª página)

consciência dos recursos estilísticos imensamente mais precisa, eficaz e comunicável do que a estilística ou a gramática tradicionais.»

3) *Mas como relaciona esse novo tipo de formalismo linguístico e estilístico com os seus interesses pela sociologia da literatura e da cultura também tão evidentes nas suas críticas e livros?*

— Penso (e esta maneira de pensar data, em Portugal, de António Sérgio) que *compreender* é sempre um modo de *prender com*, de interligar, de apercebe-se de uma estrutura, um conjunto relativamente autónomo de elementos, que funcionam e se transformam uns em outros de acordo com leis determinadas. A ciência moderna da linguagem pôs em relevo os tipos mais flagrantes de estruturas no domínio das relações humanas. Mas eu não acredito na coerência perfeita de uma língua natural. Há estruturas fonológicas, morfológicas e lexicais no Português de hoje, por exemplo; mas o Português não constitui uma estrutura global não contraditória. É para mim evidente que nem tudo, na linguagem comum, é susceptível de uma explicação imanentemente linguística, a não ser que se dê ao termo «linguagem» um significado de tal modo amplo, que isso equivalha a dizer o seguinte: para além de todas as estruturas de que nos apercebemos na realidade, há sempre outras estruturas que as determinam, e pelas quais elas podem, portanto, vir a ser explicadas estrutural, ou genèticamente. Mas isso seria então o mesmo que postular uma estrutura-limite, quer dizer, uma *matéria* dialéctica, para o nosso conhecimento e para o nosso ser, ou para o ser em geral. Tal como essa matéria do nosso conhecimento e do nosso ser hoje nos aparece na sua maior evidência científica e prática, ela tem uma história cósmica, geológica, biogenética e socio-genética. Há, por consequência, entre outros, certos limites histórico-sociais para o nosso conhecer: qualquer efectivo e positivo *saber* é tão individual como social, é interdepente do *fazer* social, ou *práxis*. E esta práxis conhecemo-la como, visìvelmente, condicionada às forças e às relações de produção.

«No entanto, convém lembrarmo-nos sempre de que tudo isto não passa de um esquema. Não façamos da sociologia uma metafísica, uma explicação ultima. Não há explicações ultimas na sociologia, como as não há na linguística, na matemática, na cibernética, ou na mecânica ondulatória. Quanto àquilo em que estamos conversando, o ponto bate em que a consciência sociológica, como a consciência linguística, faz muito jeito à «paráfrase dialéctica» da obra de arte, e sobretudo da arte literária. Mediante ela descobrimos, não talvez o que um poema *nos diz*, mas, pelo menos, e já é muito importante, aquilo que ele *não nos diz*. A paráfrase dialéctica é que afasta todas as falácias da má compreensão, ou de falsa intencionalidade, de um poema ou ficção. Por exemplo: se não conhecermos o condicionamento histórico-social de Camões não poderemos conhecer o significado da sua linguagem; e se não conhecermos a sua linguagem, deturparemos inevitàvelmente o que ele nos quer dizer, e não alcançaremos aquilo que ele nos diz mesmo sem querer — e que é, em regra, o principal.

De qualquer modo, e desde o Pecado Original, que é o pecado de se ser humano, estamos condenados a ser conscientes. Resta-nos sê-lo mais, ou menos. E eu voto pelo mais.

Cinema americano

(Continuação da 5.ª página)

dos seus filmes surgem algo abonatórios de tal opinião. Mas este será um dos casos que mais problemática se afigura a colagem de semelhantes etiquetas: como os dois filmes agora propostos abundantemente provam, o objecto artístico ultrapassa singularmente esta ou aquela ideologia, suscita prolongamentos a ela irredutíveis e francamente valiosos.

É finalmente, o caso do programa dedicado a John Ford.

Se *A Desaparecida* é um *western* «tradicional» e assaz famosa do celebérrimo veterano, o mesmo não se pode dizer de *Sete mulheres*, a sua mais recente obra (e, infelizmente dado o seu estrondoso insucesso, talvez a sua ultima: Ford, no ocaso da sua vida, pleno de ideias por realizar, vê as portas dos estúdios fecharem-se-lhe de um modo que não pode ser mais escandaloso). É que *Sete Mulheres* (conjuntamente com *O Grande Combate*) representa uma espantosa mutação. Ao mesmo tempo que depura a sua linguagem a um ponto inimaginável, o velho realizador entra decididamente no que se pode chamar uma fase altamente combativa e polémica: o filme é uma magnífica tragédia que, no seu tom de parábola, comoventemente milita em favor da mais elevada responsabilidade moral e de um inesperado agnosticismo (para não utilizar outra palavra) que se contrapõe a esse histerismo puritano que, de vez em quando, Ford já havia fustigado. Mas *Sete Mulheres* foi violentamente atacado como produto de uma degenerescência senil... é o mais «maldito» dos filmes.

Claro que este chamar a atenção para meia dúzia de obras pressupõe que Brooks, Huston, Danen, Mankiewicz, Kazan ou Hawks já serão nomes a que não é necessário fazer «propaganda», que um filme como *Johnny Guitar*, de Nicholas Ray, durante tanto tempo prato forte dos cineclubes, não necessita de apresentações, que Jerry Lewis é o maior autor (e actor) cómico da actualidade, só comparável — pesamos bem as nossas palavras! — a Chaplin e a Keaton.

Esperemos que assim seja, e que *Mestres do Cinema Americano* constitua a oportunidade para que, pelo menos, certos sectores da *inteligentzia* portuguesa (tradicionalista no momento em que proclamam convencidamente o contrário) revejam as suas posições quanto ao que é o melhor do cinema de Hollywood. Neste sentido, atrevemo-nos a um convite directo: que José Régio, conhecido pela sua poesia e pelo seu delirante berreiro contra *Bonnie e Clyde*, aproveite para se debruçar sobre os temas de violência no cinema assistindo à projecção dos filmes de Fuller, à de *Corrupção*, de Fritz Lang, ou à de *Vício de Matar*, desse mesmo Arthur Penn que tanto atacou.

MANUEL MACHADO DA LUZ

Um crítico modelar

(Continuação da 8.ª pág.)

na e intelectualmente, uma das ensaísta português, uma das personalidades mais fascinantes, *humateligências* mais agudas e lúcidas, uma das pessoas com mais sólida informação cultural tem, agora, oportunidade de se explicar, de se expor com clareza, sinceridade e amor: «mais cara a cara, e, em certo sentido, mais desarmado, com disponibilidades que alhures se eliminaram». Trata-se, pois, de um verdadeiro acontecimento.

NÃO irei, desde já, comentar um livro cuja riqueza e complexidade me atemorizam um pouco, apesar da já longa e utilíssima convivência com o pensamento de Óscar Lopes. Ficará isso para uma próxima crónica. Mas importa extrair de certos aspectos da actividade crítica de Óscar Lopes a respectiva lição. Convém, por exemplo, notar a compreensão, a generosidade, a disponibilidade, que as suas críticas revelam: aceitação antecipada de todas as tendências e de todos os autores. Nunca diminui em Óscar Lopes a capacidade de julgar e o rigor problematizante. Mas sempre ele procura ir ao encontro das coisas, na clara alegria de as encontrar, sem exclusões, sem condenações, pretendendo descobri-las por dentro e criticá-las *de dentro*, através da progressiva apreensão dos seus limites e resistências, obstáculos e contradições. Por outro lado, não há em Óscar Lopes (e isso é tanto mais de o louvar quanto quase todos nós somos inteiramente incapazes de o fazer — sei-o bem por experiência própria) a mais leve alusão que não seja límpida, a mais leve crítica que não tenha o seu endereço certo. Há uma espantosa, incomparável e enternecedora quase-ingenuidade em aparecer assim, desprotegidamente, num meio literário de constantes conflitos, com uma transparência total de palavras e intenções.

VEJAMOS, ainda, um outro ponto: acontece com todos os críticos, e Óscar Lopes não é excepção, fazerem juízos de valor muito discutíveis. Há, mesmo, quem chegue a pensar que em Óscar Lopes existe maior inteligência reflexiva do que segurança de gosto. Creio, no entanto, que a objecção é absurda. Uma curta, mas já instrutiva, prática destas coisas, tem-me ensinado a relatividade dos gostos. Se eu escrevo sobre o autor X ou o filme Y, há sempre um dado número de pessoas que se indigna e um dado número que aplaude. Os papéis invertem-se na vez seguinte, mas a regularidade estatística mantém-se. O que quase me espanta é a tranquilidade, isto é, *a inconsciência teórica*, com que esses juízos de gosto são feitos: «como dizer bem do autor X, se o autor X é evidentemente mau?», é a pergunta que, atónitos, mesmo apoplécticos, costumam formular. E apetece responder: como formular tais juízos de valor, como se eles fossem *evidentes*, sem nunca ter em conta o que para toda a evidência existe como *pressuposto?* Se noventa e cinco por cento das críticas à crítica são perfeitamente inúteis (e resta-nos ouvi-las com um sorriso amável), é porque elas se situam sempre *no ponto em que a crítica é mais inatacável:* no seu juízo de valor. É certo que os gostos se discutem. Mas discutir gostos não é apenas confrontar gostos, como ingènuamente se pensa. *É discutir as teorias em que esses gostos se fundamentam. E só isso conta:* o resto é alarido mais ou menos folclórico.

ORA, nenhum crítico entre nós soube melhor do que Óscar Lopes elaborar, no próprio exercício da prática crítica, as bases de uma teoria. Isto é, nenhum soube tornar mais firmes as suas afirmações de gosto. E, ainda: a lição de Óscar Lopes vai mais longe, porque correndo o risco deliberado de acusações de transigência e eclectismo (que lamentàvelmente lhe não foram poupadas), Óscar Lopes sempre enfrentou uma obra para procurar nela o que nela há de mais positivo. Nenhum crítico soube ir tão longe na sua libertação do princípio de «dizer mal». É muito fácil «dizer mal»; qualquer imbecil o faz, e disso temos exemplos muito frequentes. Mas é muito difícil «dizer bem», valorizar, compreender, medir intenções e resultados. Ultrapassar essa doença infantil que é o gosto de «dizer mal» como objectivo primeiro do trabalho crítico é algo que muitos não conseguem. Seria bem fácil documentar tais ingenuidades quotidianas, mas não vale a pena. Assinalemos, apenas, mais este traço exemplar em Óscar Lopes.

TALVEZ este texto, apaixonado e excessivo, pareça desnecessário a alguns (e, sobretudo, ao próprio Óscar Lopes). Seria preferível, desde logo, partirmos para uma análise de um pensamento extremamente estimulante. Mas nós sentimos, por vezes, os perigos que um trabalho tão honesto e importante como o de Óscar Lopes pode correr. São fáceis as empresas de desvirtuação, de deturpação, de leituras apressadas e equívocos. E convém prevenì-las. Porque sucede, como algures o dizia Fernando Pessoa, que «a estupidez humana é grande, e a bondade humana não é notável». Mas esta seria a frase com a qual eu *nunca* poderia terminar um artigo sobre Óscar Lopes. Na realidade, toda a sua obra nos diz o contrário: que há no homem uma plenitude de inteligência e generosidade que lhe compete descobrir e realizar, e que para isso trabalhamos, e que só por isso o nosso trabalho vale a pena. É para um encontro, para um «alvoroço de camaradagem ou de ternura» em que o outro se nos revele, é para aí que tudo converge.

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Óscar Lopes, *Ler e Depois (Crítica e Interpretação literária — 1)*, Editorial Inova, Porto, 1969.

Olivier Messiaen, ou os misteriosos segundos sentidos

(Continuação da 8.ª pág.)

estruturas sonoras no estado natural acarreta com elas todo o maravilhoso campo das sinestesias, daí o seu carácter cíclico, e dando mais importancia aos aspectos significantes e sugestivos de que a obra é feita, que á obra na sua estrutura total. Isto nota-se bastante nos «Vingt Regards sur L'Enfant-Jésus», obra clássica vestida de mini-saia que na sua inocência fazia prever escondidos encantos. É exemplo o «regard» «du Fils sur le Fils» ou a derivação (chardiniana) do Verbo, ou seja a partir de uma série melódica desestruturada de harmónicos anteriores visto tocar-se no extremo superior da região sonora do piano, em estado potencial porque desritmizada, derivar-se o humano aspecto por um enxerto rítmico. Ou ainda noutro numero, traduzia-se o célebre «Encanto das Impossibilidades» através de uma certa impossibilidade de conhecimento, insegurança e insatisfação, que eram dadas por coincidências de intervalos de 2.ª menor. Tudo isto culmina no «Regard de L'Église de l'Amour» em que acontece uma previsão do que se segue, uma esperança teologal, através do senso das durações, da nova sequência musical. O intervalo melódico é concebido em todo o seu carácter emotivo e independente do ritmo que se lhe possa encarnar.

§ 4. Tomando as estruturas naturais no aspecto melódico original ou sugerido «á primeira vista», Messiaen transforma-as incutindo-lhes modificações rítmicas. É o caso de «Harawy», sobre melodias do folclore peruano.

§ 5. Em «Chronochromie» (a cor do tempo) — obra tocada pela 1.ª vez em 1960 — as melodias naturais (cantos de pássaros, ruídos das águas da montanha sobre os rochedos, etc.) tocadas pelas cordas e sopros, dispõem-se durações confiadas na maior parte á bateria, e entre os dois grupos, estão dispostas 25 campanulas dispostas cromáticamente, como mensageiras do espírito sobre o mundo natural — no dizer do autor. Colorir o tempo, segundo Messiaen é fugir á sua imutabilidade e fatalidade, arrancar-se ao domínio do algarismo. Por outro lado, a sua finalidade é autonomizar e eternizar o espaço melódico.

§ 6. Vistas as suas constantes qual a sua perspectiva em 1969? Paralelamente a Xenakis e Penderecky ou Boulez e Stockhausen.

§ 7. «In Illo Tempore» subiram ao monte Jesus e seus discípulos (um clarinete, uma flauta e um violoncelo) e após uma marcha de intervalos inexpressivos de 4.ª, as suas vestes tornaram-se brancas e vivas e após uma dissonancia, transfigurou-se num acorde perfeito. Oh, maravilha das maravilhas!

Messiaen dá-nos o tremoço para apreciarmos a cerveja.

JOSÉ ALBERTO GIL

GUILDA DA MÚSICA
discoteca
O STOCK MAIS COMPLETO
DE MÚSICA ERUDITA - JAZZ -
FOLCLORE -
CONFORTO - CALMA - CONSELHOS
Rua Tomás Ribeiro, 43, 8º Esq. - Lisboa

crítica

Um crítico modelar

por Eduardo Prado Coelho

CREIO que a publicação de *Ler e Depois* (primeiro volume de ensaios de crítica e interpretação literária da autoria de Óscar Lopes) (*) constitui um *verdadeiro acontecimento*. Há muito que o aguardávamos e sentíamos cada vez mais quanto ele é necessário. Portanto, é com grande alegria que o vamos acolher. Por duas razões. Em primeiro lugar, porque temos desde já connosco um admirável instrumento de trabalho, com pistas, sugestões, análises, avisos e prevenções de uma utilidade incalculável. Em segundo lugar, porque este primeiro volume vem responsabilizar Óscar Lopes (adiante esclarecerei o sentido deste «responsabilizar») pela publicação de novos volumes. Quem tem seguido há mais de uma dezena de anos a actividade crítica regular (e irregular...) de Óscar Lopes nas páginas de *O Comércio do Porto*, pode bem avaliar a riqueza imensa dos textos que ainda falta reunir em volume. E vale a pena reuni-los, porque nenhuma crítica, mesmo quando suscitada por qualquer texto hoje inteiramente esquecido, perdeu a sua actualidade. Nenhuma crítica é para Óscar Lopes meramente circunstancial, porque sempre, e a partir de tudo (sem exclusões), Óscar Lopes segue o seu princípio fundamental: «não há outro modo de ser-se fiel à fenomenologia literária que não seja o de problematizar tudo o que venha a seu propósito, e, antes de mais nada, um dado sentido da história social humana». Por conseguinte, *problematizar é a grande preocupação*. E é por isso que os vários e extensos volumes que Óscar Lopes poderia desde já publicar, mesmo que em certos pontos, estivessem já ultrapassados (em relação à conjuntura teórica e em relação à evolução do autor), seriam sempre do maior interesse.

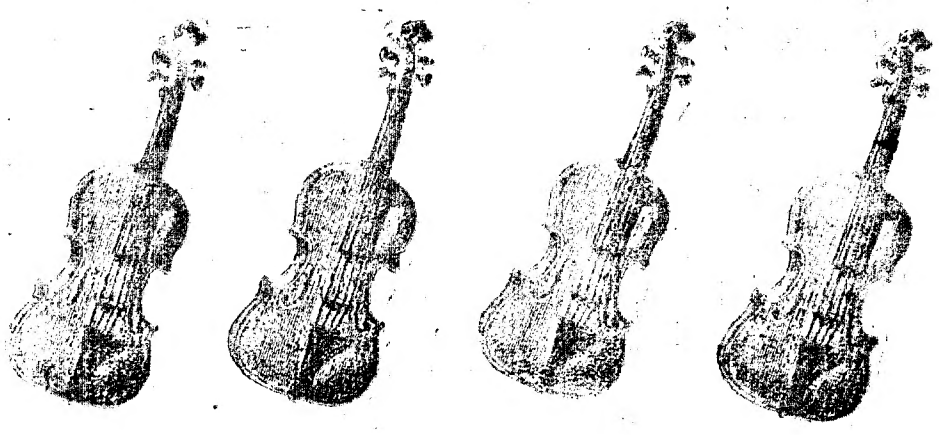
POR outro lado, se tentássemos uma antologia de textos de carácter teórico que existem dispersos nessas mesmas críticas, teríamos o esboço algo anárquico, mas admiràvelmente fecundo, de uma importantíssima estética. Posso quase garanti-lo, na medida em que, para meu uso pessoal, tentei tal empresa: os textos que seleccionei foram um conjunto de uma densidade excepcional. É compreensível que o seu autor os queira ir organizando convenientemente. Mas será preciso nós demonstrarmos a Óscar Lopes a necessidade, a urgência, de um tal trabalho. Responsabilizarmos Óscar Lopes é apenas fazer-lhe sentir que, numa dada situação teórica como a nossa, o seu trabalho tem uma função insubstituível e de um imenso alcance. A prática teórica de Óscar Lopes (como o autor a designa, servindo-se da excelente expressão de Althusser) tem hoje uma importância fundamental — inclusivamente para as outras práticas em curso. E o que Óscar Lopes tem desenvolvido, a propósito das mais variadas realidades e nos mais diversos níveis, é uma verdadeira prática teórica, com tudo o que isso implica de articulação, sistematicidade e dinamismo interno.

Óscar Lopes: a firmeza das afirmações de gosto

ACONTECE, no entanto, que o trabalho de Óscar Lopes se tem, até hoje, distribuído, *pelo menos*, em duas frentes. Por um lado, um esforço para uma acção directa através do encontro e do convívio, num permanente exercício do diálogo. São inúmeros os colóquios e as mesas-redondas em que Óscar Lopes tem, incansàvelmente, participado, numa esgotante actividade de confronto de ideias, de debate e alargamento de perspectivas, de autêntica problematização em comum. Mas este aspecto da acção de Óscar Lopes, embora marque, e de uma forma decisiva, muitos daqueles que a eles puderam assistir, acaba por se diluir na degradação inevitável da memória. Por outro lado, existe em Óscar Lopes um trabalho discreto, reservado, exemplar pelo pudor que revela, pela modéstia, pela persistência e tenacidade: elaboração de manuais e histórias da literatura, trabalhos de lógica aplicada à gramática (de grande tecnicidade e especialização). Leia-se, por exemplo, a *História da Literatura Portuguesa — Época contemporânea*, que os Estúdios Cor têm vindo a publicar. Encontramos aí um trabalho gigantesco, um esforço ímpar, para o estabelecimento de uma história da literatura portuguesa contemporânea que ultrapasse os lugares-comuns actualmente em circulação. É espantosa a vastidão das leituras feitas, muitas vezes de textos cujo interesse se perdeu por completo e hoje só valem como testemunhos de história. É insuperável a atenção com que certos autores são revelados e outros apresentados, com que cada corrente ou doutrina é cuidadosamente estudada, explicada ou comentada, como cada movimento é encarado com inteligência e compreensão. É aqui, neste lugar reservado, que, por exemplo, se encontram algumas das melhores páginas sobre a estética da *Presença*, fundamentadas numa escrupulosa leitura de todos os textos. É aqui que a contribuição dos jornalistas e dos pensadores políticos, dos historiadores e dos filósofos (veja-se o cuidado posto na análise das obras de Delfim Santos e de José Marinho), é sempre considerada no conjunto da produção cultural de uma época. Trabalho excepcional, cuja grandeza mal entrevemos, cujo valor ainda nos não é possível estabelecer.

Mas o leitor comum tinha certa dificuldade no acesso a trabalhos deste tipo. A par disso, as críticas de jornal de Óscar Lopes são escritas num estilo tão cerrado e com uma problemática tão complexa, que o leitor menos preparado experimenta certas dificuldades em abordá-las. O que este volume agora publicado pela Editorial Inova vem criar é um contacto novo entre Óscar Lopes e o leitor. Sobretudo aquele leitor que não tem possibilidades de andar em busca dos textos essenciais, e espera que eles apareçam ao seu alcance. Acontece, assim, que um grande

(Continua na 7.ª página)



OLIVIER MESSIAEN

ou os misteriosos segundos sentidos

por José Alberto Gil

MESSIAEN NASCEU EM AVINHÃO em 1908 e cresceu no feudalismo musical de Paris entre as duas guerras. Compôs paralelamente à escola serial de Viena e depois de Auric, Poulenc e outros. Posteriormente, a obra de Messiaen desenvolveu-se simultâneamente com Boulez, Penderecky, Cage, Xenakis, apenas para citar alguns.

Messiaen. dá-nos o tremoço para apreciarmos a cerveja...

§ 1. Como é sabido, Messiaen recolheu, anotou, ampliou e reintegrou os cantos dos pássaros. Não, porém, à maneira do cuco da Sinfonia Pastoral de Beethoven, nem de Ravel, apesar de por alguns ser apelidado de impressionista. Messiaen foi um naturalista, na medida em que objectivou essas melodias, tomadas e reproduzidas no original. Na peça «Oiseaux Exotiques», para piano e orquestra de câmara, recriava com esta uma série de harmónicos (como que um novo «habitat»), que amparavam a melodia, dando, assim, inúmeras possibilidades de combinações «ecológicas» em que o piano passarolava. Isto seria, mais tarde, possibilitado fisicamente pela música electrónica.

§ 2. Na medida em que a vanguarda musical continua a encarar o ouvinte com as suas obras, quais os caminhos de regressão ao tempo cultural do ouvinte? Com Cage e Penderecky temos a destruição dos tabus artísticos em que a própria forma de transmissão é posta em causa. Tabus esses que consistem em canalizações preconceituosas em que o ouvinte tem de ouvir instaladamente a obra. São exemplo as obras para piano preparado de Cage, apresentadas em Darmstad e apelidadas por alguns de macacarias.

Com Xenakis dá-se a aglutinação dos elementos individuais para a criação de uma nova realidade que não é senão o comum estatístico desses mesmos elementos. O objectivo comum, talvez inconsciente, é uma comunicação desconcretizada, e uma tentativa de ultrapassar os níveis de menos consciência em que se acumulam os conhecimentos musicais sinestésicos e que constituem sérios empecilhos para uma comunicação temporal e musical. Messiaen toma outro caminho.

§ 3. A musica é como a matemática feita com elementos combináveis. Susceptível, porém, de tomar significações mais que quantitativas, conforme o tempo decorrido entre esses elementos. factor esse não tomado em conta na álgebra, e tomado implícitamente na geometria. O serialismo integral para o qual contribuiu o «Modo de Valores e de Intensidades» de Messiaen abstratifica todas essas relações, na medida em que as repetições de espaços melódicos são proibidas. Logo há uma impossibilidade de fazer uma estruturação atómica significante, a não ser uma estrutura considerada na extensão total da obra. Messiaen vai por uma rua de sentido contrário. Conta com uma experiência pré-existente no auditor para atingir os seus fins, na medida em que tomando as

(Continua na 7.ª página)

BERTRAND
Livraria

OS GUERRILHEIROS

por Jean Lartéguy

Uma obra que nos ensina a descobrir a justiça através da pena segura e experiente de um historiador da actualidade

Volume ilustrado de 404 páginas:
80$00

Colecção Documento de Todos os Tempos